UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI- URCA

PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA - PRPGP

CENTRO DE EDUCAÇÃO - CE

MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO - MPEDU

BEATRIZ GONÇALVES DE LIRA

FORMAÇÃO DOCENTE PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO RACIAIS: O TRATAMENTO DA PAUTA RACIAL NA LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

CRATO/CE

2023

BEATRIZ GONÇALVES DE LIRA

FORMAÇÃO DOCENTE PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO RACIAIS: O TRATAMENTO DA PAUTA RACIAL NA LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Regional do Cariri, como requisito parcial para a obtenção do título de mestra em Educação.

Linha de Pesquisa: Práticas Educativas, Culturas e Diversidades

Sublinha: Patrimônio, Práticas Culturais e Etnias

Orientador: Prof. Dr. Henrique Antunes Cunha Junior

CRATO/CE

2023

BEATRIZ GONÇALVES DE LIRA

FORMAÇÃO DOCENTE PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO RACIAIS: O TRATAMENTO DA PAUTA RACIAL NA LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Regional do Cariri, como requisito parcial para a obtenção do título de mestra em Educação.

Aprovado em: 21 / 12 / 2023

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Henrique Antunes Cunha Junior
Orientador PMPEDU /URCA

Profa. Dra. Nilene Matos Trigueiro Marinho
Membro Externo do Programa/IFCE

Profa. Dra. Luciana Venancio
Membro Externo do Programa/UFC

Profa. Dra. Cicera Nunes
Membro Interno do Programa/URCA

Ficha Catalográfica elaborada pelo autor através do sistema

de geração automático da Biblioteca Central da Universidade Regional do Cariri - URCA

De Lira, Beatriz Gonçalves

L768f FORMAÇÃO DOCENTE PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO RACIAIS: O TRATAMENTO DA PAUTA RACIAL NA LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA / Beatriz Gonçalves De Lira. Crato-CE, 2023.

96p.

Dissertação. Mestrado Profissional em Educação da Universidade Regional do Cariri - URCA.

Orientador(a): Prof.ª Dr.ª Henrique Antunes Cunha Júnior

1.Educação Antirracista , 2.Educação Física , 3.Cartilha didática pedagógica ; I.Título.

CDD: 150

Dedico aos professores que promovem uma educação antirracista.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, meu pai soberano que providência cada detalhe de minha vida que me permite sonhar na esperança de que tudo posso Naquele que me fortalece.

Agradeço a mamãe, Marli Soares, que cuida da filhinha tão bem, que apoia meus sonhos e sonha comigo até realizarmos.

Agradeço a Beatriz Lira adolescente (16 anos), por não ter parado de estudar, por ter crido que a educação é o caminho mais bonito que poderia trilhar.

Agradeço a Amanda Raquel, que me orientou na graduação, no sentido mais amplo desse termo, minha professora, minha amiga, minha irmã que a vida me deu.

Agradeço a Henrique Cunha Jr., meu orientador no mestrado, pela dedicação em me conduzir nessa pesquisa e pela partilha de suas experiências.

Agradeço ao NIGER/NEABI, meu quilombo, por ter cedido o espaço para que a pesquisa acontecesse e agradeço a todas as coordenações que passaram por lá enquanto eu estava me graduando em Educação Física, que deixaram em mim vários ensinamentos. Especificamente, a Luciano Carvalho, com sua leveza de tratar sobre a temática racial, e a Ana Paula dos Santos, pela dedicação aos estudos e pesquisas do nosso subgrupo "Divas Acadêmicas", que aconteceu de forma rápida, mas intensa.

Agradeço ao grupo de estudos NEGRER, pela riqueza de compartilhar conhecimentos afrodescendentes.

Agradeço aos participantes e colaboradores da pesquisa-formação.

Agradeço a minha turma 2022 do Mestrado Profissional em Educação da URCA; enquanto turma soubemos respeitar as individualidades e se completar no coletivo.

Agradeço as minhas amigas de longa data que viram esse sonho nascer e se realizar, que celebram comigo minhas conquistas.

Agradeço as (os) amigas (os) Eliane, Rosália, Jefferson Aleff, Paulo Tiago e Orismídio, que chegaram com o mestrado. Pelas trocas de conhecimento, por compartilhar alegrias e tristezas durante esse processo formativo.

Agradeço a minha psicóloga Sara Magna, por me ajudar a me cuidar.

Agradeço a banca escolhida: Luciana Venâncio, pela vasta contribuição à educação física e à educação antirracista. Nilene Trigueiro, por ter sido a professora que me despertou inspiração. Saiba que você foi a primeira professora que olhei e pensei "quero ser mestre igual a ela", ainda no quarto semestre da graduação. Agradeço a Cícera Nunes, pela forma simples

de engajar a temática racial na educação causando admiração pelas ricas contribuições, pela partilha intelectual e pessoal.

Agradeço a gestão do Hospital Pequeno Porte Ana Alencar Alves – HPPAAA, pela compreensão ao me liberar para que pudesse cursar meu mestrado.

RESUMO

O presente estudo trata-se de uma dissertação desenvolvida pela autora no Mestrado Profissional em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Regional do Cariri. A pesquisa lança foco no percurso formativo de discentes do curso de Licenciatura em Educação Física - IFCE/Campus Juazeiro do Norte considerando uma formação antirracista. O objetivo geral da pesquisa foi analisar o tratamento destinado as relações étnico raciais no percurso formativo dos graduandos do curso de Licenciatura em Educação Física do IFCE/Campus Juazeiro do Norte com vista a formular uma proposta pedagógica para o ensino antirracista para as aulas de Educação Física. Dispondo dos seguintes objetivos específicos: identificar na formação inicial dos discentes da Licenciatura em Educação Física como foi abordada a temática racial; realizar uma pesquisa-formação junto aos graduandos a fim de elaborar um material didático de ensino antirracista para os diferentes conteúdos de Educação Física no ensino médio. A metodologia foi de caráter qualitativo voltada para pesquisa-formação. Dividida em três etapas, a coleta de dados foi realizada. A população do estudo foi os graduandos do curso de Licenciatura em Educação Física do IFCE/campus Juazeiro do Norte tendo sua amostra composta por 15 discentes do referido curso. para análise de dados foi escolhida a análise do discurso do sujeito coletivo. Os resultados obtidos mostram que no curso de Licenciatura em Educação Física do IFCE/campus Juazeiro do Norte não há ausência, mas há ineficiência no trato de conteúdos étnicos raciais, no que tange busca da valorização cultura negra que ressalta a contribuição africana na formação da sociedade brasileira, assim como aspectos relacionados a superação do racismo, dessa maneira, a pauta étnico racial fica à mercê da predisposição de alguns professores do campus. Ao caminhar da análise vemos que tal circunstância reflete no fazer docentes dos licenciandos pesquisados que estão na fase final de sua graduação. Além dos resultados discutidos surgiu como fruto da pesquisa formação o produto educacional a cartilha “Construindo uma Educação Antirracista: Possibilidades da Educação Física Escolar”, a qual contém uma proposta pedagógica com abordagem antirracista para as aulas de Educação Física no nível médio. Trata-se de um material didático contendo temas, objetivos, curiosidades e sugestões de atividades práticas.

Palavras-Chave: Educação antirracista, Educação Física, cartilha.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIAÇÕES

BDTD – Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

BNCC – Base Nacional Curricular Comum

CNE – Conselho Nacional de Educação

EF – Educação Física

EaD – Ensino à Distância

EJA – Educação de Jovens e Adultos

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

FJN – Faculdade Juazeiro do Norte

GEPEECOS – Grupo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Educação, Corporeidade e Sociedade

GRUNEC – Grupo de Valorização Negra do Cariri

IFCE – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

NEABI – Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas

NIGER – Núcleo Investigativo de Grupos Étnicos Raciais

PCN – Parâmetro Curricular Nacional

ProUni – Programa Universidade para Todos

PPP – Projeto Político Pedagógico

SiSU – Sistema de Seleção Unificada

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

URCA – Universidade Regional do Cariri

LISTA DE FIGURAS, QUADROS GRÁFICOS E TABELAS

Figura 1 - Papai e mamãe na década de 90 ..... **18**
Figura 2 - Thiago, meu irmão e eu em janeiro/2019 ..... **30**
Figura 3 - Cartaz de divulgação do minicurso Educação Física Antirracista **51**
Figura 4 - Vivência no minicurso educação antirracista **52**
Figura 5 - Cartaz de divulgação do encerramento do minicurso **55**
Figura 6 - Registros do simpósio educação antirracista na educação básica e as possibilidades na educação física escolar **56**
Quadro 1: Educação antirracista como tema para formação de professores **37**
Quadro 2: Conteúdo da Educação Física como possibilidade de educação antirracista **42**
Quadro 3 - Disposição das aulas do minicurso **53**
Quadro 4 - Reis e Rainhas africanos **59**
Gráfico 1 - Qual sua autodeclaração racial? **51**
Gráfico 2 - Qual curso e semestre você está atualmente? **52**
Tabela 1 - Anais Artefatos da Cultura Negra **36**

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **13**
CAPÍTULO 1 – VENHO DE ONDE E PARA ONDE ESTOU INDO? UM BREVE RELATO SOBRE MEU PERCURSO FORMATIVO **17**
1.1 Contexto formativo familiar: Infância e adolescência **18**
1.2 Contexto formativo escolar **23**
1.3 Contexto formativo religioso **30**
1.4 Contexto formativo: amizades **31**
CAPÍTULO 2 - EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA E SEUS DESDOBRAMENTOS NA FORMAÇÃO DOCENTE DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA **32**
2.1 Educação Antirracista: Conceituação e reflexões **32**
2.2 Formação do docente em Educação Física Escolar e as relações raciais **33**
2.4 Possíveis aproximações da educação para relações étnicas raciais e a formação de professores de Educação Física: estado da arte **35**
CAPÍTULO 3 - METODOLOGIA **48**
3.1 Tipo de estudo **48**
3.2 População e amostra **50**
3.3 Instrumento de coleta **50**
3.4 Procedimentos de produção de dados **50**
3.5 Critérios de inclusão e Critérios de exclusão **56**
3.6 Aspectos éticos **57**
3.7 Análise de dados **57**
3.8 Descrição do produto educacional – Cartilha Construindo uma Educação Antirracista: Possibilidades da Educação Física Escolar **57**
CAPÍTULO 4 - RESULTADOS E DISCUSSÕES **58**
4.1 Categoria 1 – Origem dos discentes e os desdobramentos da escolha do ensino superior **63**
4.1.1 "Sou negro, sou pardo, sou branco": a autodeclaração racial e a origem familiar **62**
4.1.2 "Não era minha primeira opção": as motivações para o ingresso no ensino superior **65**
4.2 Categoria 2 – Abordagem dada à temática étnico racial no curso de Licenciatura em Educação Física **68**
4.2.1 A presença da pauta racial no curso de Licenciatura em Educação Física **68**
4.2.2 As expectativas acerca da temática étnico racial no ensino superior **71**

4.2.3 Educação Física escolar: Iniciação à docência e a tentativa da educação antirracista .**74**
4.3 Categoria 3 – Qual o papel do branco na luta antirracista? Implicações e possibilidades **77**
CONCLUSÃO **81**
REFERÊNCIAS **83**
APÊNDICES **88**
Apêndice A – Ficha de inscrição Minicurso Educação Física Antirracista **88**
Apêndice B – TCLE **90**
Apêndice C – Roteiro da Roda de Conversa **93**
Apêndice D – Modelo do Material Didático **94**
Apêndice E – Roteiro da Narrativa Reflexiva **96**

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa lança foco no percurso formativo de discentes do curso de Licenciatura em Educação Física considerando uma abordagem antirracista. Parte-se da compreensão que a formação ocorre por toda a trajetória profissional, as experiências oportunizam reflexões e aprendizagens sobre a atuação docente. Estudos como os de Tardiff e Lessard (2007) destacam a importância da experiência para a consolidação de saberes e constituição da identidade profissional dos professores.

No que diz respeito a abordagem antirracista, ela se baseia no fato de que o racismo faz parte da estrutura da sociedade e, por isso, precisa ser combatido tanto na sala de aula quanto na comunidade em que o aluno está inserido. Dessa forma, podemos ressaltar que ela não tem apenas o objetivo de coibir a disseminação de falas racistas, como também cumpre o papel de valorizar e ajudar na construção positiva da identidade negra.

O olhar investigativo se direcionou para a análise de temas pautados no combate ao racismo antinegro no percurso formativo de discentes que estão se graduando em Licenciatura em Educação Física, pois a Educação Física tem na sua história de formação profissional uma forte ligação com tendências educacionais que se aliam a abordagens de ensino tradicionais, pautadas no higienismo, eugenismo, seletividade, competitividade e meritocracia, as quais exerceram/exercem um jogo de força sociocultural nos discursos e práticas que envolvem as questões de gênero e raça sobre as populações negras. Estudos como o de Maranhão (2022), Xavier (2022), Venâncio *et all* (2021) e Alves (2022) evidenciam uma Educação Física apta a superar seu passado de reprodutor dos sistemas de dominação sobre a população negra com vista a contribuir para a justiça social através da sala de aula.

Durante a construção da área do conhecimento, a Educação Física passou por vários momentos históricos, por isso é importante conhecer suas principais influências que a deram origem. Segundo Maranhão (2022), no séc. XIX a estreita relação com as instituições militares e a classe médica trouxe uma função higienista que buscou modificar os hábitos de saúde e higiene da população. Dessa forma, os médicos higienistas se valeram da Educação Física, criando, através dela, modelos de uma construção anatômica que pudesse representar a classe dominante, a raça branca. Mesmo no séc. XX quando a Educação Física se formula e surge outras tendências, tais como: pedagogicista (1945-1964) e esportivista (1964-1984) etc., se percebe que, a questão racial, submergida na origem e evolução da área, pouco foi discutida na evolução de tais correntes.

A escolarização do corpo é um processo histórico que tem como objetivo a formação de um corpo dócil e disciplinado, capaz de se adaptar às exigências da sociedade. O corpo escolarizado[1] como aponta Taborda de Oliveira (2006) foi se formulando dentro de uma perspectiva homogênea em que a diversidade da composição populacional era silenciada e rejeitada. Como dito por Soares (2005, p. 18): "os corpos que se desviam dos padrões de uma normalidade utilitária não interessam". Observando a existência dos padrões estéticos pautado na população branca europeia, a população negra localiza-se fora dos padrões de privilégio, estando a margem de uma sociedade que historicamente exerceu o negacionismo da diversidade populacional.

Ser negro no Brasil é ter uma prática social, cultural e histórica que é negada como civilizada pela sociedade dominante, portanto, é estar sujeito a diversas facetas do racismo, preconceito e exclusão social e cultural com relação aos padrões hegemônicos. O racismo na sociedade brasileira se consagra dentro de uma perspectiva estrutural que, no decorrer dos tempos, foi sendo tratada como algo natural pela maioria da população, gerando uma ideia de normalidade que afeta e afetou as formas de organização das práticas sociais. Como salienta Almeida (2018), é possível entender que o racismo é uma forma de discriminação que tem como ponto alvo a raça, onde essas práticas podem ocorrer de forma consciente e inconsciente, tendo como ponto mais alto as desvantagens e privilégios, dependendo de qual grupo racial o indivíduo pertença.

Gomes (2002) aponta que há um discurso social que inferioriza o corpo pela sua cor da pele e ressalta que o regime escravista possibilitou estabelecer uma relação desumana com o povo negro, que passa a ser discriminado e inferiorizado por características corporais, em que é utilizado para definir padrão de beleza, confiança, lealdade e hierarquização das raças.

Entretanto, não se resume apenas a cor da pele e outras características fenotípicas, pois racismo é um sistema que desqualifica socialmente e profissionalmente a população negra. Sendo assim, o que provém da população negra passa a ser inferiorizado como suas práticas culturais, suas preferências religiosas, suas produções acadêmicas. É interessante perceber que em consequência desse discurso social outras formas de expressão da população negra são atingidas de forma negativa. Em vista disso, é possível compreender quando consideramos que o racismo tem como solo fértil na relação de poder. Conforme Almeida (2018), o racismo, do

[1] O termo "corpo escolarizado" é utilizado para se referir ao corpo que é moldado e disciplinado pela escola. O corpo escolarizado é um corpo que foi submetido a uma série de normas e regras que visam controlar seus movimentos e comportamentos, tornando-o mais eficiente e produtivo.

ponto de vista teórico, cria as condições sociais para que, direta ou indiretamente, grupos racialmente identificados sejam discriminados de forma sistemática.

Por conta disso, acreditamos na importância de tratar sobre essas relações de poder que dão suporte ao racismo dentro dos cursos de formação em geral e, em particular, na educação física, bem como isso afeta a população negra. Como analisa Silva (2011), o currículo é formador de identidades e sua organização se dá dentro de uma relação de forças em que prevalece os interesses de quem detém o poder, o que influencia no processo de apropriação das práticas culturais da sociedade.

Especificamente na educação física, as relações étnicas raciais precisam ser aprofundadas para que as práticas corporais[2] e a sua diversidade não sejam negligenciadas nas aulas. Vale salientar que as práticas corporais na educação física são atividades que envolvem movimento corporal e que podem ser realizadas individualmente ou em grupo. Elas incluem brincadeiras, jogos, esportes, ginásticas, danças, lutas e práticas corporais de aventura.

Ao contrário do que ocorre, espera-se que a formação de professores de educação física veja uma possibilidade de mudança de postura para o ensino das práticas corporais na escola, com maior diversidade de suas práticas, em que predomine o conhecimento da cultura corporal para além de um perfil europeu e branco. A educação física, assim como outros componentes curriculares, precisa atender seus alunos na perceptiva de auxiliar na construção de um pertencimento étnico-racial positivo.

Diante dos aspectos apresentados questiona-se sobre o lugar dos problemas que afetam a população negra enquanto conhecimento a ser aprofundado na formação em Educação Física nos cursos de licenciatura. Como temas relacionados a população negra foram tratadas no percurso formativo dos graduandos de Licenciatura em Educação Física? A formação inicial tem discutido sobre? Quais as implicações das experiências vividas em seu percurso formativo para o desenvolvimento de propostas de ensino antirracista?

O lugar que se deseja ocupar é o da reflexão e transformações das práticas pedagógicas em Educação Física na escola. Deseja-se a consolidação de uma corporeidade que não negue a diversidade populacional e que com ela aprenda a ser humano, empático, solidário e antirracista, trabalhando em prol da construção de uma identidade negra positiva.

A presente pesquisa justifica-se, portanto, na fomentação dos debates acerca do tema com base no dispositivo legal de n°10.639/03, o que torna oportuna a integração do combate ao

[2] A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) da Educação Física Escolar divide as práticas corporais em seis categorias: brincadeiras e jogos; esportes; ginásticas; danças; lutas; e práticas corporais de aventura.

racismo nas aulas de Educação Física. Embora a Lei n°10.639/03 estabeleça que se deve incluir no currículo oficial da rede de ensino público a temática "História e cultura Afro-brasileira", ainda há muitas lacunas na aplicação da lei citada, o que acaba negligenciando o conhecimento desse aspecto tão importante para a formação cidadã. Portanto, nesse ensejo que se torna necessário aplicar uma pesquisa-formação junto aos discentes do curso de Licenciatura em Educação Física, procurando elaborar uma proposta de ensino antirracista para os diferentes conteúdos da Educação Física, dessa maneira, foi realizada uma intervenção pautada na e para a Educação das Relações Étnico-Raciais, atendendo assim o cumprimento da lei supracitada.

Diante de tantas questões advindas do contexto histórico da Educação Física, a negligência dos educadores em colocar em ação a Lei 10.639/03 no currículo do ensino superior, vemos a necessidade do aprofundamento da temática numa formação continuada, proporcionando uma formação mais inclinada às pautas das populações negras, buscando algumas reparações históricas.

Faz-se necessário fomentar pesquisas no campo da educação física que tenham como foco as discussões sobre o racismo. Acreditamos que por meio de estudos que aliem a formação profissional docente e o debate antirracista estar-se fomentando o debate para novas possibilidades formativas do professor de educação física. Tal pesquisa torna-se relevante socialmente quando contribui para articular propostas de ensino antirracista nas aulas de Educação Física, buscando compreender as práticas corporais para além das práticas hegemônicas.

Dessa forma, o objetivo geral da pesquisa foi analisar o tratamento destinado as relações étnico raciais no percurso formativo dos graduandos do curso de Licenciatura em Educação Física do IFCE/Campus Juazeiro do Norte, com vista a formular uma proposta pedagógica para o ensino antirracista para as aulas de Educação Física. Acompanhado dos seguintes objetivos específicos: Identificar na formação inicial dos discentes da Licenciatura em Educação Física como foi abordada a temática racial; e, realizar uma pesquisa-formação junto aos graduandos a fim de elaborar um material didático para o ensino antirracista de diferentes conteúdos da Educação Física no ensino médio.

A pesquisa foi desenvolvida no Programa de Mestrado Profissional em Educação da Universidade Regional do Cariri – URCA, cujo programa tem como finalidades[3]: proporcionar uma fundamentação teórica sólida voltada a compreensão da educação sob uma perspectiva de totalidade, critica e dialética; Incentivar a formação permanente e discussão sobre o

[3] http://www.urca.br/mpe/apresentacao/

ordenamento legal e curricular na intenção de manter atualizado o currículo das escolas de educação básica; Promover discussões das problemáticas educativas, focalizando o currículo em suas múltiplas modalidades e interpretações; Propor ações de intervenção inovadoras de ensino-aprendizagem para o ambiente escolar; Incentivar experiências que permitam a construção de práticas pedagógicas inovadoras; Estimular a pesquisa e a produção acadêmica sobre gênero e diversidade étnico-racial; e, Compreender as complexas abordagens e conflitos quanto as questões de gênero e relações étnico-raciais no âmbito educacional.

Como resultados dessa pesquisa temos a presente dissertação e um produto educacional. A dissertação foi composta por introdução, quatro capítulos, considerações finais e referências bibliográficas. O capítulo 1 - Venho de onde e para onde estou indo? Um breve relato sobre meu percurso formativo integra a autobiografia da pesquisadora. O capítulo 2 - Educação antirracista e seus desdobramentos na formação docente do professor de educação física compõe o referencial teórico da pesquisa. O capítulo 3 - Metodologia comporta todo o percurso metodológico trilhado pela autora e descrição do produto educacional. O capítulo 4 - Resultados e discussões abarca 4 categorias de análise, as quais são: Categoria 1 - Origem dos discentes e os desdobramentos da escolha do ensino superior; Categoria 2 - Abordagem dada a temática étnico racial no curso de Licenciatura em Educação Física; Categoria 3 - Educação Física escolar: Iniciação à docência e a ocorrência do racismo na escola e a Categoria 4 – Qual o papel do branco na luta antirracista? Implicações e possibilidades.

A cartilha educativa *Construindo uma Educação Antirracista: Possibilidades da Educação Física Escolar*, consiste no produto educacional construído coletivamente entre os participantes da pesquisa. Trata-se de um material de cunho pedagógico, direcionado a professores de Educação Física da Educação Básica, com linguagem clara e objetiva, tendo como principal objetivo apresentar uma discussão sobre temas afrodescendentes, mostrando possibilidades de tais temas serem trabalhados nas aulas de Educação Física no nível médio.

CAPÍTULO 1 – VENHO DE ONDE E PARA ONDE ESTOU INDO? UM BREVE RELATO SOBRE MEU PERCURSO FORMATIVO

Iniciar a escrita desta narrativa não é tão rápido quanto pensar nas minhas vivências, é me permitir visitar as memórias e retornar a elas várias vezes a cada caractere digitado. A princípio a ideia assusta, escrever uma autobiografia sendo que me sinto tão nova e ainda no ápice do curso da vida, então, vou encarar essa escrita não como uma biografia daquelas que estão num livro grosso de capa dura timbrada, mas como uma partilha de momentos íntimos da

minha vida e também de minhas dúvidas, descobertas e conquistas para discutir e refletir sobre algumas questões da sociedade contemporânea, como se fosse numa conversa. Então vos apresento um complexo de memórias organizadas que compõem essa narrativa biográfica.

1.2 Contexto formativo familiar: Infância e adolescência

Sou Beatriz, "a que traz felicidade" ou "aquela que faz os outros felizes", esse é o significado que carrego em meu nome. Nascida às 08:05 do dia 19 de janeiro de 1996, filha de Marli de Ciço Paulo lá do sítio Riacho Seco do Meio, zona rural de Caririaçu/CE[4], e filha de Edmilson J. de Lira, filho do mestre Francisco de Juazeiro do Norte, a terra do Padre Cícero. Sou natural de Juazeiro do Norte, cidade localizada na região do Cariri, no sul do Ceará. Tenho três meios irmãos, frutos do primeiro casamento de meu pai e mais um irmão do segundo casamento, esse com minha mãe, sou a filha mais nova dos dois.

Figura 1- Papai e mamãe na década de 90

Fonte: Arquivo pessoal

No que diz respeito aos meus avós, meu avô paterno foi um mestre de obras, cuja especialidade era construção de igreja. Ele foi responsável por construir a igreja dos Salesianos e a igreja dos Franciscanos em Juazeiro do Norte junto ao meu bisavô, dessa forma ele era bem respeitado na capital da fé. Meu pai enveredou no ramo das obras por conta do vovô Francisco, mas logo se tornou eletricista, essa foi sua profissão. Meus avós maternos eram da agricultura familiar, minha mãe nunca foi para a roça trabalhar no pesado, pois era a mais velha e única filha mulher de um total de cinco filhos, então ficava em casa cuidando dos irmãos, logo se interessou mais por trabalhos manuais, minha avó materna a apoiava e a levava para fazer

[4] Cidade que fica a 20km de Juazeiro do Norte.

cursinhos com as artesãs da região, quando Vó Beata saia para trabalhar na roça ela aproveitava para treinar corte e costura, assim se tornou costureira. Exerce a atividade até hoje, somando 50 anos de ofício. Meus pais não concluíram o ensino fundamental, então suas profissões não vieram através de diplomas.

Convivi com meus pais juntos até meus 4 anos e meio, depois disso meus pais se separaram após 12 anos de união estável. Mamãe se tornou mãe solo, cujo termo é o novo jeito de dizer que a mãe cria, educa, ama e é a única responsável pelo filho, faz tudo sem contar com o apoio do pai da criança. É uma mãe que se torna responsável financeiramente pela criança, dá amor, carinho, proteção e tem a força para fazer tudo isso sem a presença de um homem. Fui criada por ela juntamente com meu irmão quatro anos mais velho, Thiago. Em consequência da separação dos meus pais, acabei convivendo mais com minha família materna, pois mudamos para Sítio Riacho Seco do Meio, e o convívio com meu com lado familiar paterno era eventual quando íamos a Juazeiro do Norte, se resumia a visitas a minha tia Toinha e a papai e férias escolares. Não conheci meus avós paternos, Seu Francisco Juvêncio e Dona Cícera Lira, pois eles faleceram antes que eu pudesse me entender como gente, mas morava do ladinho da casa dos meus avós maternos, Seu Cícero de Paulo e Beatriz Soares, ou simplesmente beata.

Sou uma mulher cisgênero[5] heterossexual, branca, cabelos cacheados escuros, olhos verdes, lábios grossos, nariz longe de ser fino. Não tenho filhos. Sou fruto de uma relação interracial, sendo a única branca entre os irmãos. Mamãe é branca, olhos verdes, cabelos lisos escuros e curtos, altura mediana. Papai era preto, mas não gostava que o identificasse como tal, tinha cabelos crespos grisalhos cortados baixinhos, altura mediana. Schucman *et all* (2017) ressalta que a dinâmica da negação é apenas uma das diversas formas com que os sujeitos lidam com as tensões raciais de nossa sociedade, não sendo possível generalizar. Contudo, sua formulação é importante para a compreensão de um dos efeitos psicossociais do racismo brasileiro.

Nota-se que havia uma grande dificuldade de auto afirmação da sua negritude por parte de meu pai, isso se dá por conta da ocorrência do racismo na sociedade, tensão essa que o indivíduo branco nem chega a passar, pois geralmente não chega a ser racializado, pois em uma conjectura racista o branco é visto como ser universal, entretanto, é importante entender assim como existe a negritude há também a branquitude. A população negra é racializada na maioria

[5] Mulher cisgênero, ou simplesmente "cis", é o termo usado para aquelas mulheres que vivem de acordo com o gênero designado ao nascer, o gênero feminino, ou seja, que não são transgênero ou não-binárias.

das vezes para destacar sua vulnerabilidade social, e por que não acontece o mesmo recorte com a população branca reconhecendo seus privilégios sociais?

O Sítio Riacho Seco do Meio é um dos três sítios que levam o mesmo nome: Sítio Riacho Seco de Cima; Sítio Riacho Seco do Meio e Sítio Riacho Seco de Baixo, ambos são pertencentes ao município de Caririaçu e o que os aproxima é o fato do mesmo riacho traçar as três localidades. Eu quando criança achava curioso esse nome repetido e perguntei a minha mãe o motivo, então ela me contava uma história da possível origem do nome, mas tal história não está registrada em nenhum documento oficial, é um registro da oralidade. Pois bem, anteriormente o sítio era chamado Atalho Grande por ser um sítio que dava acesso a outros, mas tinha um detalhe que marcava o lugar, o riacho era sempre seco, onde os habitantes dali tinham que cavar cacimbas profundas para achar um olho d'água para consumir água, então em 1958 passou a ser chamado oficialmente como Sítio Riacho Seco do Meio.

Fui criada junto a minha família branca lá no sítio, logo não tive muito contato com cotidiano da minha família negra, não conheci as histórias antepassadas, nem tampouco as marcas deixadas pelo racismo, mas aprendi desde pequena ser a autora de ataques racistas porque essas falas preconceituosas eram comuns no dia a dia da minha família materna, notoriamente reprodução do racismo no cotidiano. Até hoje eu não sei sobre a ancestralidade africana da minha família materna, não falavam muito, mas provavelmente deve ter.

Veja bem, lá na comunidade rural éramos todos pobres, mas minha pele branca me fazia me sentir superior quando criança, aliás eu era uma criança metida por ter vindo da cidade, tal comportamento foi mudando ao longo do tempo, pois pude construir valores sociais diante da simplicidade do sítio, sinto que me tornei uma versão melhor ainda na adolescência.

Tenho memórias deliciosas da minha infância no sítio, pois eu tive muita liberdade para ser criança, brinquei muito com as crianças da vizinhança pelos terreiros, na areia do riacho, brincar de "tomar banho de rio". Houve muito a presença de brincadeiras populares: toca se esconder, garrafão, papa latinha, e com minhas primas brincávamos de boneca (mãe e filha), Barbie, comidinha, casinha na árvore.

Tenho uma memória afetiva muito grande com o pé de seriguela da minha vó, lá eu brinquei muito de casinha com minhas primas, cada galho era um cômodo da casa. Minha rotina era acordar, tomar café e ir brincar, estudava, ia comer fruta no pé, aproveitava a safra de manga, de "siri", pinha, goiaba etc. Lembro que fui deixando de brincar aos poucos, bem naturalmente, findando aos meus 13 anos, após isso nosso grupinho de amigas tinha outras programações, os eventos locais religiosos e/ou escolares.

Avançando mais na adolescência, percebo mais algumas reproduções dos padrões estéticos corporais, aprendi cedo que o belo era o sujeito branco, mesmo assim meus traços étnicos não deixaram de ser alvo do olhar preconceituoso no âmbito familiar e social, ouvia frases como: “tão branquinha meu Deus e o cabelo tão ruim”, “por que tu não puxaste os cabelos lisos da tua mãe?”, “se Beatriz alisasse o cabelo ficava mais bonita”. Aos 15 anos, alisei o cabelo, pronto, comprei meu passaporte para usufruir da plena branquitude, não foi suficiente, havia outros traços para apagar: “e essa gengiva escura? Gengiva escura é coisa de gente preta” – falaram.

Eu ficava um tempão na frente do espelho olhando e perguntando de onde vinha, porque mamãe tem a gengiva rosinha e meu irmão mais escuro que eu também tinha gengiva rosinha, estes eram os pensamentos de uma adolescente buscando aceitação externa. Dessa forma, meus cabelos, nariz e até a gengiva foram alvos de discriminação. Na infância e adolescência por muito tempo reproduzi discursos racistas sem nem saber o que era de fato, pois o racismo é estrutural, vai acontecendo e você nem se dá conta, exceto se desde cedo você tiver oportunidade de ter letramento racial no âmbito escolar ou familiar. Hoje, com consciência racial, entendo bem a conjuntura que se insere em algumas vivências minhas, de onde elas partem e a quem elas atingiram, portanto reproduzi racismo, passei por discriminações. Vale ressaltar que eu enquanto uma mulher branca, não sofro racismo, embora meus traços étnicos sejam alvo de discriminações, minha vulnerabilidade social não será racial, mas sim de gênero e classe.

Prosseguindo o acontecimento do alisamento, o cabelo cresce, não é?! E lá vai meu cabelo cacheado aparecendo, vai ter que fazer a raiz de novo... Tenho uma memória muito marcante desse período, estava eu na frente do computador à tarde, mamãe se aproxima, mexe no meu cabelo e pergunta: “tu preferia ter nascido preta do cabelo bom ou branca com o cabelo ruim?” Eu respondi na hora com um tom cômico: “prefiro assim do que jeito é: branca do cabelo ruim, porque o meu cabelo posso mudar e a minha cor não”, risadas rolaram.

Na época achei engraçada essa resposta, hoje em dia vejo o teor racista, mas percebo que mesmo de forma inconsciente sabia as implicações do que é ser negro no Brasil, não é uma fala de se orgulhar, mas foi lembrando dela e de outros acontecimentos que anos depois me veio a tomada de consciência “sou racista”, eu preciso mudar isso. Fui me educar com o pessoal do movimento negro, entrei em grupos de estudos, vi pesquisas, vi vídeos no Youtube e passei a frequentar eventos acadêmicos sobre a pauta racial. Foi nesse contexto que tive mais respaldo para assumir meu cabelo natural, havia passado dois anos de cabelos alisados, encarei a transição capilar em 2012, usei o cacheado em 2013, depois alisei novamente em 2014, usei o

liso por um ano, encarei uma nova transição capilar em 2015/2016 e atualmente uso ele totalmente cacheado há sete anos, bem solto, com volume do jeito que eu gostava na infância e adolescência, mas era repreendida. Meu cacheado enfrenta olhares, chama a atenção de admiradores, como também dos comentaristas maldosos que não aceitam que o cacheado precisa de espaço para cima e para os lados, entretanto, quando se fala em cabelo, sabemos que o crespo sofrerá mil vezes mais violência racista que os cacheados, meu alvo é esse.

Costa (1983, p. 2-3) observa que:

> A violência racista do branco é exercida, antes de mais nada, pela impiedosa tendência a destruir a identidade do sujeito negro. Este, através da internalização compulsória e brutal de um ideal de Ego branco, é obrigado a formular para si um projeto identificatório incompatível com as propriedades biológicas do seu corpo.

Falas como “cabelo ruim e cabelo bom” tratam-se de um ataque a identidade negra, visto que a convenção social dita que o cabelo ruim é o cabelo crespo/cacheado, tal traço fenótipo oriundo da população negra, e o cabelo bom o cabelo liso presente na população branca, em sua maioria. Por causa dessa violência racista há tantas mulheres negras e não negras que possuem cabelos cacheados/crespos que buscam por alisamentos que chegam a danificar a saúde dos fios, tudo em nome da beleza, cuja beleza foi construída baseada na branquitude.

Após meu avô ficar viúvo em 2017, nos aproximamos muito, eu gosto de conversar com ele por inúmeros motivos, vou citar aqui duas situações que ambas envolvem relacionamento amoroso. Certo dia ele me pediu ajuda para arrumar uma noiva, perguntei o que ele procurava na futura esposa, além das características de personalidade, ele falou das físicas e nenhuma delas chegava perto do fenótipo de uma mulher negra, na hora eu perguntei: “porque vô não gosta de mulher negra?” a princípio ele não soube me responder, mas logo me contou uma história da juventude: “antes de eu namorar Beatriz eu namorei um tempo com uma moça escurinha, eu gostava dela rapaz, mas papai descobriu e mandou eu acabar com tudo”, e eu lá atenta ouvindo a história e visualizando toda a problemática do racismo no contexto amoroso, ele continuou “Papai disse que não queria que eu casasse com a escurinha, mas ela nem era tão preta assim depois comecei a namorar com Beatriz e pedi ela em casamento...”.

A partir desse diálogo eu pude compreender de onde partia algumas questões da minha família nesse contexto, todo o olhar de desaprovação por parte deles ao me relacionar com homens pretos, e da dificuldade da minha mãe de casar-se com meu pai, um homem negro. Falar nisso quando eu era criança lembro repetidas vezes da minha mãe contar para amigas: “Beatriz não gosta que chame o pai dela de preto não, pergunta aí a ela que cor é o pai dela”,

“Que cor é teu pai Beatriz?” – falou a amiga da minha mãe, “Papai não é preto, papai é café com leite” – respondi. Não lembro com exatidão minha idade, acho que uns 7 anos, mas eu penso como foi que eu aprendi isso? Sabemos a resposta.

Atribuo o fato de apenas conviver com minha família materna os episódios de não reconhecer em mim meus traços étnicos, o que me fez não me sentir pertencente à negritude em muitos momentos da minha infância e adolescência. Queria ter acessado essas vivências, ensinamentos da oralidade vinda dos mais velhos, até hoje eu não sei de onde vieram meus ancestrais. Veja, em 2021 em um momento reflexivo eu vim perceber que eu não tenho muito conhecimento sobre minha família paterna, mesmo sabendo que majoritariamente são negros, eu nem sei se eles se reconhecem como tal. Meu pai faleceu em 2018 e Tia Toinha em 2019, minhas únicas referências familiares negras mais próximas.

1.2 Contexto formativo escolar

Tenho uma relação com educação muito estreita, não por ser professora atualmente, mas por ter sido aluna por uma vida. Sou professora de Educação Física formada desde 2019, é um pingo de tempo em comparação a minha trajetória enquanto aluna. A educação me levou a lugares que eu não imaginava que estaria, mas não posso negar que eu sabia que ela me levaria a “chegar lá”, pois para mim ela é o caminho. Tive apoio da minha mãe desde cedo para estudar e ela teve sorte por ter uma filha que gosta de estudar, logo não teve tanto trabalho, mas teve que ter muita garra para sustentar uma menina que sonhava mais do que o dinheiro podia nos levar.

Aos 4 anos ingressei na escolinha Riscos e Rabiscos, estudei na rede privada meio ano letivo, mas com a mudança para o sítio fui transferida para a creche Soldadinho de Chumbo, com 6 anos fui para o ensino fundamental na E.E.F José Serafim de Oliveira, ambos eram perto da minha casa dava para ir a pé sem se cansar, a parte incômoda era quando tinha as enchentes no riacho, se rio possibilitasse passagem íamos, mas na condição de sujar os pés na lama na ladeira do rio. Com 10 anos fui estudar na E.E.F Joaquim Alves Feitosa na Vila Feitosa, um distrito de Caririaçu que fica a 4,5 km do meu sítio, para chegar lá precisava ir ao transporte escolar, que nada mais era que uma caminhonete contratada pela prefeitura.

Durante todo meu período escolar cursei em escolas públicas com muita dificuldade, tanto financeira quanto de locomoção, pois minha casa era de difícil acesso, sendo nosso terreno cercado por um rio e a cada enchente ficávamos ilhados. Como filha de pais separados, minha mãe que sustentava nossa família com ofício de costureira, meu pai não era tão presente, pois

ele optou por casar-se pela terceira vez após 5 anos da separação de mamãe, decidindo também se distanciar de nós. Mesmo com o comunicado em uma conversa entre família eu não deixei de sentir bastante sua ausência.

Mesmo em meio às adversidades sempre me dediquei muito a escola e nunca perdi nenhum ano letivo, com assiduidade conclui o ensino médio aos 16 anos na E.E.M. São Pedro, em Caririaçu. Após o término do ensino médio fiz vestibular na rede privada, fiz o Enem 2012 (Exame Nacional do Ensino Médio) e passei no SiSU (Sistema de Seleção Unificada) para o curso de Licenciatura em Educação Física no IFCE/Campus Juazeiro do Norte, por causa das condições financeiras que não eram favoráveis para eu iniciar um curso presencial, não fui me matricular, e principalmente porque esta não era minha primeira opção, meu grande sonho na época era ser nutricionista, então passar no SISU não era meu foco, e sim conseguir uma bolsa do Programa Universidade para Todos (ProUni), pois o Bacharelado em Nutrição só tinha na rede privada, porém não desisti e persisti no meu sonho de cursar o ensino superior.

Aos 16 anos, eu já tinha certeza de que eu queria cursar uma graduação, para isto o apoio da mamãe eu já tinha, nem sempre o dinheiro correspondia, aliás sempre tive o apoio de mamãe em tudo que diz respeito aos estudos, mas naquele momento eu queria mais do que nunca o apoio do meu pai, financeiro e moral. Papai não era rico, mas ele tinha estabilidade financeira, concursado aposentado, morava em Juazeiro do Norte e a faculdade que eu queria era lá, que cenário perfeito não é mesmo?!

Quando saiu o resultado dos exames eu marquei um encontro com ele em casa. Eu já conhecia o jeitinho difícil de papai, e mãe mais ainda, mas o que eu achei mais legal é que ela não cortou minhas asas e me deixou tentar. No tal dia, estávamos sentados na calçada da casa, ali eu contei todos os meus desejos, meus sonhos, e aí eu disse: “Papai eu quero fazer faculdade de nutrição, quero ser nutricionista” e ele lançou um: “Ah minha filha, querer não é poder”, eu: “Por que papai?”, “Ah minha filha a faculdade que você quer é para rico, e você é pobre, e pobre tem que procurar uma faculdade pública” eu disse: “Papai, pois o senhor não vai fazer comigo a mesma coisa que fez com Thiago”, ele: “e o que eu fiz com Thiago?”. Nesse momento eu não aguentei, as lágrimas vieram, eu senti um descaso com meus planos, levantei, fui à cozinha, bebi água, voltei como se nada tivesse acontecido, papai ficou sem resposta, porque eu sabia que Thiago, meu irmão, tinha deixado de estudar porque papai se recusou a ajudar, mas talvez papai não tivesse essa consciência naquele momento.

“Quero fazer faculdade” para papai essa era uma opção quase nula, porque sou pobre, mas para mamãe era uma opção que poderíamos alcançar, não tão fácil, mas vamos seguindo. Eu sempre achei animador ouvir ela dizer: “a única herança que vou deixar para meus filhos é

o estudo". Após o ensino médio eu tomei as rédeas do meu percurso formativo, porque já fugia do entendimento dela, mas a confiança que ela sempre teve em mim me fortalecia mesmo diante das adversidades.

Seguindo a trajetória de estudos, em 2013 ganhei uma bolsa parcial do Educa Mais Brasil, fui estudar um curso totalmente diferente da minha área atual e claro que eu marquei outro encontro com papai para dizer a ele que eu que tinha conseguido entrar na faculdade. Sabe, antes eu sentia uma necessidade imensa de provar que eu podia sim realizar meus sonhos, hoje em dia eu até compreendo aquele sentimento da adolescência, pois foi muito desafiador aquele discurso, ora, imagina dizer um não para uma garota decidida a estudar, porém hoje vejo que não é necessário se prender ao sentimento de aprovação alheia, faça por você, sem esperar aceitação de ninguém.

Com a ajuda financeira de um tio iniciei o curso de Gestão em Turismo, na modalidade EaD (Ensino à Distância) na Universidade Estácio de Sá, a escolha se deu porque era um curso que meu irmão havia iniciado numa escola profissionalizante e eu achava legal, mas não era o que eu almejava, então tranquei o curso após dois semestres. Sabe qual era o lance de tudo isso!? No fundo eu tinha receio, não queria dar pausa nos estudos, eu imaginava ficar um ano todinho esperando o Enem sem vínculo com nenhuma instituição, existia medo ali de parar e acabar perdendo o ânimo de estudar, consequentemente me tornar apenas mais uma dona de casa do sítio, era essa a realidade das moças da comunidade rural que eu morava. Percebo hoje que eu não precisava me jogar logo numa faculdade, poderia ter ido com mais cautela, mas como eu ia saber? Não havia uma orientação de carreira, não tinha outra pessoa no meu seio familiar que havia ingressado no ensino superior, ser a pioneira tem muitos desafios. você vai descobrindo sozinha, pois o caminho só existe quando você passa.

Fiz o Enem 2013, passei mais uma vez no SiSU para o curso de Licenciatura em Educação Física no IFCE/Campus Juazeiro do Norte, na chamada do SiSU 2014.1. Dessa vez eu quis cursá-lo, me sentia insegura em saber que poderia não conseguir novamente a bolsa do ProUni. Em janeiro de 2014 completei 18 anos, fui realizar a matrícula sozinha, um marco para mim. Ingressei no período 2014.1, as aulas iniciaram em 28 de maio, cujo curso foi concluído com êxito.

Na chamada 2014.2 do Programa Universidade para Todos (ProUni), fui aprovada em Nutrição na FJN (Faculdade Juazeiro do Norte), sim Nutrição, aquele curso "que só gente rica faz", que o meu pai havia me vetado porque era em uma faculdade particular. Fiquei feliz demais, tudo que havia sonhado estava se realizando, e claro que eu liguei para papai para contar, o retorno foi dos melhores, a conversa já mudou, "Parabéns minha filha, você já é uma

vencedora tantos por aí querem passar em uma e você passa logo em duas". Perdi o prazo da matrícula, porque vi o resultado já no último dia de matrícula e não tinha transporte para ir até lá se quer conseguir realizar a matrícula, continuei na Licenciatura em Educação Física. Vale ressaltar que sofri muito durante a adolescência com o abandono parental[6] paterno, confesso que essa busca incessante por um olhar mais cuidadoso do meu pai me desgastou sentimentalmente falando, não é interessante cobrar por algo que deveria ser incondicional.

Mediante os sonhos de outrora hoje me sinto realizada, a princípio imaginava que fosse enveredar para o ramo do *fitness*, essa foi a primeira intenção ao cursar Educação Física, pois mesmo com minha preferência pela nutrição, a Educação Física chegava como a segunda opção, justamente porque favorecia esse ambiente de promoção da saúde, porém ao ingressar no curso as disciplinas da licenciatura foram me encantando. Atualmente a Educação Física Escolar é onde eu faço carreira, pretendo atuar de forma significativa na vida de meus alunos através de uma abordagem antirracista.

Poderia falar só até aqui, porém resolvi destacar algumas lutas que passei durante o período de graduação, pois foi nessa etapa que o meu relacionamento com Deus se estreitou, fazendo com que eu percebesse ainda mais o agir Dele na minha vida.

Quem é estudante de baixa renda ou acompanha algum de perto sabe que as lutas dentro da faculdade são diárias seja relacionado a aprendizagem ou ao contexto geral que o discente se insere. No início do curso passei muita dificuldade financeira, por questão transporte, não tinha ônibus gratuito[7] à tarde e a tarifa do transporte de cooperativa sempre foi alta no trecho Caririaçu/Juazeiro do Norte. Sei que bolei demais no transporte público, nos ônibus da Lobo (antiga empresa de ônibus que circulava na cidade de Juazeiro do Norte que chegou a falir), enfrentando as greves tanto da empresa de ônibus, quanto do IFCE, durante meu curso enfrentamos duas greves institucionais.

Em 2015, a mamãe se aposentou como agricultora rural, então a vida foi dando uma melhorada por conta da renda fixa, essa altura já estávamos morando na cidade desde 2013 para facilitar o translado para faculdade, houve dias que chorava no ônibus, orando por um transporte para mim, era cansativo, viajar 70 km todo dia e não ter hora certa para chegar em casa, porém

[6] O abandono parental se dá quando os pais ou genitores da criança não cumprem com a sua devida obrigação legal de garantir o lazer, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, segundo o artigo 227 da Constituição Federal.

[7] A prefeitura de Caririaçu ofertava transporte gratuito para os estudantes do ensino superior que estudam nas cidades vizinhas: Juazeiro do Norte e Crato.

só no meu terceiro ano de faculdade mamãe conseguiu pagar minha CNH[8] categoria AB e comprar uma moto para mim após um ano habilitada.

Diante desse novo contexto tive acesso a ambientes e vivências que podem ser consideradas parte do cotidiano na vida dos demais, mas para mim era inédito como tomar sorvete com frequência; ir ao cinema a primeira vez com 18 anos; ir a uma pizzaria aos 19 anos; minha primeira viagem para fora do estado foi para Exu/PE e fora com a mesma idade.

Com o passar do tempo financeiramente as coisas foram melhorando, fui bolsista por dois anos na faculdade de programas diferentes: extensão, monitoria, iniciação à docência, minhas experiências de bolsista foram com natação, dança e basquete. Pude viajar para eventos por conta do IFCE e meu interesse pela pesquisa, então conheci Fortaleza, João Pessoa, Recife, Salvador e algumas cidades do interior do Ceará.

Falar em pesquisa, não posso deixar de descrever essa paixão que vem acompanhada pelo contato com ambientes que me inspiraram, os grupos de estudos, o primeiro grupo que integrei foi o NIGER - Núcleo Investigativo de Grupos Étnicos Raciais me marcou de tal forma que definiu qual seria meu campo de pesquisa que contribuo até hoje, e o segundo foi o Grupo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Educação, Corporeidade e Sociedade (GEPEECOS), onde aprendi muito sobre metodologias de pesquisa, publiquei o meu primeiro artigo sobre lazer e religião em um capítulo de livro.

Minha chegada ao NÍGER em 2016 não foi por meio de editais, nem muito menos com convite especial na minha caixa de e-mail, aconteceu de forma natural, foi na simplicidade de uma boa conversa entre amigos que fui me sentindo pertencente daquele espaço, logo eu vi que aquela sala não era só um lugar para repousar no intervalo, como alguns estudantes do campus a via, mas sim um espaço formativo que pudesse expressar minhas ideias, assim de maneira bem espontânea logo me senti parte daquele coletivo abraçando uma luta para a vida.

Eu poderia dizer que sou membro do Núcleo de Estudo Afro-brasileiro e Indígena - NEABI - Campus Juazeiro do Norte, provavelmente muitos de vocês leitores saberia quase que automaticamente do que se trata esse grupo, porque o NEABI é um espaço institucional que existe em várias instituições de ensino superior, mas diferente de outros campuses no nosso já existia um grupo que antecede o NEABI, o NIGER, grupo que dá origem a ele.

Em 2017, o NIGER entendeu a necessidade de institucionalizar-se, inaugurando assim, o NEABI/Campus Juazeiro do Norte. Desde então, o NEABI tem ampliado os estudos sobre a cultura negra e indígena e em colaboração com eventos como Artefatos da Cultura Negra e com

[8] Carteira Nacional de Habilitação

o Grupo de Valorização Negra do Cariri- GRUNEC, os quais já mantinham vínculos com o NIGER.

Cada integrante do grupo tinha um perfil de contribuição, o meu foi na pesquisa, os demais nas ações coletivas, assim cada um dali pode expandir suas experiências formativas de forma livre dentro das vertentes da pesquisa, ensino e extensão.

Chegamos em 2018, meu último ano de faculdade, agora é só sucesso, pensava eu. Em junho fizemos as fotografias que antecedem a formatura, todo mundo bonito lá. O semestre 2018.1 acabou em outubro, e no mesmo mês já começava 2018.2, o calendário era assim apertado devido às duas greves institucionais consecutivas já citadas aqui.

Meu último semestre meu pensamento era "monografia vem aí, como já publiquei muitos artigos, e já fiz boa parte dela com antecedência vou concluir rapidinho", ledo engano. O penúltimo semestre acabou na sexta-feira, e na quarta-feira da semana seguinte já iniciava o próximo, ou seja, calendário acadêmico para enlouquecer qualquer um estudante. Nessa dita sexta-feira, a aula acabou mais cedo e eu saí conversando com meu namorado na época dizendo que estava com saudades de papai e iria visitá-lo, quando eu cheguei no estacionamento eu desistir de ir, eu disse assim: "Thiago já foi lá esses dias, já disse como eu estou vou deixar pra ir quando eu tiver perto de apresentar a monografia, assim eu convido ele", me despedi e voltei pra casa.

Na terça-feira, dia 23 de outubro de 2018, ele faleceu, eu tinha acabado de chegar em casa com meu irmão e recebo essa notícia. Meu pai já era idoso, tinha 77 anos, faleceu de um infarto, apesar da idade avançada eu nunca pensei que eu iria ficar sem ele, eu sonhava que papai e mamãe estariam na minha apresentação da minha monografia, na minha colação de grau, entre outros momentos marcantes na minha vida.

Assim no meu primeiro dia de aula do último semestre da faculdade eu estava velando meu pai, esse não era um acontecimento que eu gostaria de ter vivenciado, mas nem tudo sai como planejamos e só nos resta confiar em Deus que dias melhores virão!

Era janeiro de 2019 eu já estava pensando em largar tudo da faculdade! Eu tinha planejado meu último semestre incrível e quando ele iniciou em outubro, uma notícia inesperada. Papai morreu! Como assim logo na primeira semana de aula? E o meu sonho de vê-lo na minha formatura não vai se realizar? Fiquei profundamente triste, mas segui. Nesse meio tempo teve o recesso de fim de ano e eu esperava voltar já com minha monografia pronta, pensamento bem desrespeitoso comigo mesma que estava de luto e os ânimos não eram dos melhores.

Ao final do mês voltei às aulas e minha monografia estava andando em passos lentos. Me entristeço, pois fico com medo de não dar tempo, além disso meu emocional sofre outro abalo. Meu namoro terminou, após um ano e meio.

Meu rendimento começou a cair, logo no momento que eu precisava alavancar. O medo de não dar tempo de concluir a monografia estava se tornando desesperador.

"Amanda[9] não vou conseguir! A hora não é agora, vamos deixar para o próximo semestre" – Falei. Ela conversou comigo atenciosamente e me convenceu que aquela era a hora, pois eu já tinha muito trabalho feito. Naquele momento eu entendi que precisava unir minhas forças e continuar, estava mais perto do que longe, sem contar que apesar das dificuldades o estudo era minha força motriz para não cair de vez na tristeza profunda, portanto, o segredo do sucesso era não desistir.

Dia 18 de fevereiro de 2019, grande dia! Apresentação da minha monografia intitulada *Identidade Negra e Juventude: Um olhar sobre o corpo negro na escola*. Na ocasião, pude contar com a presença na banca examinadora de duas professoras que eu admiro muito, Cícera Nunes e Ana Paula Santos. Aprovada com nota 10! Transbordei de felicidade, cheguei até ali só viva. Não tenho como descrever aquele momento único de alegria. Gratidão!

Mas o semestre não acabou, não mocinha, temos o mês de março aí todinho para correr atrás do prejuízo. Vamos lá! Bioquímica meu amor, não me mate. Confesso que ela tirou minha paz mais que a monografia, mas tive um anjo como professor. Clark, obrigado pela paciência com essa jovem aprendiz. Fim do semestre. Aprovada nela e nas outras disciplinas, agora é só esperar a colação de grau.

Abril, eu respirei fiquei em casa, apreciei minha família, foi ótimo!

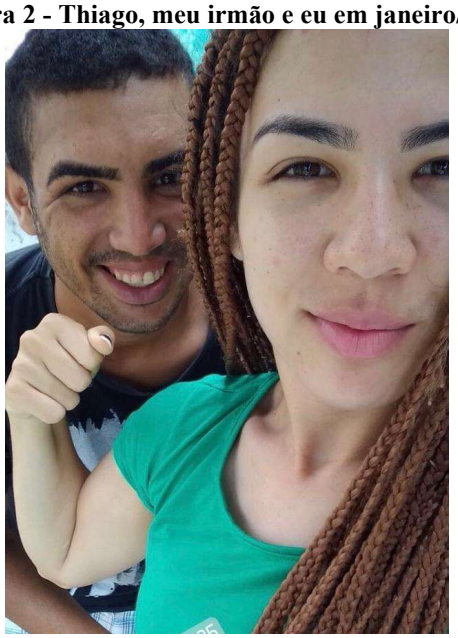
Maio, minha colação de grau. Dia 10, o tão esperado dia. Realmente não há como descrever aquele momento que me fez borbulhar de felicidade, meus olhos vibraram! Papai não estava presente fisicamente, mas ele estava em mim. Mamãe foi minha madrinha. Que honra! Como ela dizia que queria me ver passar no tapete vermelho, eu também queria vê-la, ela merece! Eu não cheguei até aqui sozinha, mamãe e Thiago foram minha base em toda minha trajetória até aqui, escrevo esse relato com tamanha gratidão a Deus e aqueles que me colocou no caminho.

Sabe aquele próximo semestre que eu queria? Bom, o semestre veio, mas algumas pessoas se foram no decorrer dele. Meu irmão faleceu no dia 7 de julho de 2019, aos 27 anos em um acidente de trânsito, e mais do que nunca eu reafirmo o quão foi importante não desistir

[9] Minha orientadora da monografia.

no semestre passado. Eu, Beatriz Lira, não consigo imaginar o dia mais feliz da minha vida sem ele ao meu lado, meu companheiro, meu melhor amigo, meu irmão que me ajudou a permanecer lutando pelos meus sonhos mesmo sem perceber. Não importa as circunstâncias, não desista! Sei que outros momentos ímpares na minha vida virão e eu não poderei contar com a presença física dos meus entes queridos que se foram, mas creio que estão em um bom lugar torcendo por mim.

Figura 2 - Thiago, meu irmão e eu em janeiro/2019



Fonte: Arquivo Pessoal

Chegar à universidade já é um passo gigante para quem vem de uma família só teve acesso ao ensino fundamental. Chegar ao mestrado é um ato que nem nos meus melhores sonhos de adolescente eu imaginei que alcançaria. Falar de educação é sempre emocionante para mim, porque é um caminho que me levou a vários caminhos bons, que me libertou de algumas amarras da sociedade. Promover a educação antirracista é um capítulo a mais na minha trajetória, é me conectar com minha família preta da melhor forma, é compreender o Brasil despida de preconceito e suprir lacunas do meu processo formativo.

1.3 Contexto formativo religioso

Em paralelo a graduação as outras áreas da minha vida foram obtendo outros direcionamentos. Em 2015, aos 19 anos eu me converti à religião evangélica, após a minha conversão religiosa construir uma relação mais estreita com Deus, o que me fez ter uma nova perspectiva de vida, aprendi o valor da paciência, do perdão, perseverança, viver com um

propósito, dessa maneira exercitei ainda mais minha fé. Assim como a faculdade foi um lugar de formação para mim, em paralelo a igreja foi outro local formativo, as religiões cristãs exercem esse poder de transformação, emprega um estilo de vida, então comigo não foi diferente. Lá eu aprendi a orar, pregar, atuar em peças teatrais, tudo isso me ajudou a ser mais comunicativa, perder a timidez.

Atualmente eu não estou muito ligada à igreja como outrora, pois mudei de cidade e acabei perdendo o vínculo diário, mas continuo a visitando. Com o passar dos anos eu também fui tendo uma visão mais crítica de algumas doutrinas de usos e costumes, dessa forma minha vida atualmente não está dentro da caixinha da religião. O exercício da minha espiritualidade segue firme, pensando a nível de saúde mental é benéfico, afirmo aqui que é importante ter um ser celestial para confiar, portanto eu creio em Deus e na sua fidelidade.

1.4 Contexto formativo: amizades

Como seria a vida se não tivéssemos boas amizades? Tem um versículo[10] na Bíblia Sagrada que diz que tem amigos mais chegados que irmãos. Posso dizer que esta palavra é concreta na minha vida. Não posso deixar de falar das minhas amigas que estiveram comigo nesse percurso, preciso enaltecer as que estão comigo nessa caminhada desde a infância, as que me acompanharam ao chegar na faculdade e as que estão chegando agora no mestrado. Vejo que meu percurso formativo também são os passos que dei ao lado dos meus amigos, seja em momentos de diversão ou naqueles dias de conversas bem densas com altas reflexões.

Por fim, quero dizer que entendo meu percurso formativo com um trajeto, uma caminhada que me faz compreender que tudo o que me rodeia colabora para a minha formação, seja minhas amizades, relações do trabalho, ambiente acadêmico, leituras, pesquisas, conversas na rua, tudo isso me constitui enquanto pessoa, enquanto profissional, entendo também que isso não para por aqui, terei contato como outros ambientes e outras vivências que também irão colaborar com o meu desenvolvimento profissional.

Diante de todas essas vivências narradas percebam que sempre tem algo a mais para se descobrir e refletir. Acessar nosso passado, refletir para viver o presente na busca de um futuro melhor.

Afirmo que ficaram muitas lacunas em todo meu percurso formativo, no que diz respeito ao letramento racial, se pararmos para pensar um pouquinho perceberemos que a lei que traz a

[10] Provérbio 18:24

obrigatoriedade do ensino da cultura afro-brasileira na educação básica surgiu há duas décadas, em 2003, na época eu estava com 7 anos cursando o 2° série do fundamental I, ou seja, quase toda minha vida escolar poderia ter sido diferente, caso a escola tivesse me apresentado a cultura afro brasileira de maneira positiva, portanto, agora no mestrado me propus a realizar a presente pesquisa na busca de reparar as problemáticas me atravessam.

CAPÍTULO 2 - EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA E SEUS DESDOBRAMENTOS NA FORMAÇÃO DOCENTE DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Neste capítulo vamos discutir como aspectos relacionados a educação antirracista, formação do professor de educação física e relações raciais.

2.1 Educação Antirracista: Conceituação e reflexões

Para que se promovam ações antirracistas é necessário entender que o racismo existe e atravessa a vida da população negra de forma determinante. Atualmente o racismo é tratado como crime, a noção de que racismo é e deve ser tratado como crime não é nova: a primeira Lei dedicada à discriminação racial no país, a Lei nº 1.390, de 3 de julho de 1951, conhecida como Lei Afonso Arinos[11] tem 71 anos, mas, sete décadas depois, o preconceito e a exclusão seguem presentes no cotidiano do país, mesmo com a Lei 7.716/89 de 5 de janeiro de 1989 conhecida como Lei do Racismo que pune todo tipo de discriminação ou preconceito, seja de origem, raça, sexo, cor, idade.

Posteriormente entendeu-se que para ajudar no combate ao racismo era necessário um processo educativo, dessa maneira foi homologada a Lei 10.639/03 que versa sobre o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana, ressalta a importância da cultura negra na formação da sociedade brasileira. A legislação avançou, mas a realidade mostra que combater a discriminação étnico-racial exige mais do que a letra da lei.

"Numa sociedade racista não basta não ser racista, é preciso ser antirracista" a frase celebre dita pela filósofa estadunidense Angela Davis ganhou muita visibilidade nas redes sociais no Brasil e mundo afora, cabe destacar que está longe de ser apenas uma frase de efeito, é um chamado à ação.

[11] Homenagem ao deputado federal Afonso Arinos de Melo Franco

A necessidade de que o discurso saia do mundo virtual e instale-se, de fato, na estrutura social do Brasil torna-se imediata. Mas será que conseguimos tirar dessa frase o entendimento do que é para ser feito na prática?

Uma das principais formas disso acontecer é por meio da educação, porém não mais educando partindo de um currículo eurocentrado até porque a educação no nosso país já acontece dessa maneira desde os primórdios da sociedade e os efeitos não provocam equidade racial o que podemos aferir é que com a construção de uma educação antirracista é possível vislumbrar um novo horizonte.

A educação antirracista é uma abordagem leva em consideração que o racismo faz parte de uma estrutura e que deve ser combatido tanto por negros quanto por não negros. Sendo assim vai se apresentar como um conjunto de ações que irão promover ações antirracistas, tais ações educativas pode ser revisão do material didático-pedagógico, letramento racial[12], apoio as políticas educacionais afirmativas, conhecer e ler autores negros, por exemplo.

Vale ressaltar que o letramento racial é apresentado pelo ativismo social negro como o ponto de partida de uma educação antirracista. O letramento racial é um conjunto de táticas, práticas e processos de ensinamentos que têm o objetivo de educar determinado grupo sobre questões raciais[13]. Precisamos ser antirracistas para que nosso país possamos promover a equidade social.

2.2 Formação do docente em Educação Física Escolar e as relações raciais

Para toda formação profissional existe uma legislação que rege o curso, não é diferente para a Educação Física, componente curricular da Educação Básica e Superior. Para tanto há o Parecer CNE/CES Nº 0058/2004 (Assunto: Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Educação Física); Resolução CNE/CES Nº 07/2004 (Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Educação Física, em nível superior de graduação plena); no que respeito as relações étnico raciais há os documentos legais: Lei Nº 10.639/2003 (Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências); Parecer CNE/CP Nº 003/2004 (Assunto: Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das

[12] O conceito foi utilizado pela primeira vez pela socióloga afro-americana France Winddance Twine, em 2003. No Brasil, o racial literacy foi traduzido para o português pela psicóloga Lia Vainer Schucman.
[13] https://awale.com.br/letramento-racial/

Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro Brasileira e Africana); Resolução CNE/CP Nº 01/2004 (Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro Brasileira e Africana).

A partir da descrição da legislação sobre a formação inicial de professores de Educação Física no Brasil e sobre as relações raciais podemos perceber que temos aporte legal para fazê-la acontecer, bem como há documentos legais que tratam da temática racial na educação o que imprime avanços sobre a Educação Física e as relações raciais no Brasil.

Segundo Carvalho (2014) a Lei Nº 10639/2003 e a Resolução CNE/CP Nº 01/2004 que alteram a LDB podem ser consideradas um novo marco na história da educação brasileira, pois foram avanços institucionais importantes no sentido de trazer as relações raciais para as discussões sobre os problemas sociais existentes no Brasil, uma vez que contávamos apenas com os PCN[14], que trata da "pluralidade cultural" como tema transversal. Os PCN têm um caráter menos político em relação à Lei Nº 10639/2003 ao lidar com as relações raciais, já que esta propõe, de fato, um trabalho voltado para a luta contra o racismo e a discriminação racial, diferentemente do que ocorre nos PCN.

De acordo com a publicação[15], os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileira. Nesse sentido, a Lei propicia e fundamenta, para todo o currículo escolar e, no caso da Educação Física, o tratamento de temas relacionados a cultura negra, por exemplo a Capoeira e as Danças Afro-Brasileiras, a existência da Lei representou inegável avanço no que diz respeito à abordagem de temas relacionados às minorias sociais nas políticas educacionais em nosso país, inclusive no livro didático Práticas Corporais- Educação Física - Manual do professor (2020), o qual foi adotado por algumas secretarias municipais de Educação já consta a temática da capoeira, porém merece um olhar mais detalhado sobre outros objetos de conhecimentos que poderiam corroborar com a temática racial, tal livro fora publicado de acordo com as exigências da Base Nacional Curricular Comum – BNCC.

Mesmo contendo a disposição bases legais é imprescindível tentarmos entender, conforme Martins e Carmo (2018), as aflições provocadas pelas necessidades de formar professores cientes e convictos da importância de se tratar pedagogicamente os conteúdos relacionados a cultura afro-brasileira e indígena na escola de hoje, perpassa pelo papel de

[14] Parâmetro curricular nacional
[15] Lei Nº 10.639/2003

refletir sobre o passado histórico da Educação Física que, assim como percebemos, acabou sendo utilizada para reforçar um modelo de supremacia branca. Sendo assim, o tratamento histórico visa buscar resoluções de problemas ainda presentes nas aulas de Educação Física.

Portanto, pensar e refletir acerca da formação de professores é um dos passos fundamentais para legitimar o espaço das aulas de Educação Física como um ambiente de fortalecimento da valorização étnico-racial na escola visando uma sociedade mais justa.

2.3 Possíveis aproximações da educação para relações étnicas raciais e a formação de professores de Educação Física: estado da arte

Venho de uma experiência formativa em um curso de Educação Física e nela foram estabelecidas poucas relações formativas com foco no combate ao racismo, porém as poucas experiências na formação envoltas pelo tema foram capazes de gerar reflexões as quais evidenciaram o quão forte são relações de poder que uma prática corporal exerce na constituição da identidade de jovens e adolescentes.

Além disso, há na história da educação física uma construção de práticas corporais pautadas em ideais higienistas que exaltam o corpo dentro de um perfil eugênico, centrada em hábitos que ressalta uma cultura branca e europeia. Como afirma Silva (2008) o discurso do branqueamento era algo naturalizado e estava ligado a ideia de ressaltar a inferioridade e a erradicação do negro e do índio como uma estrutura social a ser preservada e valorizada.

Ao mesmo tempo, nas práticas corporais acabam sendo um lugar desejado pela juventude negra o que gera a possibilidade de ser resistência dentro de uma classe social e até mesmo ascender socialmente. A cultura corporal do movimento pode assim, ser um meio de disseminação e de resistência, sendo por isso um objeto que precisa ser analisado e explorado no campo pedagógico da educação física.

Na década de 1980 o debate acadêmico na formação em Educação Física começa a mudar e com ele a cultura corporal passa a ser objeto de estudo (DARIDO, 2005). As ciências sociais ganham novos contornos na área e possibilitam pensar em questões como o racismo na sociedade e em possibilidades metodológicas de tratamento nas aulas de educação física (BETTI, 1996).

Nessa conjuntura, a formação inicial passa a ser um local de aprofundamento sobre esse objeto de estudo sendo uma necessidade profissional refletir e articular formas de organização curricular e tratamento pedagógico em educação física que contribuam para o combate do racismo no Brasil.

Para melhor condução desse estudo partimos inicialmente para um levantamento bibliográfico com o objetivo verificar como os estudos publicados nos anais do Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra e na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) têm procurado aproximar o campo de discussão educação antirracista/educação para relações étnicos raciais, aulas de educação física, formação de professores, tal objetivo foram orientados pelos seguintes questionamentos: Como está sendo discutido a educação antirracista nos anais do maior evento sobre a pauta racial da região do Cariri Cearense? Como estão sendo discutidas as teses e dissertações? No que se refere a formação de professores há um direcionamento para educação antirracista? Há produções direcionadas a formação antirracista de professores de Educação Física?

Para tanto foi feita a procura por trabalhos dentro dos três eixos temáticos: educação antirracista, aulas de educação física, formação de professores, realizando uma busca virtual utilizando as palavras chaves educação física, educação antirracista, formação de professores nos anais do Congresso Artefatos da Cultura Negra no período 2016 à 2020, a escolha se dá por conta do congresso ter caráter internacional e multidisciplinar que busca criar um território de conhecimentos e de promoção de uma educação antirracista entre universidades, ativistas dos movimentos sociais, escolas de educação básica e comunidades tradicionais, ao tempo em que se constitui enquanto espaço importante de proposição de políticas públicas antirracistas, portanto se faz necessário analisar as produções expostas nesse espaço tão relevante para a região do cariri cearense, cujo local será palco da nossa pesquisa- formação posteriormente.

A busca dos trabalhos foi feita através de uma consulta ao sumário dos anais do evento realizando uma seleção por títulos e resumos rendendo um material de 21 estudos que foram analisados e categorizados.

Tabela 1 - Anais Artefatos da Cultura Negra

Anais 2016	06 trabalhos
Anais 2017	04 trabalhos
Anais 2018	02 trabalhos
Anais 2019	03 trabalhos
Anais 2020	06 trabalhos
Total	21 trabalhos

Fonte: Elaborada pela autora.

A partir dessa análise inicial percebeu-se todos os trabalhos publicados nos anais do evento tratam sobre a temática racial, mas com propósitos diferentes, no que se refere ao nosso objetivo alguns estudos têm resultados mais expressivos trazendo propostas de educação antirracista, formação de professores e outros trazem nas suas entrelinhas aspectos de ensino focalizando mais na manifestação cultural africana.

No que se refere às buscas na BDTD usando as mesmas palavras chaves e o mesmo recorte histórico (2016-2020) foi encontrada apenas uma dissertação que possui proximidade com o tema abordado, cujo título "Educação antirracista no município de São Paulo: análise das experiências pedagógicas na área de educação física escolar", tal dissertação está inclusa no quadro de análise.

Como resultado da pesquisa surge dois quadros de discussão intituladas como: 1) Educação antirracista como tema para formação de professores; 2) Conteúdo da Educação Física como possibilidade de educação antirracista.

No quadro abaixo iremos tratar sobre como a educação antirracista aparece nos estudos pautada na Lei 10.639/03 fomentando a formação de professores, aqui está disposto trabalhos concluídos e em andamento, alguns estudos direcionam para a formação inicial e outros para formação continuada.

Quadro 1: Educação antirracista como tema para formação de professores

Autor /Ano / Título	Resumo
Guimarães e Queiroz (2016) A Importância Do Estudo Da Cultura Afro Na Escola E.E.I. F Antônio Antuérpio Gonzaga De Melo, Localizada Na Cidade De Crato-Ceará	Em seu estudo trata da importância do Estudo da Cultura Afro-brasileira na Escola de Educação Infantil e Ensino Fundamental Antônio Antuérpio Gonzaga de Melo, localizada na cidade de Crato, sul do Ceará. Com o objetivo identificar o estudo da cultura afro-brasileira na escola, bem como identificar como o ensino da temática está sendo realizado e a formação dos professores. A metodologia utilizada, de base qualitativa, fez uma revisão de literatura e documental e a pesquisa de campo foi o estudo de caso, com observação participante e a entrevista. O estudo realizado junto aos professores das disciplinas de História, Geografia e Literatura nos permitiu compreender as dificuldades, ainda, na formação dos profissionais para fazerem o debate acerca da temática em sala de aula, a falta de matérias para ajudar no trabalho e a relação com a família para tratar de um tema ainda tão polêmico e visto com preconceito pela sociedade.
Silva (2016) Formação De Professores:	Objetiva mostrar a importância de conhecermos essa nossa herança linguística e olharmos com profundidade às nossas origens ancestrais de

Construção De Jogos E Contos Com Uso Do Vocabulário De Matriz Africana Bantu A Orelha Vai À Escola Todos Os Dias Provérbio Da Guiné-Bissau	base africana bantu. A pesquisa trata-se de uma oficina ministrada na formação continuada para professores do fundamental, no SESC EDUCAR, em 2015 na qual foi abordada a origem das palavras de matriz bantu predominante no Ceará. Nesta oficina, o objetivo foi desconstruir a ideia do modo falado cearense de ser 'cearês', ter origem no jeito bantu de ser. Foi trabalhado um de nossos troncos linguísticos brasileiro, de base africana que falamos cotidianamente. O trabalho foi desenvolvido de forma lúdica, facilitando o entendimento. Para isso, usou-se a metodologia de contação de histórias e vivências através da teoria metodológica da Pretagogia. Nesse enfoque pontuou-se a importância dessa história que levamos na fala como conceito afro-herança linguístico de nossos ancestrais.
Alves (2016) A Didática Afrorreferenciada Entra Na Roda: Experiências Com EJA E Formação De Professores.	Em seu trabalho traz um recorte de uma pesquisa que trata das reflexões surgidas nas experiências de formação de professores de EJA, visando elaborar estratégias para fortalecer a implementação da Lei 10.639/03 no âmbito do Projovem Urbano, na perspectiva da pretagogia, da literatura oral afrodescendente e da produção didática. Dados revelam que a maioria dos alunos na EJA, em particular os de programas como o Projovem Urbano, se autoafirmam negros. No entanto, o tema é tratado de maneira fragmentada, em especial nesta modalidade. Os sujeitos da pesquisa foram os estudantes e professores do Projovem Urbano de escolas de Fortaleza e um grupo de estudantes da graduação em Pedagogia-UFC. A metodologia teve inspiração sociopoética com os círculos de cultura sociopoetizados (tema gerador resistência negra) e a pretagogia. Conclui-se que a didática Afrorreferenciada se ampara nos princípios e pressupostos da cosmovisão africana e afrodescendente, podendo contribuir para a reinvenção do currículo e didática na EJA.
Rodrigues e Santos (2017) Uma Perspectiva Afrocentrada Na Formação Do Pedagogo Da UFCG.	Em seu estudo objetivou analisar a inserção de uma perspectiva afrocentrada no currículo do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), campus Cajazeiras, a partir da disciplina Educação, Cultura e Diversidade. A metodologia adotada será a revisão bibliográfica e os resultados serão processados por meio de reflexões de como os discentes poderão compreender, de forma crítica, a contribuição dos saberes africanos na formação do Pedagogo como profissional atuante no combate ao racismo e na construção de uma prática docente que possibilite aos alunos assumirem uma identidade negra positiva.
Lemos e Alencar (2017)	Buscaram abrir uma discussão ao analisar a formação docente no que diz respeito as relações étnico-raciais. Nesse sentido, buscaram estudar as

	matrizes curriculares dos Cursos de Licenciatura da Universidade Regional do Cariri – URCA, identificando a presença/ausência de disciplinas que direcionam tal formação. Para efetivação do trabalho, foram abordadas questões referentes às políticas de promoção da igualdade étnica racial, ressaltando a importância da formação dos professores, incorporando e ressignificando as possibilidades das relações étnico-raciais. A partir de investigação exploratória, descritiva e de abordagem qualitativa sobre as matrizes curriculares, foi possível constatar que, para a educação contemplar a diversidade cultural e promover a construção positiva de identidades étnico-raciais nos educandos, demanda desafios à formação docente, por se tratar da desconstrução de conceitos culturais e historicamente enraizados nas relações sociais brasileiras.
Bezerra (2018) As Relações Étnico-Raciais E A Lei Nº 10.639/03 Nas Questões De Ensino-Aprendizagem: História, Cultura, Identidade Negra E As Competências Para Um Ensino Multicultural.	Desenvolveu seu artigo a partir da disciplina de Planejamento e Projetos Educacionais, no curso de Licenciatura plena em Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande – Campus Cajazeiras – PB. Pautado na revisão de literatura objetivou discutir e problematizar as atribuições referentes à Lei nº 10.639/2003 no tangenciamento com as relações de ensino-aprendizagem no âmbito escolar. Considerando fatores como a negação identitária dos educandos pertencentes a ancestralidade africana nas escolas; as discussões referentes as políticas públicas que subsidiam no auxílio teórico-metodológico para um ensino multiculturalista; bem como as competências na formação docente para o ensino da história e cultura africana de modo transversal no currículo escolar, contribuindo na constituição de uma sociedade antirracista.
Mata *et all* (2018) A Etnomatemática Na Formação Inicial De Docentes: Contribuições No Curso De Pedagogia Da UNILAB.	Objetivou evidenciar a importância da etnomatemática para a formação dos futuros docentes do curso de pedagogia. Para tanto, foi feito um estudo de caso na primeira universidade brasileira que tem Etnomatemática enquanto disciplina obrigatória - UNILAB - Percorremos três caminhos para efetivação dessa pesquisa: 1) levantamento bibliográfico, tomando como base Ubiratan D'Ambrosio (2002) e Santos (2012); 2) análise do PPC do curso de Pedagogia da UNILAB/2017; 3) entrevista com ex-alunos da pedagogia que cursaram a disciplina etnomatemática. Por fim, apontando a relevância e contribuições da etnomatemática para o curso de pedagogia, quanto para a educação básica no geral, na voz de ex-alunos e atuais profissionais da educação.
Alencar e Nogueira (2018)	Em seu estudo objetiva problematizar e discutir a aplicabilidade efetiva desta Lei nas formações de docentes e na posterior utilização dela nas salas de

Formação Profissional E Desafios Pedagógicos na Aplicabilidade Da Lei Nº 11.645/ 2008.	aula, de maneira pedagógica e eficaz ao combate da desigualdade social e do preconceito à pluralidade cultural. Realizou-se a pesquisa bibliográfica, pautado em matérias digitais, o próprio texto Constitucional de 1988, a Lei 11.645/2008 entre outras obras que tratam sobre a temática. Diante dos diversos obstáculos existentes nas escolas sobre a utilização da referida lei, busca-se com urgência debater e promover estratégias e ações coerentes à implementação dessa lei, que é obrigatória no cenário escolar como um todo. Ressalta-se a necessidade de qualificar os educadores, pois muitos destes não tiveram essa matéria no período de graduação, por isso a importância de capacitação para os profissionais da educação que atuam em sala de aula. Assim se faz cogente reparar e reduzir as desigualdades culturais existentes desde a colonização do país, garantindo o respeito aos afro-brasileira e indígenas, sobretudo no atual momento político do país, onde os movimentos sociais e de raça mostram-se fortes e ativos na luta por seus direitos.
Silva *et all* (2019) Lei 10.639/2003: A Formação Continuada, As Mídias E O Imagético Na Formação Da Identidade Negra	Em seu estudo pretende expor uma análise acerca do projeto de extensão intitulado "a prática docente e a formação continuada: Lei 10.639/2003 e o ensino da História e Cultura Africana e Afro-brasileira". O projeto objetiva realizar discussões na sala de aula acerca de questões raciais, racismo, identidade, história e cultura africana e afro-brasileira de forma que os(as) alunos(as) negros(as) se sintam valorizados (as) e no caso dos(as) alunos(as) não negros(as) possam aceitar as diferenças e que professores(as) sejam capazes de realizar diálogos de maneira a acabar com a reprodução de estereótipos sobre a população negra brasileira e seus ascendentes africanos(as).
Silva e Cruz (2020) A Formação Inicial Docente Para O Trabalho Com As Relações Étnico-Raciais Na Educação Infantil: Reflexões Sobre O Curso De Pedagogia Da UFC.	Objetivou em seu estudo entender as contribuições do curso presencial de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará – UFC, para o trabalho com as relações étnico-raciais na Educação Infantil, utilizando uma abordagem qualitativa, do tipo estudo de caso. Foram feitas entrevistas com estudantes, docentes e egressos/as do referido curso. Foi possível constatar que, apesar de haver um movimento de inclusão da temática racial na instituição, o trabalho com esse assunto ainda é escasso e deixa lacunas em relação às especificidades da Educação Infantil, tanto no aspecto teórico quanto prático, carecendo de maior intencionalidade por parte dos/as docentes, de modo que perpassa todo o currículo.
Silva *et all* (2020)	Relata uma experiência vivenciada do projeto de extensão em uma das ações realizada com professoras/es de humanas da cidade de Brejo Santo.

	Atividade, "(Re) construção da identidade da pessoa negra", que ora se apresenta foi focada na discussão da relação entre imagens e mídias e seus reflexos na identidade da população negra, pois entende-se, a partir dos estudos teóricos, a necessidade de trabalhar a identidade racial na formação das/os educadoras/es e fazê-las/os compreender a sistematização do racismo estrutural também nesses meandros
Pereira e Alves (2020) Formação De Professoras(es) Para Relações Étnico-Raciais: Perspectivas Para O Currículo Da Formação Inicial.	Apresenta reflexões acerca da formação de professoras(es) no Brasil para as relações étnico-raciais, cuja discussão articula-se a questões históricas, políticas, econômicas e culturais. A pesquisa é do tipo qualitativa de cunho bibliográfico. Por fim, alguns avanços são percebidos, mas há desafios a enfrentar, principalmente nos processos de implementação da Lei 10.639/0333 e 11.645/08.

Buscando responder umas das nossas indagações iniciais podemos ver que nas produções dos anais dos artefatos da cultura negra nesse período que há um direcionamento na formação de professores para a promoção da educação antirracista validada pela Lei 10.639/03, como também não se encontra trabalhos que tratem sobre formação de professores de Educação Física, sendo assim os componentes curriculares que mais aparecem em discussão são história, geografia, língua portuguesa, matemática, pedagogia.

Os estudos apontam para a necessidade de pautar a educação antirracista tanto na formação inicial quanto na formação continuada de professores, pois podemos ver nas produções supracitadas há muitas falhas no que diz respeito a aplicabilidade da Lei 10.639/03 no percurso formativo, fala-se muito sobre os desafios docentes mesmo diante de ditas como experiências exitosas, nota-se que ainda está a cargo de cada professor que por algum motivo chegou ao conhecimento de tal lei, ou experienciou algo relacionado a temática racial em algum momento do percurso formativo e gerou um despertar para o tema, dessa forma não tem o trato de temática racial de forma fluida na formação do professor, em sua maioria é bem pontual.

É importante que a temática seja trabalhada não somente nas datas comemorativas de 13 de maio[16] e 20 de novembro[17], bem como não reduzindo a história afro-brasileira ao evento da escravização povos do continente africano, é necessário falar sobre o Movimento Negro no

[16] 13 de maio de 1888, foi assinada a Lei Áurea, que aboliu a escravidão.

[17] Dia Nacional da Consciência Negra. Morte de Zumbi dos Palmares.

Brasil seus marcos, suas contribuições, fazer menção a grandes autores negros que deixaram obras relevante para a construção identitária nacional.

Na segunda seção vamos tratar sobre as potencialidades dos conteúdos relacionados à educação física encontrados nos estudos analisados, tais estudos assim como na sessão anterior tem alguns concluídos e outros em andamento.

Quadro 2: Conteúdo da Educação Física como possibilidade de educação antirracista

Autor /Ano / Título	Resumo
Lima (2016) A Capoeira Como Ferramenta Pedagógica Para Se Trabalhar Africanidades Em Sala De Aula	Objetiva seu estudo demonstrar como a capoeira pode ser adotada como ferramenta pedagógica para se trabalhar a história e cultura afro-brasileira bem como as africanidades de acordo com a Lei 10.639/03. A metodologia utilizada neste artigo está atrelada ao estudo bibliográfico e documental. Para nortear esta pesquisa, utilizou-se os autores como Mestre Pastinha, Mestre Cobra Mansa e Luiz Silva Santos que abordam sobre a origem da capoeira e Kanbeguele Munanga, Petronilha Beatriz, Ori Fernandes e José Olímpio que articulam sobre a Lei 10.639/03, assim como as diversas possibilidades de ensinar e conhecer a história e cultura africana e afro-brasileira.
Souza (2016) O Negro E A Educação Física: Uma Discussão A Luz Da Lei Nº 12.711 De 29 De Agosto De 2012	Objetivou seu estudo compreender como se deu a implantação da Lei n° 12. 711/2012[18] nos cursos de licenciatura em Educação Física na Região Metropolitana do Cariri (RMC); E identificar e analisar a inserção do negro nos cursos de licenciatura em Educação Física. A problemática do estudo busca responder a seguinte questão: Em que cenário ocorreu a inserção do negro nos cursos de licenciatura em Educação Física na região metropolitana do Cariri após a implementação da Lei n° 12.711 de 29 de agosto de 2012? Espera-se com este artigo, possa provocar a reflexão daquele que o lê acerca dos rumos do ensino superior e os caminhos que ainda precisa percorrer, bem como contribuirá com o debate em torno da legitimidade desta política, e os aspectos positivos e negativos de suas ações na vida dos cotistas. A presente pesquisa é de natureza qualitativa e de cunho descritivo-exploratório.
Ribeiro e Nogueira (2016) O Jogo Mancala – Uma Proposta Interdisciplinar	Mostra novas metodologias que auxiliem no ensino de matemática, tais como a utilização de Jogos e História da Matemática, e suas contribuições para o aprendizado significativo e contextualizado desta disciplina por

[18] Lei de Cotas para o Ensino Superior - Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências.

Para Uma Abordagem Em História Da Matemática.	parte dos alunos. Pretenderam combater a visão eurocentrista da ciência através da Etnomatemática, que busca resgatar a cultura matemática de diversos povos, entre eles a africana. Buscando fazer uma interação de conteúdos entre Matemática e História, escolheram a Mancala, que é uma família de jogos milenar de estratégia, de origem africana, em que podemos observar o desenvolvimento de um raciocínio lógico-matemático, além de fazermos um aprofundamento histórico sobre a cultura africana. Também de forma interdisciplinar envolvemos sementes de jatobá, uma fruta típica do semiárido cearense. Tendo em vista que as sementes são partes integrantes do jogo Mancala, as regras consistem em usá-las na disputa. Nossa abordagem em sala de aula visa o resgate da história intelectual dos povos africanos com a história do jogo e sua correta aplicação com objetivos educacionais. A interdisciplinaridade entre a Matemática, a História, Língua Materna e Meio Ambiente, ocorreria através das atividades planejadas de forma natural.
Silva *et all* (2017) Empoderamento Afro-Brasileiro No Esporte: Uma Revisão Sistemática	Em seu estudo objetivou perceber o esporte enquanto âmbito de empoderamento afro-brasileiro. Além de sua projeção social, trazendo discussões presentes no contexto sócio-político atual, na percepção de minorias representativas nos mais diversos âmbitos da sociedade contemporânea. O presente estudo trata-se de uma pesquisa descritiva através de uma revisão sistemática, realizada entre o período de fevereiro de 2017 a março de 2017. Foram utilizadas como bases de dados o Google Acadêmico e Scielo recuperando os trabalhos com o cruzamento dos descritores empoderamento, afro-brasileiro e esporte. Foram incluídos trabalhos publicados entre os anos de 2006 à 2016, foram excluídos trabalhos duplicados e revisões sistemáticas. Foram selecionados cinco (05) trabalhos após leitura dos títulos, resumos e leitura na integral que se encaixaram nos critérios e objetivos da presente pesquisa. Foi possível perceber que o esporte se transforma em um mecanismo importante para a inclusão, ascensão e empoderamento do afrodescendente, possibilitando a construção de uma nova identidade e representatividade esportiva em diversos esportes com predomínio hegemônico de branco a fim de romper com o pensamento naturalista a respeito das capacidades físicas da pessoa negra.
Silva e Silva (2017) Educação Infantil E O Ensino De Capoeira	Mostra em seu artigo a experiência vivida através do Centro Integrado de Atenção ao Desenvolvimento Infantil - CIADI da UNILAB/Ceará, que tem como objetivo uma integração entre diversas áreas de conhecimento:

Angola: A Experiência Do Eixo Matrizes Africanas-Ciadi.	ciências da natureza, agronomia, enfermagem, engenharia, humanidades e administração. Dentro do eixo de matrizes africanas, coordenado pela profa. Larissa Gabarra, em que estamos inseridas, essa experiência nos proporcionou a vivência de capoeira Angola. Essa vivência primeiramente, como uma formação de fundamentos e práticas, e em seguida com o ensino aprendizagem para crianças de três a seis anos de idade no Centro de Educação Infantil Francisca Arruda de Pontes da prefeitura de Redenção possibilitou entender um pouco sobre o universo da ancestralidade africana e as relações étnicos raciais que permeiam esse povo. Mostra como a capoeira pode ser de forma prazerosa e eficaz, uma ferramenta pedagógica de ensino aprendizagem, através da ludicidade, do desenvolvimento psicomotor fino, da musicalidade, cooperatividade. Para tanto, usaremos além da experiência no CIADI, leituras sobre o assunto. Mostrando como a capoeira Angola pode ajudar no desenvolvimento tanto motor, como cognitivo e emocional da criança.
Bezerra e Ferreira Neto (2018) Roda De Leitura De Cordéis E Cantigas De Capoeira Como Espaço De Formação E Memórias.	Teve seu estudo desenvolvido no projeto A Capoeira na Escola, que ocorreu numa escola do município de Fortaleza. Entre as atividades propostas, realizou-se uma roda de leitura de cordéis e de cantigas que tratam da capoeira, mestres e personagens da cultura popular que são citados nessas formas de expressão, buscando verificar essa atividade como ação formadora dos alunos e como espaço de memórias. O projeto possibilita que os alunos entrem em contato com a cultura popular, outra forma de ver o mundo e fazer conexões com as disciplinas ministradas na escola. Essa reflexão inicial indica que a roda de leitura de cordéis e de cantigas de capoeira mostrou-se como uma ação formadora e espaço de memórias.
Silva *et all* (2019) A Capoeira Na Escola De Educação Profissional: Outras Possibilidades De Ensino E Aprendizagens.	O artigo conta uma experiência diferenciada quanto ao ensino da Capoeira numa escola de Ensino Médio Profissionalizante da Cidade de Fortaleza – CE. Trata-se do uso da capoeira enquanto possibilidade de educação cultural afrodescendente, através da disciplina de arte, onde desenvolvemos um aplicativo para smartphones. Os autores esperam que a partir desse estudo possamos perceber a potencialidade da Capoeira enquanto aliada a educação e assim, potencializar pesquisas e experiências acerca da arte no contexto das africanidades e afrodescendências, em especial a capoeira.
Silva *et all* (2019)	O texto objetiva demonstrar de que modo jogos e brincadeiras auxiliam o exercício docente no componente curricular da Geografia nos anos

Jogos E Brincadeiras: Uma Proposta De Educação Das Relações Étnico-Raciais No Ensino De Geografia	iniciais do Ensino Fundamental. Ele é um recorte da pesquisa intitulada Jogos e brincadeiras africanas/afrodescendentes no ensino de Geografia no primeiro ciclo do Ensino Fundamental, que tem natureza básica, realizada através de pesquisa bibliográfica. Constatou-se que os jogos e brincadeiras fazem com as crianças reconheçam a História e Cultura Afro-Brasileiras, bem como, superem preconceitos e visões estereotipadas sobre os povos e continentes africanos. Tais estratégias demonstram que o ensino de Geografia se constitui como um espaço importante para promoção da Educação das Relações Étnico-raciais.
Nobrega (2019) Educação antirracista no município de São Paulo: análise das experiências pedagógicas na área de educação física escolar	O estudo objetivou realizar uma intervenção pedagógica das professoras e dos professores de educação física na perspectiva da educação antirracista. Assim, o procedimento metodológico dessa pesquisa, além do estudo bibliográfico, foi identificar os docentes da área que desenvolvem práticas pedagógicas no combate ao racismo e, posteriormente, foram realizadas as entrevistas reflexivas, semiestruturadas com cinco profissionais da equipe gestora (coordenadoras pedagógicas) e seis professores(as) de educação física, perfazendo um total de onze entrevistas. À vista disso, realizou-se a análise de conteúdo destacando cinco categorias: identidade negra (fundamentada na contribuição de Neusa Santos Souza); formação docente (formação acadêmica e formação continuada); diversidade étnico-racial e currículo; o(a) professor(a) e a escola; pedagogia da diversidade na educação física (conhecimentos pedagógicos dos documentos legais sobre a questão étnico-racial e conhecimentos pedagógicos de combate ao racismo). Em consequência, os resultados revelam as ações pedagógicas que buscam a diversidade étnico-racial como eixo orientador do currículo da educação física, com base na pedagogia da diversidade, fundamentada nas teorias críticas da educação. Nesse sentido, as respectivas escolas em que atuam os sujeitos pesquisados apresentam o Projeto Especial de Ação (PEA) e os eventos que ocorrem na unidade escolar sobre a temática étnico-racial, raciais como principais espaços de formação para a educação das relações étnico-raciais. Nessas instituições sociais, ainda não há o coletivo de docentes preocupados, engajados e articulados no trato pedagógico afirmativo da questão étnico-racial, racial, porém há propostas pedagógicas voltadas para a diversidade étnico-racial, reconhecendo, a partir das falas das coordenadoras pedagógicas, a contribuição da educação física escolar (no processo de ressignificação) nessa temática, bem como as mudanças de

	postura dos discentes nas aulas dessa disciplina e na unidade escolar (de modo geral).
Duarte (2020) A Trajetória De Enfrentamento Social Do Projeto Capoeira Nas Escolas: Campina Grande-PB.	O estudo propõe apresentar por meio de uma discussão o Projeto Capoeira nas Escolas desenvolvido na rede municipal de Campina Grande-PB, que há 14 anos vêm trabalhando com alunos. Onde as aulas de capoeira são o vetor de transmissão dos ensinamentos da cultura afro-brasileira, desta forma também vivenciam o maculelê, o samba de roda e outras manifestações, nesta perspectiva pretende apresentar fragmentos do trabalho desenvolvido na cidade referida. Assim este projeto com a capoeira busca combater o racismo, a violência escolar, disseminando por meio da oralidade os ensinamentos da cultura afro-brasileira. Desta forma pretende apresentar a trajetória de resultados alcançados com a transmissão da capoeira.
Duarte (2020) Modos De Educar, Formas De Resistência: A Capoeira Como Educação Informal (2003-2017)	Discute neste resumo a educação informal da capoeira, que passa a ser transmitida por meio de seus fundamentos. Assim a oralidade sendo a forma de transmissão desses ensinamentos. Nesta perspectiva de ações afirmativas a valorização e preservação da História do povo africano tem contribuído para a formação dos sujeitos. Este resumo apresenta parcialmente uma apreciação sobre o trabalho da capoeira, onde foi realizado uma pesquisa de TCC acerca de percepções acadêmicas sobre a educação informal no ambiente educacional da capoeira.
Gabriel e Carvalho (2020) Jogo Igba-Ita: Saberes Africanos No Chão Da Sala De Aula De Matemática	Discute a vivência do jogo Igba-Ita com estudantes da Educação Básica utilizando os pressupostos da Etnomatemática como base teórica e metodológica, tal jogo é praticado na Nigéria e de origem do povo Igbo, localizados em sua maioria no sul e oeste do país. O estudo deste jogo como possibilidade para o ensino e aprendizagem da matemática, particularmente das noções de aleatoriedade e probabilidade, articulado aos princípios da Educação das Relações Étnico-raciais, se constitui na investigação realizada pelos autores. Propõe utilizar o jogo para a promoção de um debate orientado para a discussão dos saberes e artefatos africanos e que põe em cena o cumprimento da Lei 10.639/03 também por meio da Educação Matemática.

O enfoque dessa seção foi trazer à tona as potencialidades dos conteúdos relacionados à Educação Física, porém acabamos de ver que alguns dos conteúdos não aparecem dentro do componente curricular em questão, mas como eles são pertencentes a tal podemos fazer

destaque para ressaltar que como Educação Física deve se apropriar de maneira mais expressiva de seus conteúdos para tratar a questão racial no Brasil.

O estudo que trata sobre a implantação da Lei de Cotas no Ensino Superior na região metropolitana do Cariri à tona os impactos positivos do ingresso da população negra da região, é importante destacar que quando uma pessoa ingressa na universidade é um marco na sua vida e dos seus familiares quando se trata de uma pessoa negra é ato político e revolucionário.

Os estudos citados no quadro mostram que a capoeira, os jogos, e o esporte são ferramentas pedagógicas que proporcionam debates raciais. Nota-se que a capoeira aparece mais nas discussões na forma de atividade extracurricular e manifestação cultural, provavelmente por ser genuinamente afro-brasileira, tendo suas raízes africanas bem expressivas facilitando trabalhar esse material e resgate histórico, vale ressaltar que ela possui três facetas: a dança, luta, jogo o que a possibilita contemplar três blocos de conteúdo da Educação Física tendo capacidade suficiente para ser trabalhada dentro do currículo obrigatório.

O esporte traz consigo uma gama de possibilidades, pois há uma difusão da sua prática pelo mundo, inclusive por ter um número expressivo de atletas negros no futebol acaba por vezes trazer à cena a problemática o racismo, bem como enaltecer a herança africana em sala de aula. Crelier e Silva (2018) ressalta que o esporte enquanto fenômeno social reflete na sociedade, servindo como ponto de partida e chegada para discutir questões que estão relevância como violência, gênero, racismo, discriminações e impunidade.

Os jogos têm um caráter multidisciplinar, simboliza um instrumento pedagógico que leva o professor a condição de estimulador e avaliador da aprendizagem, assim ajudando o aluno a construir novas descobertas, desenvolvendo e enriquecendo a personalidade dos alunos. Dessa forma, os jogos africanos que aparecem nos estudos acima sendo praticados à luz de outros componentes curriculares facilmente podem ser inseridos dentro do bloco de conteúdo jogos e brincadeiras da Educação Física estimulando os alunos a conhecer mais sobre o continente africano, vale ressaltar que cada componente curricular terá seu método para ministrar tal conteúdo, então cabe aos professores de Educação Física refletir sobre essa prática.

As discussões sobre a educação antirracista são geradas a partir dos anseios, desafios docentes e experiências exitosas de professores de diversas formações. Observa-se que não há trabalhos publicados no período 2016 a 2020 dos anais dos artefatos da cultura negra que discorrem acerca dos três eixos temáticos especificados nos objetivos desse estudo, muito menos das teses e dissertação, apenas que o único estudo encontrado seja muito bem fundamentado, seria ótimo encontrar mais discussões mesmo assim é possível fazer associação a partir dos achados da pesquisa vislumbrando suas contribuições para a temática ético racial.

A partir das análises dos resumos podemos ver que alguns trabalhos foram concluídos com êxito, outras trazem à tona problemática as serem sanadas em próximas ações, bem como alguns trabalhos em andamento. Todos estão na mesma linha da temática racial, porém no que refere a formação antirracista para professores de educação física não houve debates gerados especificamente nos estudos, podemos ver uma predominância de relatos de experiencias englobando outras áreas de conhecimento, que pode contemplar a educação física por meio da interdisciplinaridade de alguns conteúdos, como a dança, capoeira, jogos, o que ainda é muito pouco visto que há potencial nesses conteúdos para se trabalhar a história e cultura africana em vários componentes curriculares, principalmente na Educação Física que é palco dessas práticas corporais.

Nos estudos que abordam ações fundamentadas pela Lei 10.639/03 mostra também a confusão na hora de trazer a pauta racial para dentro de sala de aula, uma vez que se este professor não tem contato de forma tão nítida com tal temática durante seu percurso formativo, raramente verá sua relevância no decorrer da sua atuação profissional dificultando assim a superação do racismo e promoção da educação antirracista. Para tanto, a intenção da presente pesquisa é colaborar com esta lacuna do conhecimento da temática das relações étnicas durante o curso de formação inicial dos discentes do curso de educação física, amplificando o olhar dos tratos desses conteúdos.

CAPÍTULO 3 - METODOLOGIA

Este capítulo apresenta o percurso metodológico utilizado para a obtenção dos objetivos traçados para o estudo, nele iremos saber o tipo de estudo, instrumentos e procedimentos de geração de dados, critérios de inclusão e exclusão, aspectos éticos e descrição do produto educacional.

3.1 Tipo de estudo

O presente estudo é de natureza qualitativa já que tem na sua intencionalidade realizar o aprofundamento da compreensão de um grupo social, na sua interação com as questões fenomenológicas e subjetivas. De acordo com Guerra (2014) na abordagem qualitativa, a cientista objetiva aprofundar-se na compreensão dos fenômenos que estuda – ações dos indivíduos, grupos ou organizações em seu ambiente ou contexto social –, interpretando-os

segundo a perspectiva dos próprios sujeitos que participam da situação, sem se preocupar com representatividade numérica, generalizações estatísticas e relações lineares de causa e efeito.

A presente pesquisa possui características procedimentais de pesquisa-formação, a qual tem origem na pesquisa-ação, dessa forma conforme Bragança e Oliveira 2011:

> A pesquisa-formação tem sua origem na pesquisa-ação, já que busca um efetivo envolvimento dos pesquisadores na transformação individual e coletiva. Esta perspectiva encontra fundamentação na dialética histórica, no conceito de práxis, tal como proposto por Marx, que perspectiva uma Filosofia que não apenas interprete o mundo, mas que possa transformá-lo, por meio de uma relação de imbricação entre prática-teoria-prática.

Portanto a pesquisa-formação proporciona ao pesquisador acesso ao objeto de estudo na intenção de aproximar-se do alvo da pesquisa levando a uma transformação educacional da população envolvida, bem como aos colaboradores da pesquisa, vale ressaltar que a pesquisa-formação monta um contexto em que o pesquisador e o participante vivem um processo de formação através da escuta sensível e das trocas de saberes, acontecendo um processo mútuo de formação.

Através do método afrodescendente iremos conduzir a pesquisa formação destacando os interesses da população negra na busca da superação de algumas problemáticas da população negra que surgiram nesta pesquisa, o método segundo Cunha Junior (2013) tem seu interesse concentrado na intervenção da realidade e na transformação social, cultural, econômica e política das relações étnicas brasileira. Trata-se do processo da produção de conceitos e metodologias dentro de um projeto científico de expressão dos afrodescendentes com a finalidade de uma mudança das relações brasileiras, inscreve-se no âmbito dos movimentos sociais da maioria afrodescendentes, entretanto guarda a particularidade da procura da inspiração africana como conhecimento de base, visando à autonomia do pensamento dos afrodescendentes com relação à produção eurocêntrica ocidental.

A intencionalidade do estudo aponta para um tipo descritivo de pesquisa por exigir do investigador um detalhamento dos elementos sociais. Segundo Gil (1999), as pesquisas descritivas têm como finalidade principal a descrição das características de determinada população ou fenômeno, ou o estabelecimento de relações entre variáveis. São inúmeros os estudos que podem ser classificados sob este título e uma de suas características mais significativas aparece na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados.

3.2 População e amostra

A população do estudo foram os graduandos do curso de Licenciatura em Educação Física do IFCE/campus Juazeiro do Norte. A amostra foi composta por 15 discentes[19], de ambos os sexos, do curso de Licenciatura em Educação Física do IFCE/campus Juazeiro do Norte.

3.3 Instrumento de coleta

A pesquisa-formação realizada junto aos estudantes foi organizada em três fases. Para a primeira fase da coleta de dados fez-se o uso do questionário fechado[20] para que os discentes manifestassem seu interesse em participar do *Minicurso Educação Física Antirracista*, bem como traçar um perfil étnico racial dos alunos(as), visto que é importante que haja participantes negros e não negros para que cada um possa refletir sobre sua contribuição social.

A segunda fase da pesquisa foi realizada durante a aplicação da formação por meio das rodas de conversas[21], discussão de artigos, narrativas reflexivas e elaboração do material didático, tais momentos formativos foram gravados e transcritos.

A terceira fase surge a partir da necessidade de ampliar os dados coletados na segunda fase, haja vista que uma parte da amostra se dispersou, isto aconteceu no decorrer das semanas da aplicação do minicurso, alguns chegaram a justificar a ausência devido a estar em atividades de escrita e pesquisa de seus trabalhos de conclusão de curso, outros não chegaram nem a ir a primeira aula, dessa maneira, a terceira fase consistiu em fazer uso de uma entrevista semiestruturada utilizando o mesmo roteiro de perguntas usadas nas narrativas reflexivas aplicadas na primeira aula do minicurso com dois graduandos.

3.4 Procedimentos de produção de dados

Iniciamos a aplicação da pesquisa através da divulgação do minicurso, realizada online via aplicativos de mensagens, conforme mostra a imagem abaixo, posteriormente a esta

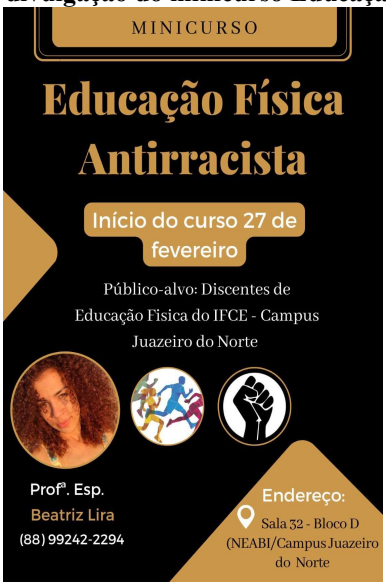
[19] A amostra final contém 15 participantes, cuja amostra é a soma dos dois participantes do minicurso e os 13 graduandos captados na terceira fase. Tem o perfil étnico racial de 73,34% negros e 26,66% brancos. Mais detalhes na seção procedimentos de produção de dados

[20] Apêndice A

[21] Apêndice C

divulgação os alunos tiveram o período de 10 dias para efetuar sua matrícula gratuitamente via formulário online elaborado pela autora.

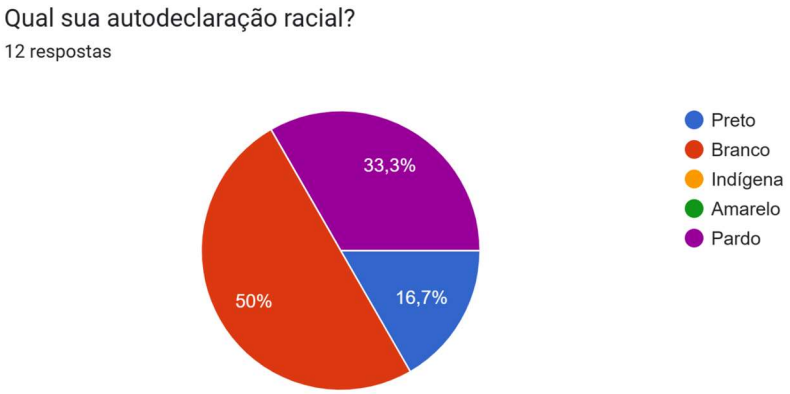
Figura 3 - Cartaz de divulgação do minicurso Educação Física Antirracista



Fonte: Elaborado pela autora

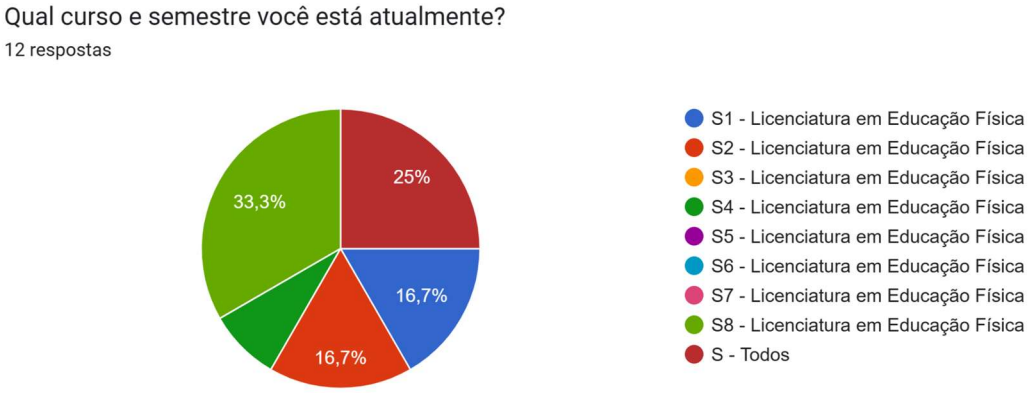
Após o término do período de inscrições, obtivemos 14 inscritos, onde 2 inscrições vieram duplicadas, sendo excluídas permanecendo 12 inscritos, dessa maneira o perfil étnico racial dos alunos interessados, como mostra o gráfico abaixo, foi 50% brancos e 50% negros (pretos e pardos), entretanto, nota-se a ausência de indígenas, nessa ocasião não fora considerada a declaração de gênero, apenas a autodeclaração racial.

Gráfico 1 - Qual sua autodeclaração racial?



Fonte: Ficha de Inscrição (elaborada pela autora)

Gráfico 2 - Qual curso e semestre você está atualmente?



Fonte: Ficha de Inscrição (elaborada pela autora)

Já com a identificação do público concluída foi realizada um primeiro contato online por meio do aplicativo de mensagens WhatsApp com os que se dispuseram a participar para aprofundamento de aspectos almejado na pesquisa, bem como a organização das aulas e ações do *Minicurso Educação Física Antirracista*, cujas aulas foram dispostas em um encontro semanal com duração de nove semanas.

A segunda fase foi a aplicação da formação, cuja formação já tinha um programa de aulas elaborada pela pesquisadora, mas com abertura para possíveis ajustes de acordo com a necessidade da turma.

Figura 4 - Vivência no Minicurso Educação Antirracista

Fonte: Arquivo Pessoal

Os encontros formativos aconteceram uma vez por semana em um período de nove semanas, preferencialmente presencial, havendo a aplicação de um encontro virtual por ajustes na agenda do grupo, lembrando que os momentos formativos tiveram gravação de áudio, porém não contou com transmissão ao vivo para alunos ausentes da sala, pois foi priorizado pela pesquisadora que os alunos estivessem presentes para que as discussões acontecessem de forma mais fluida.

Veja a seguir o programa de aulas trabalhadas durante as nove semanas:

Quadro 3 - Disposição das aulas do minicurso

Tema das aulas	**Objetivo da aula**
Aula Inaugural: De onde eu vim?	Identificar o tratamento destinado às relações étnico raciais no percurso formativo dos graduandos do curso de Licenciatura em Educação Física. Aplicação da Narrativa Reflexiva - Parte 1 Aplicação da Narrativa Reflexiva- Parte 2
O que é Educação Antirracista? Possibilidades da Educação Física escolar	Compreender o conceito da abordagem antirracista e porque ela é necessária atualmente; Promover reflexões como a Educação Física pode ser um importante componente curricular para combater o racismo na escola.
Esportes Coletivos Jogo africano: Mancala	Conhecer as contribuições africanas aos esportes coletivos incorporando ao conteúdo trabalhado nas aulas de Educação Física. Conhecer o jogo africano e buscando uma valorização da cultura africana no nosso país.
Roda de Conversa: O lugar do branco na luta antirracista	Com a presença do professor convidado, Luciano Carvalho, docente do IFCE teve como objetivo trazer para o debate da contribuição de professores não negros para a educação antirracista.
Danças afro-brasileira Ginástica: Uma visão afro do conteúdo da Educação Física	Conhecer as danças africanas valorizando a herança africanas nas danças brasileiras. Conhecer as possíveis contribuições africanas as ginásticas incorporando ao conteúdo trabalhado nas aulas de Educação Física, ressaltando atletas negros da ginástica.
Roda de Conversa: Racismo Sutil na comunicação	Conhecer as palavras racistas que estão presentes no nosso vocabulário provocando uma reflexão a afim de renovar o vocabulário de maneira que combata o racismo.

Debate sobre a proposta Educação Antirracista para as aulas de Educação Física	Alinhamento da proposta Educação Antirracista para as aulas de Educação Física.
Encerramento	Com a presença de dois convidados: Cícera Nunes e o Luciano Barbosa, MC da região do Cariri, cujo nome artístico Dextape Emece. O encerramento consistiu em uma aula aberta para os graduandos de Educação intitulada de "Simpósio Educação Antirracista e as possibilidades da Educação Física Escolar" teve o objetivo de conectar a educação antirracista a Educação Física escolar.

Durante a primeira e segunda semana do minicurso, favorecendo atingir o primeiro objetivo da pesquisa, foram aplicadas as narrativas reflexivas. As semanas seguintes foram dedicadas para construção do material didático coletivamente em sala de aula, bem como as rodas de conversa com tema 1 "O lugar do branco na luta antirracista" e o tema 2 "Racismo Sutil na comunicação", cujo temas surgiram a partir de uma demanda emergente de acordo com o perfil dos participantes. O tema 1 se deu porque os dois participantes que frequentaram todas as aulas eram brancos e se questionam sobre seu lugar nessas discussões. O tema 2 surge quando a pesquisadora recebe o material de esporte coletivo produzido e nele tem um vídeo foi usado termo racista "mulato" que se referir aos jogadores negros, dessa maneira, fez-se necessário incluir uma aula ao planejamento inicial sobre o racismo sutil na comunicação afim de provocar reflexões sobre nosso vocabulário.

As narrativas reflexivas foram responsáveis por identificar na formação inicial dos discentes da Licenciatura em Educação Física como foi abordada a temática racial. Com o avançar das discussões os participantes foram sendo orientados de acordo com os conteúdos dos encontros (esportes, dança, jogos, ginástica) a produzir material didático para as aulas de educação física do ensino médio numa perspectiva antirracista seguindo o modelo que está no apêndice D.

No que diz respeito à efetivação da participação do minicurso, incluindo frequência aos encontros e construção do produto educacional, apenas uma graduanda e um graduando realizaram tais tarefas com êxito, apesar que, durante o período de adesão da pesquisa-formação, foram registradas 12 inscrições. Ao decorrer da aplicação houve ausências que ocasionaram na desistência de 10 participantes da amostra inicial. Sendo assim, tivemos o número de participantes 100% de brancos.

Sob a supervisão da pesquisadora durante a produção dos planos de aula, os participantes ficaram à vontade para criar os planos de aulas com a bagagem de conhecimento que tinham. Ao final notamos que muitos elementos levados para o produto educacional vêm do contato com temas relacionados que tiveram nas aulas de professores interessados da graduação e da pesquisa-formação, ambos não tinham letramento racial, então o produto educacional surge como uma introdução a uma educação física antirracista.

Para o encerramento, foi elaborada uma aula aberta para os graduandos de Educação Física intitulada de "*Simpósio Educação Antirracista e as possibilidades da Educação Física Escolar*", para este momento houve inscrição e assinatura da frequência para emissão de certificados, posteriormente. Na ocasião, contamos com a presença de 19 alunos (as), público formado por 12 discentes do curso de Educação Física, majoritariamente do quinto semestre, quatro alunos da comunidade externa. Veja a seguir o cartaz que fora veiculado nas redes sociais:

Figura 5 - Cartaz de divulgação do encerramento do minicurso

Fonte: Elaborado pela autora

Figura 6 - Registros do Simpósio Educação Antirracista Na Educação Básica E As Possibilidades Na Educação Física Escolar

Fonte: Arquivo pessoal

Após a conclusão do *Minicurso Educação Física Antirracista*, tendo em vista a necessidade de um maior volume de dados para atingir uma discussão mais contundente que atenda ao nosso objetivo geral, decidimos retomar a campo junto aos graduandos a fim de realizar uma entrevista individual utilizando o mesmo roteiro de perguntas usadas nas narrativas reflexivas aplicadas aos demais participantes.

Dessa maneira, na terceira fase, foi realizada a captação de forma presencial no campus Juazeiro do Norte, na qual houve a adesão de 13 graduandos que se dispuseram a participar. A amostra final contém 15 participantes de ambos os sexos, é a soma dos dois participantes do minicurso e os 13 graduandos captados na terceira fase. Obtivemos um perfil étnico racial da amostra final de 46,68% de pretos; 26,66% pardos; 26,66% brancos, com a ausência de indígenas e amarelos, assim concluímos que mesmo com a chegada de novos participantes continuamos com uma amostra com maioria negra.

3.5 Critérios de inclusão e Critérios de exclusão

Para inclusão: Ser discente regular do curso de Licenciatura em Educação Física do IFCE/campus Juazeiro do Norte; aceitar participar da pesquisa por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido. Já para a exclusão: Ser servidor do IFCE/campus Juazeiro do Norte; ser discente de outros cursos superiores e técnicos do IFCE/campus Juazeiro do Norte.

3.6 Aspectos éticos

A pesquisa é norteada pela resolução 510/2016 que regulamenta a pesquisa em seres humanos. Para tanto será garantido o sigilo dos participantes, sua integridade e liberdade para desistir a qualquer momento de sua participação. O termo de consentimento será um instrumento ético na pesquisa que garantirá ao participante que sua privacidade será preservada, bem como que as informações foram consentidas de livre vontade.

3.7 Análise de dados

A análise de dados escolhida foi a Análise Textual Discursiva – ATD, cuja essência está entre lugar de duas análises de conteúdos de pesquisa qualitativa já consagradas a análise de conteúdo e a análise de discurso, conforme Moraes e Galiazzi (2006):

> A análise textual discursiva é descrita como um processo que se inicia com uma unitarização em que os textos são separados em unidades de significado. Estas unidades por si mesmas podem gerar outros conjuntos de unidades oriundas da interlocução empírica, da interlocução teórica e das interpretações feitas pelo pesquisador. Neste movimento de interpretação do significado atribuído pelo autor exercita-se a apropriação das palavras de outras vozes para compreender melhor o texto. Depois da realização desta unitarização, que precisa ser feita com intensidade e profundidade, passa-se a fazer a articulação de significados semelhantes em um processo denominado de categorização. Neste processo reúnem-se as unidades de significado semelhantes, podendo gerar vários níveis de categorias de análise.

3.8 Descrição do produto educacional - Cartilha Construindo uma Educação Antirracista: Possibilidades da Educação Física Escolar

A presente pesquisa deu origem a um produto educacional na configuração de cartilha, a qual contém uma proposta pedagógica com abordagem antirracista para as aulas de Educação Física no nível médio. Trata-se de um material didático contendo temas, objetivos, curiosidades e sugestões de atividades práticas.

Para elaboração dessa cartilha o caminho trilhado foi através da pesquisa-formação, a qual deu palco para o acontecimento do *Minicurso Educação Física Antirracista*, cujo nome escolhido tem sua intencionalidade direcionar para um dos propósitos desse estudo, promover uma educação física antirracista, capaz de construir um novo horizonte contribuindo com a reparação histórica e construindo uma educação para as relações étnicos raciais.

Dessa maneira, o minicurso consistiu em um espaço formativo visando promover a educação para as relações étnico raciais e elaboração de uma proposta de ensino antirracista para os diferentes conteúdos da Educação Física, considerando aporte teórico das políticas públicas educacionais, em destaque, o Parecer CNE/CP nº 3/200425, que tem a finalidade de enegrecer a educação.

Organizado em encontros semanais ocorridos no período de 09/03/2023 a 09/05/2023 com aulas temáticas, as quais estão descritas na tabela disposta na seção procedimentos de coleta.

Promovido em parceria com o Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas - NEABI/Campus Juazeiro do Norte ministrado aos discentes do curso de Licenciatura em Educação Física do IFCE/Campus Juazeiro do Norte. Para o momento presencial, o local escolhido foi a sala do NEABI no IFCE/ Campus Juazeiro do Norte, cujo local fora cedido para esse momento formativo.

A estratégia de construção coletiva teve o intuito de trazer um pertencimento maior por parte dos participantes para o produto da pesquisa, uma vez que ao se envolver na construção do material pedagógico acontece um aprendizado significativo aumentando as chances de usá-lo posteriormente em suas práticas docentes.

CAPÍTULO 4 - RESULTADOS E DISCUSSÕES

A análise desse estudo se deu a partir do material coletado nas narrativas reflexivas, bem como nas rodas de conversas acontecidas por meio da pesquisa-formação. Para tanto, respeitando a método de análise de dados escolhido e descrito anteriormente, tivemos os momentos de escutas minuciosas dos áudios, consultas as anotações do diário de campo, buscando respeitar as expressões corporais, falas trilhando alcançar as subjetividades concebidas nas vozes e/ou narrativas de vidas de cada participante.

Dividida em quatro categorias de análises vamos discutir aspectos de cunho subjetivos de cada participante, como também no que diz respeito a pauta racial dentro do curso de Licenciatura em Educação Física e sua influência na vida desses futuros professores.

Seguindo os aspectos éticos da pesquisa não serão expostos os nomes originais, portanto a escolha de codinome foi adotada pela pesquisadora para citar as falas dos participantes. Dessa forma, os codinomes selecionados fazem menção aos nomes de reis e rainhas africanas, cabe destacar que não há relação com a personalidade dos participantes é apenas uma forma

homenagear aos nossos ancestrais africanos, entretanto, leva-se em consideração apenas o gênero feminino e masculino.

Como parte dessa homenagem cabe fazer um adendo com o nome dos reis e rainhas com seu breve histórico no quadro a seguir:

Quadro 3: Reis e Rainhas africanos

Reis e Rainhas	Breve histórico
Mansa Musa *Rei de Mali (1306 – 1332)*	Foi imperador do Reino Mali e considerado o homem mais rico do mundo. Seu reinado, no século 14, ficou conhecido como a idade de ouro do Império Mali, cuja expansão foi impulsionada principalmente pela abundância de riquezas naturais.
Cleópatra *Rainha do Egito (69 – 30 A.C.)*	Era filha do faraó Ptolomeu XII Auletes, tinha ascendência grega e africana. Foi instruída sobre costumes gregos e filosofia, e tinha o domínio de diversas línguas. Cleópatra assumiu o trono do Egito aos 19 anos.
Osei Tutu *Rei Ashanti (1680 – 1717)*	Osei Tutu foi o fundador e o primeiro rei da nação de Ashanti, um grande reino da floresta ocidental africana onde agora é Gana. Durante o reinado de Osei Tutu, a área geográfica de Ashanti triplicou em tamanho. O reino tornou-se um poder significante que, com a coragem militar e sua política como um exemplo, se sustentaria durante dois séculos.
Yaa Nana Asantewaa *c.1830 - 1921*	Foi uma rainha-mãe da nação Ashanti, região que hoje é o Gana. Ela liderou um exército de mulheres e homens contra o colonialismo britânico em 1900. Sua liderança e coragem a tornaram um símbolo da resistência e luta pela liberdade e autodeterminação.
Hatshepsut *Rainha de Kemet, Egito* *(1503 – 1482 A.C.)*	Seu nome significa "a mais importante das nobres damas". Ela era uma princesa real, filha da rainha Amósis e do rei Tutemés I, um general famoso por lendárias batalhas militares. Para ajudar a aumentar sua popularidade com o povo do Egito, Hatshepsut teve vários templos espetaculares e pirâmides erguidas. Algumas das altíssimas estruturas ainda hoje permanecem como uma lembrança da primeira governante real de uma nação civilizada. Ela realmente foi" A Rainha mais Habilidosa de uma Antiguidade Distante" e permaneceu assim durante trinta e três anos.
Ja Ja *Rei de Opobo (1464 – 1492)*	Jubo Jubogha, filho de um membro desconhecido do povo Ibo, foi forçado a escravidão aos 12 anos, mas ganhou a liberdade ainda jovem e se tornou um comerciante independente (conhecido como Ja Ja pelos europeus). Ele tornou-se chefe de seu povo e da cidade oriental nigeriana de Bonny. Ele mais tarde se tornou

	rei de seu próprio território, Opobo, uma área perto do rio oriental da Nigéria, mais favorável ao comércio.
Tiye, *Rainha de Kemet, Egito (c. 1398-1338 a.C.)*	Tiye detinha o título de "Grande Esposa Real" e desempenhou um papel ativo na política do Egito. Foi a primeira rainha egípcia conhecida cujo nome aparece em atos oficiais. Governou o Egito por quase meio século exercendo forte influência sobre os primeiros anos do reinado de seu filho Aquenáton. Foi avó de Tutancâmon.
Nefertiti *Rainha de Kemet, Egito (c. 1370-1330 a.C.)*	Esposa do faraó Aquenáton (1353-1336 a.C.) e, portanto, nora da rainha Tiye, seu nome significa "a mais bela chegou". Sua origem é pouco conhecida, alguns pesquisadores a identificam como uma princesa do Império Mitani. Nas paredes de túmulos e templos foi retratada como uma mulher de poder e autoridade, muitas vezes dirigindo um carro de guerra ou atacando o inimigo. Ela e Aquenáton foram responsáveis pela agitação cultural e religiosa do Egito que estabeleceu o culto monoteísta de Aton.
Ranavalona, *rainha de Madagascar (1778-1861)*	Rainha de Madagascar entre 1828 e 1861 Governou Assumindo o trono de Madagascar, a grande ilha no Oceano Índico, em 12 de junho de 1829, o primeiro ato de Ranavalona foi eliminar todos seus oponentes. Expulsou os missionários cristãos de Madagascar, desfez acordos comerciais firmados com a França e a Inglaterra e até entrou em guerra marítima contra os franceses.
Shamba *Rei Africano da Paz (1600 – 1620)*	Saudado como um dos maiores monarcas do Congo, o Rei Shamba não teve desejo maior do que preservar a paz, que é refletida em uma comum citação sua: "Não mate nenhum homem, nem mulher, nem criança. Eles não são as crianças de Chembe (Deus), e eles não têm o direito de viver?". Shamba também era notável em promover artes e barcos, e por projetar uma forma complexa e extremamente democrática de governo que caracteriza um sistema de empecilhos e equilíbrios.
Makeda (c. 960 a.C.), a rainha de Sabá	Mencionada na Bíblia, no Torá, no Alcorão, na história da Etiópia e do Iémen, Makeda foi rainha de Sabá, o reino antigo mais poderoso da Arábia Feliz. A localização do reino pode ter incluído os atuais territórios da Etiópia e do Iémen. A rainha recebeu diferentes nomes ao longo do tempo. Para os etíopes é Makeda, para o rei Salomão era simplesmente a "rainha de Sabá".
Nzinga *Rainha de Matamba, (1582-1663)*	Conhecida como Jinga e Ginga, ela era membro da etnia Jagas, um grupo guerreiro que formava um escudo contra os portugueses comerciantes de escravos. Ela formou alianças contra potências estrangeiras para libertar Angola da influência europeia. Usou a religião como ferramenta política para controlar seus inimigos. Sua morte em 17 de dezembro de 1663 abriu as portas para Portugal implantar o grande comércio de escravos. No entanto sua luta ajudou a despertar a resistência

	contra os invasores
Khama *O Rei Bom de Bechuanaland (1819 – 1923)*	Considerado como um governante pacífico com o desejo e habilidade para extrair inovações tecnológicas dos europeus enquanto resistia às tentativas deles para colonizar seu país. Tais avanços incluíram a construção de escolas, alimentos científicos para gado, e a introdução de um corpo de exército policial montado que praticamente eliminou todas as formas de crime.
Nandi ka Bhebhe *Rainha Zulu (c.1760-1827)*	Era mãe de Shaka Zulu, um dos maiores reis do reino zulu, na África do Sul. A história da rainha Nandi é de resiliência como mãe e contra as pressões sociais. Ela ficou grávida de Senzangakhona, rei do povo zulu, mas a criança foi considerada ilegítimo. Em consequência, ela sofreu grande humilhação e rejeição social, e teve que proteger seu filho da fome, tentativas de assassinato e inimigos. Quando Shaka foi nomeado chefe dos zulus, ele fez de Nandi a rainha do clã e sua conselheira.
Shaka Zulu *Rei dos Zulus (1818 – 1848)*	Líder forte e inovador militar, Shaka é notável por revolucionar no 19º século a guerra Bantu pelo primeiro agrupamento de regimentos por idade, e treinando seus homens para usar armas unificadas e táticas especiais. Ele desenvolveu a" azagaia ", uma lança curta, e marchou com seus regimentos em formação apertada, usando grandes proteções para se defender dos inimigos que lançavam lanças. Com o passar dos anos, as tropas de Shaka ganharam tal reputação que muitos inimigos fugiram. Com astúcia e confiança com suas ferramentas, Shaka tornou uma pequena tribo Zulu em uma nação poderosa de mais de um milhão de pessoas, unindo todas as tribos da África do Sul contra o regime colonial.

4.1 Categoria 1 – Origem dos discentes e os desdobramentos da escolha do ensino superior

Esta categoria tem o intuito de trazer as subjetividades dos participantes, mesmo que de forma breve, aqui consta a origem familiar, território, autodeclaração racial e como este contexto influenciou no seu processo de escolha do ensino superior, é interessante que essa categoria corrobora com o primeiro capítulo deste estudo, onde a pesquisadora nos conta seu percurso formativo para que possamos compreender qual lugar ocupa nessas discussões, nesse momento podemos realizar essa análise com os demais participantes da pesquisa.

4.1.1 "Sou negro, sou pardo, sou branco": a autodeclaração racial e a origem familiar

Partindo das respostas coletadas podemos inferir que os participantes dessa pesquisa são nordestinos, em sua maioria cearenses que residem na região metropolitana do Cariri.

Um dado histórico da composição população dessa região, em especial sua metrópole Juazeiro do Norte, cuja cidade é marcada pela imigração dos sertanejos (muitos deles descendentes dos povos indígenas Kariris e afrodescendentes) dos estados vizinhos por causa da seca e principalmente por motivação religiosa, instigados pela figura do Padre Cícero no final do séc. XIX início do séc. XX, o mesmo ficou famoso por ter presenciado um milagre eucarístico protagonizado pela Beata Maria de Araújo, outro responsável por motivar essa imigração foi o beato José Lourenço, líder da comunidade Caldeirão de Santa Cruz do Deserto[22], descendente de negros alforriados e discípulo de Padre Cícero, ousou desafiar o poder do latifúndio e propor uma sociedade mais justa e humanitária

Outro ponto que aproxima suas narrativas é um contexto de vulnerabilidade social que algumas localidades os oferecem, além da classe social suas histórias de vida são atravessadas pela raça que é um marcador social que pode os distanciar ainda mais da oportunidade de ascensão social devido ao racismo estrutural.

Vejamos a seguir alguns depoimentos:

> **Cleópatra -** [...] sou de Missão Velha/CE, minha família é toda de Missão Velha também. Tenho 22 anos, sou branca.
>
> **Mansa Musa -** [..] eu sou do Crato, e minha mãe já era também de Crato e meu pai é do Assaré, e aí é o que mais? Tenho 23 anos, sou branco [...].
>
> **Osei Tutu**- [...] me autodeclaro preto, é (pausa), como eu posso falar?! Nasci em Juazeiro do Norte, cresci em uma família bastante tradicional, sendo que eu sou a exceção à parte. Nasci numa casa com basicamente 7 mulheres e 1 homem, então minha visão de mundo é um pouco diferente do padrão.
>
> **Yaa Nana-** [...] eu me reconheço como parda, eu tenho origem indígena e negra, então eu sou daqui de Juazeiro, natural, e é isso.
>
> **Hatshepsut** - Sou da cidade de Juazeiro do Norte e me autodeclaro negra. Minha origem familiar paterna são todos negros retintos e da parte materna são negros, só que de pele clara.

[22] O Caldeirão de Santa Cruz do Deserto, localizado na zona rural no município de Crato, Cariri Cearense, era composto por milhares de camponeses e romeiros que viviam na comunidade, trabalhavam coletivamente e dividiam o lucro com a compra de remédios e querosene. A comunidade religiosa do Caldeirão, em 1937, acusados de comunistas, foram bombardeados pelas forças do Governo Federal e da Polícia Militar do Ceará e enterrados em vala comum.

> **Ja Ja** - Tenho 27 anos, me autodeclaro pardo, venho uma de origem socioeconomicamente média digamos assim, e moro no Juazeiro do Norte aqui desde quando nasci [...]
>
> **Ranavalona** - Venho da Paraíba, mas moro aqui no Juazeiro do Norte. Ainda vale aquilo de parda, negro etc.? Então sou de origem parda.
>
> **Makeda -** Minha família tá aqui da região mesmo, a maior parte é dali perto de Jucás[23], num sítio próximo de Jucás, são da Maurícia, então minha vó é de lá, minha mãe também e eu me autodeclaro parda. A família do meu avô a maioria das pessoas tem características afros [...].
>
> **Nzinga -** Sou nascida e criada aqui em Juazeiro do Norte, me autodeclaro como negra, meu pai, ele é negro, baiano advindo de uma família totalmente negra. Meu avô saiu de uma família toda negra, ele e os irmãos; minha avó ela é branca, se considerava branca, atualmente ela é falecida, teve seis filhos, entre seis filhos dois eram negros e os demais para os brancos e pardos. Na minha família materna, meu avô ele é negro, é da região de Alagoas e minha vó ela é branca, se autodeclara como branca e é de um distrito lá de Pernambuco. Hoje minha família por toda está localizada aqui em Juazeiro, tenho uma irmã autodeclara parda, uma mãe se autodeclara parda e o pai negro. Meus tios eu tenho 6 tios por parte de mãe, um deles é negro, se autodeclara como negro, os demais se autodeclaram como brancos ou pardos.
>
> **Khama** - Minhas origens ... Sou natural de Potengi, eu nasci no sítio, na zona rural e com 7 anos eu mudei para a zona urbana. Assim foi quando eu comecei a descobrir um pouquinho mais sobre o mundo, como sempre falo. Eu me enxergo como branco né, que tipo até brinco que não sou branco, sou amarelo né, mas me enxergo, me vejo como branco.
>
> **Nandi -** Sou daqui de Juazeiro mesmo, nasci aqui e eu me declaro branca.

Mesmo com toda abertura dada para expressarem suas autodeclarações raciais percebe-se uma confusão e até mesmo insegurança em algumas falas, como na fala de Ranavalona, isso se dá por conta que a população brasileira não foi educada de forma positiva a enxergar sua identidade negra. Diante do racismo cotidiano uma forma de proteção seria não refletir sobre sua identidade racial, até mesmo negá-la e assim tentar se camuflar na ocorrência da mestiçagem. Em contrapartida temos a fala da *Nzinga* que traz um detalhamento racial sua família, bem como *Shaka* "[...] Eu me declaro como negro, só que na minha certidão de nascimento tem "pardo". Aí o professor *Luciano* me falou que quando eu fosse tirar a segunda via, eu chegasse lá e falasse: "eu me declaro, ou melhor, auto me declaro negro", que é pra eles mudarem os documentos." expressa seu desejo de modificar o campo de raça da sua certidão em prol do reconhecimento da sua identidade negra. Nota-se que a consciência racial e o letramento racial não chegaram para todos na educação básica, muitos que se autodeclaram pardos visivelmente são de pele escura, mas se escondem na cor parda.

[23] Jucás é um município situado na região centro-sul do estado do Ceará, no Brasil.

No que diz respeito aos bairros periféricos citados há uma característica em comum: são majoritariamente negros, não é mera coincidência configurações como essas no campo do urbanismo denunciam a situação social da população negra na construção de bairros e cidades.

> **Tiye** - Sou daqui de Juazeiro do Norte, moro atualmente na Betolândia, no conjunto minha casa, minha vida. Me considero negra, mas meu pai é negro e minha mãe ela é branca, então eu e meu três irmãos né ao total somos quatro, somos todos negros, puxamos ao meu pai, é isso.
>
> **Nefertiti -** Sou natural de Juazeiro do Norte, nasci em um bairro periférico, me encontro nesse mesmo bairro, me autodeclaro como negra. Minha família é uma família humilde e praticamente somos todos aqui de Juazeiro.
>
> **Shamba -** Eu moro em um bairro periférico aqui de Juazeiro do Norte e tanto meu pai, tanto minha mãe também são nascidos aqui no estado do Ceará e ambos são da cidade de Juazeiro do Norte e eu me autodeclaro negro.
>
> **Shaka** - Eu nasci e me criei aqui em Juazeiro, no bairro Pio XII, que é um bairro periférico, um bairro que o pessoal fala muito de assalto, morte, essas coisas, mas eu nunca liguei, sempre tenho orgulho da onde eu saí, das minhas origens, tenho orgulho de quem eu me tornei e é isso [...].

Conforme o conceito de bairros negros de Cunha (2021) é possível visualizarmos que o que onde esses participantes residem compõem uma produção urbana multifatorial pensada para população negra que busca mantê-la afastadas do grande centro urbano, a deixando a margem da sociedade.

> A formação e expansão das cidades brasileiras no século XX sempre segregam formas de racismos institucionais e ambientais contra as populações negras. A produção de bairros negros e de cidades negras é uma constante na formação urbana brasileira, em todas as cidades existem a formação de culturas negras, de formas urbanas da população negra e instalação de populações negras. Sendo que essas foram controladas pelas políticas públicas do estado, pelas ações dos mercados imobiliários, pelos interesses dos grupos brancos e tornaram-se sistematicamente vulneráveis quanto às condições de ocupação do solo urbano. **Bairros negros e cidades negras formam uma síntese conceitual das relações sociais, política, culturais e econômicas entabuladas entre as populações negras e brancas na formação das cidades brasileiras no século XX.**[24] Torna-se uma teorização explicativa através do espaço geográfico da condição social da população negra no Brasil. Bairros negros e cidades negras são construções empíricas significativas, primeiro por fazerem parte de uma forma de fazer ciência através da observação empírica, que constitui também uma forma de pensar (produção de conceitos e teoria) as relações sociais brasileiras de forma transdisciplinar, além das teorias econômicas apenas, integrando a existência do racismo antinegro estrutural e procurando a superação do eurocentrismo (CUNHA, 2021, p. 79 e 80).

4.1.2 "Não era minha primeira opção": as motivações para o ingresso no ensino superior

[24] Grifo da autora.

Partindo para reflexão sobre a escolha do ensino superior, as motivações são variadas, entretanto a renda familiar e o território são pontos que aparentemente mais interferiram nas escolhas dos participantes, a Educação Física aparece inúmeras vezes como "não era minha primeira opção", em algumas falas é possível saber qual era a primeira opção, nota-se que são cursos vistos socialmente como elitizados, como podemos constatar a seguir:

> **Osei Tutu** [...] eu sempre gostei muito de ver como as coisas funcionam e para mim o corpo humano era tipo uma engenhosidade muito grande, porque ver como ele funcionava. Eu até me questionei se eu ia fazer algo mais da saúde em si, tipo, medicina, enfermagem, [...].
>
> **Tiye** [...] a minha escolha pela Educação Física se deu porque já faz um tempo que estou na instituição, fiz ensino médio aqui. Entrei em 2012 no ensino médio com técnico em eletrotécnica e inicialmente eu queria algo relacionado a saúde né pensei em fazer medicina tudo mais, mas justamente pelas questões econômicas e sociais, ainda tentei estudar em casa por conta própria, mas eu vi que era uma realidade assim bem complicada para mim e que ia demandar muita dedicação, enfim... e aí como eu já estava aqui no instituto eu também pensava na área da educação física e ai entrei no curso, consegui passar, entrei e ai fui me identificando com a área escolar e também com a área do bacharelado, então foi isso.
>
> **Shamba** [...] A escolha aconteceu assim não era uma primeira opção minha, mas acabei entrando na educação física e gostando do curso e mesmo depois eu cheguei a passar no curso de direito na Urca só que como eu já estava 3 meses mais ou menos estudando aqui e eu não sentia aquela vontade, aquele ânimo de tentar estudar o direito aí estou aqui por terminar a educação física e acabei me encontrando.

Embora não tenha sido o curso dos sonhos muitos deles ao decorrer da formação inicial foram se encontrando com a área da educação dentro das vertentes da Educação Física. Outro ponto a ser destacado são os relatos de experiências ruins na educação básica com professores de Educação Física que não cumpriram bem seu papel, porém tais experiências surtiu desejo de mudança nos participantes, pois declararam que se sentiram motivados anos depois a fazer uma educação física diferente da que tiveram acesso na fase escolar.

> **Yaa Nana** [...] desde os meus 12 anos eu tive uma experiência não muito boa na escola pública com um professor de educação física e me ainda ali me deu uma vontade de querer ser uma professora de educação física só que onde eu pudesse fazer a diferença, onde pudesse ser diferente da forma é que o professor nos tratou como aluno, na verdade a gente ia participar dos jogos, do JEJUNOS25 né e a gente não teve assistência, não teve assim o apoio do professor, eram somente as aulas normais, as quais eles faltava frequentemente, então a gente queria, a gente tinha essa necessidade de ter uma instrução melhor né do professor de educação física, então ali nasceu uma paixão, eu conseguir e ressignificar de um momento ruim, a minha paixão pela Educação Física.

[25] Jogos Estudantis de Juazeiro do Norte.

> **Osei Tutu** [...] durante toda minha vida escolar as minhas aulas de Educação Física não era lá essas coisas, então eu pus na minha cabeça que iria me tornar professor de Educação Física pra nenhum aluno passar pelo que eu passei.
>
> **Ja Ja** [...] eu não tive bons professores do ensino médio e aí diante aquela situação queria mudar aquela realidade trazer aulas inovadoras, trazer modalidades diversificadas para os alunos né para sair daquele quarteto que a gente tem, que é bem conhecido que é o futebol, voleibol, handebol, basquetebol, então eu queria trazer diversidade, não só ter aquilo foi repassado por esses professores que são mais antigos que eles têm em mente né, uma coisa mais engessada, um ensino mais né, que não é aberto para o público, para os alunos.
>
> **Khama** [...] na minha escola era um professor de matemática que dava educação física, aí eu não sabia dessa questão, foi mais isso que me influenciou, querer saber mais sobre a área e o esporte por ter vindo dele.

Apesar da educação física nos depoimentos não ser o curso mais almejado pela amostra desse estudo, podemos perceber que ele transformou a perspectiva de vida dos graduandos, no caso da Nefertiti ela buscou o curso para realizar o desejo de ser primeira da família a ter um diploma, consequentemente poder acessar o mercado de trabalho buscando ter contexto de vida melhor do que seus pais.

> **Nefertiti** [...] inicialmente eu não queria educação física, era uma possibilidade, mas eu sempre me adaptei muito bem as disciplinas, aos lugares, então eu não tinha algo concreto aí eu passei em Educação Física em 2018.2 não vim cursar porque eu precisava trabalhar por questões econômicas, mas pela questão de ver o cotidiano em casa, a situação dos meus pais aí em 2019 eu passei novamente aí decidi vim cursar. Foi uma possibilidade para que eu não ficasse na mesma situação que eles, se Deus quiser vou ser a primeira a ter ensino superior.

Tivemos aqueles que buscaram o curso porque é Educação Física era seu grande desejo, faremos destaques a seguintes falas:

> **Makeda** [...] eu escolhi a educação física eu sou muito agitada eu sou eu tenho TDAH e eu tenho mais imperatividade do que eu déficit de atenção e aí por eu ser muito imperativa eu já trabalhei com criança com recriação e aí era a pedagogia e com a educação física e acabou que por minha avó falar é dessas minhas características né, ela faz hidroginástica essas coisas, por minha vó dizer que dava certo para mim aí eu me interessei por fazer né.
>
> **Nzinga** [...] A escolha da Educação Física se deu te deu por praticar e vivenciar dentro da escola, principalmente no ensino médio com uma professora branca, que ela ... eu sou apaixonado por ritmos, por dança, toda atividade expressiva e aí dentre isso apareceu o PIBID em Educação Física, uma coisa que eu nunca tinha visto que era geralmente era PIBID matemática ou PIBID Geografia, História. Quando surgiu esse PIBID era no contraturno da escola me interessei em participar e aí ela começou a apresentar atividades rítmicas e expressivas e depois passou a dança e eu achei interessante que a educação física até então era vista como esporte, porque eu só tinha praticado o quarteto fantástico: futebol, futsal, vôlei e basquete e aí depois que eu tive essa experiência em uma das aulas de campo, que era para conhecer as faculdades daqui da região do Cariri, a minha turma foi agraciada em conheceu IF e quando

> chegar aqui pela estrutura que se tem eu perguntei logo se tinha Educação Física, não cogitei se era licenciatura ou bacharel, só perguntei da educação física e aí tinha, e desde então passei dois ou três anos estudando para entrar na educação física e quando eu entrei eu visionava muito a dança só que quando eu entrei aqui que eu fui estudando no decorrer dos semestre eu vi que Educação Física é além da dança, é além dos esportes.
>
> **Khama** [...] eu teria escolhido a educação física foi um fato de desde pequeno está sempre ali no meio do esporte questão pelo futebol, futsal, então eu queria aprender mais, não só isso para não ficar preso ao futebol e ao futsal, mas conhecer outro mundo como natação, dança e meio que me apaixonei quando descobri que tinha o curso de educação física que até antes eu achava que era somente uma matéria simples da escola eu não achava que tinha uma formação própria [...]
>
> **Nandi [...]** foi minha primeira opção de curso e única, eu gosto muito da educação física porque assim eu comecei ter vivência no esporte desde criança né foi aí que adquiriu essa minha paixão pela educação física.
>
> **Shaka** Assim, digamos que era pra mim estar no oitavo semestre, só que eu estou no "S todos" ... que a pandemia veio e teve umas cadeiras que foi obrigado trancar... Bem, eu vim pro curso… eu vim pro IF pra fazer educação física, só que minha nota não deu certo eu entrar eu fiz automação industrial, fiz três semestres, consegui pedir transferência e estou em educação física. Vim pra Educação Física porque realmente é um curso que eu quero. É um curso que eu quero ser… eu digo que eu quero ser diferente dos meus professores que eu tive no ensino fundamental e no médio. Que alguns professores era só quadra, quadra e quadra. A partir do ensino médio, no terceiro ano, foi que sim… eu vi o que era realmente a educação física, porque muitas pessoas entram aqui com aquela mentalidade: "ah eu sei jogar bola, eu vou pra educação física. Ah eu tenho um corpo malhado, eu treino, eu malho e venho pra educação física". Aí quando chegar aqui se frustra, que realmente não é aquilo. Que o pessoal pensa só em quadra, só tem uma específica, só jogos e brincadeiras. Não são jogos e brincadeiras, tem outras coisas... a parte de anatomia, fisiologia, que isso, o pessoal (os professores) não falam que tem. Mas eu vim porque realmente é um curso que eu quero.

Na fala da *Makeda* é interessante como seu diagnóstico de Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade -TDAH foi crucial para a escolha da sua profissão. De forma brilhante a experiência positiva do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, no subprojeto Educação Física trouxe a *Nzinga* para a Educação Física ela expressa entusiasmos quando fala da descoberta da dança como um conteúdo da Educação Física, ainda é muito presenta na escola uma Educação Física muita presente dos esportes de quadra, sem trazer uma diversidade de conteúdos para seu programa de anual de aulas, conforme Gaya e Gallardo (2019) ainda que a dança encontre certas barreiras para se firmar no contexto da escola, os dados do seu estudo sobre as percepções de professor Educação Física sobre o conteúdo de dança mostram que ela é fundamental importância para educação dos alunos e alunas, ao passo que contribui para o desenvolvimento os sentimentos, emoções e a formação do ser humano como um todo, aspectos muitas vezes negligenciado pelos componentes curriculares e pelas propostas educacionais que ressaltam que valoriza apenas a formação técnico intelectual dos educandos.

Ao longo dessa categoria observamos que as motivações são as mais diversas, cada um buscando seus objetivos na medida do que foi possível naquele momento de "escolha", é importante frisar que as nossas escolhas nunca são feitas de maneira isolada, diante da força do querer, somos atravessados por inúmeros marcadores sociais que nos aproxima e nos distância dos nossos sonhos de vida. Como um todo, nossa amostra pode encarar seus desafios e estão prestes a concluir sua graduação com uma expectativa de atuação na área, quando vemos que alguns, mesmo não fazendo ideia do que era o universo da educação física, puderam se conectar com alguma vertente de atuação.

4.2 Categoria 2 – Abordagem dada a temática étnico racial no curso de Licenciatura em Educação Física

Essa categoria vai ao encontro com o objetivo geral desse estudo, aqui vamos analisar nas falas dos graduandos de maneira verificar como a temática étnico racial está sendo abordada no currículo da licenciatura em educação do campus selecionado, subdividimos essa categoria em quais foram as expectativas deles ao ingressar no curso e como está presente a temática étnico racial.

4.2.1 A presença da pauta racial no curso de Licenciatura em Educação Física

Os graduandos da Licenciatura em Educação Física reconhecem a presença da temática racial nas disciplinas de lutas, educação para o lazer, dança, jogos e brincadeiras como evidenciam nas falas abaixo, no entanto supõem que esteja presente mais por uma predisposição individual dos professores a tratar sobre o tema.

A temática racial aparece de forma muito pontual, percebam que é atribuído sempre a algum professor, possuindo o seguinte cenário, caso tal professor esteja com aquela disciplina no semestre o aluno irá cursar temáticas étnicos raciais relacionados ao conteúdo principal, mas se porventura essa disciplina esteja em mãos desinteressadas, no semestre posterior, o tema será ignorado.

> **Cleópatra -** Durante todo o meu processo educacional fora do instituto eu nunca tive contato com nada em relação a isso e fui ter aqui contato aqui no instituto e com os professores foram mais marcantes pra mim, e ai foi um conteúdo que quando a gente começa né a ter uma vivência mesmo que seja um conhecimento muito pouco a gente começa assim a ver novos olhares [...]. Eu fico muito feliz em tá tendo essas vivências daqui, aos meus 22 anos eu ir pra escola e levar um ensinamento diferente para o meu

aluno e fazer com que o pensamento que o meu avô tinha eu possa mudar a realidade de hoje, não mudar dele, mas que eu possa mudar nas próximas gerações levando conteúdo como esse né, pro ambiente escolar que é onde a gente consegue mudar as pessoas, é um ambiente transformador e a gente enquanto profissional, enquanto professor, a gente pode levar um conteúdo como esse eu acho de grande valia, foram os professores daqui profissionais que mais marcaram também em relação ao meu conhecimento sobre que aí foi *Marla* e *Luciano* por intermédio dos dois principalmente [...] *Ana Paula*, inclusive hoje nos dois primeiros horários a gente estava com *Marla* em na disciplina fazendo uma oficina da boneca Abayomi[26], então assim são momentos que a gente está tendo a oportunidade de estar aqui na faculdade que no nosso ensino básico não teve né, e aí às vezes a gente vê como uma coisa tão simples, como foi a oficina de hoje, mas que os alunos, assim, todo mundo adulto, mas abraça com uma coisa inédita, porque ninguém nunca teve contato com isso né e isso é muito importante.

Mansa Musa - A respeito da pauta racial tenho estudado na minha pesquisa, estou escrevendo aí sobre jogos de matriz africana né isso foi um conteúdo que eu não tive o devido conhecimento na educação básica eu vim conhecer aqui no instituto mesmo e me interessei gostei demais através das dos professores: Professor Luciano e da professora *Marla* né, quando eu digo que foi através deles, foi porque é, *Marla* por conta da disciplina de jogos e brincadeiras foi onde eu conheci o jogo e o professor Luciano e que estava à frente desses movimentos, então foi principalmente a partir deles dois o porquê eu me interessei por essa área, acho que não mais é isso, teve professora *Nilene* também que trabalha muito nessa questão é na disciplina de lutas, como também na disciplina de capoeira. Teve a professora *Flávia* também na questão da disciplina de dança, [...] Ana Paula também abraçava a causa como realmente deve ser.

Osei Tutu - Sim, muitos professores é trazem temas relacionados é, e muitos professores também por ter uma ligação maior com o tema é quase todas as aulas ou todas mesmo, eles abordam o tema de alguma forma seja fazendo alguma pergunta específica do tema, seja colocando algo mais implícito no meio, fazendo perguntas, estimulando-nos a falar sobre o tema também.

Hatshepsut - Bem, na minha formação acadêmica a gente tem sim em algumas disciplinas só que algo muito restrito, a disciplina de lazer, por exemplo, que abrange essa hoje mesmo a gente teve uma aula que falou sobre isso, sobre a criação do lazer, como ele surgiu que vem junto com a globalização e aí fala um pouco sobre isso, as disciplinas de luta, de capoeira, mas as demais não.

Nefertiti - a gente começou a ver mais sobre essa pauta racial assim com um professor específico da instituição. Teve outra professora especifica para da disciplina de psicologia da educação física, que ela era da URCA, ela era substituta, é Ana Paula, ela que trouxe também essa questão étnico racial, das leis, mas foi algo bem rápido porque ela não permaneceu por muito tempo na instituição, então o que foi voltado para isso foi quando esse professor começou e também por leituras por fora que a gente fazia para entender mais sobre, por algo mais pessoal e não que era feito na aula mesmo ministrada pelos professores.

Makeda - sim ela esteve presente em várias discussões durante algumas disciplinas que a gente foi vendo durante o curso em jogos e brincadeiras como foi trabalhado a questão dos do jogo é de origem africana, mas que não tem como ser comprovada por

[26] Para acalentar seus filhos durante as terríveis viagens a bordo dos tumbeiros – navio de pequeno porte que realizava o transporte de escravos entre África e Brasil – as mães africanas rasgavam retalhos de suas saias e a partir deles criavam pequenas bonecas, feitas de tranças ou nós, que serviam como amuleto de proteção. As bonecas, símbolo de resistência, ficaram conhecidas como Abayomi, termo que significa 'Encontro precioso', em Iorubá, uma das maiores etnias do continente africano cuja população habita parte da Nigéria, Benin, Togo e Costa do Marfim. Fonte - https://www.geledes.org.br/bonecas-abayomi-simbolo-de-resistencia-tradicao-e-poder-feminino/

> questões de ser negada essa história também a questão indígena também foi bastante abordado tanto nessa disciplina é para práticas corporais de aventura também capoeira entre e muitas a gente teve professores específicos só que tinha um grupo especifico de professores que eram os que traziam este assunto a ser para ser refletido Na com a turma e algumas atividades também que tivesse relação.
>
> **Nzinga -** Sim, ela esteve presente durante toda a formação, é tanto que teve disciplina com professor Luciano, que se autodeclara como negro, ele já pautou, já trouxe o contexto de atletas negros dentro da educação física que sofria racismo, que sofrem dentro da educação física, principalmente mulheres negras em praticar atividades físicas tem essa distinção de homens e mulheres, então esteve e está presente, é tanto que minha aulas de ensino médio, uma das atividades que a gente passava era um debate sobre educação física escolar atrelada a étnico racial, se pessoas brancas tinha mais visibilidade em esportes e pessoas negra não.
>
> **Nandi -** sim, sempre os professores trazem artigo, é o que mais eu vejo que assim, a maioria que fala é mais alguns professores né, que são negros, no caso aqui eu acho que aqui deve ter dois, só que alguns professores trazem sim essa pauta né, como eu disse artigo, texto também, tem algumas disciplinas que frisa muito assunto, eu vi muito assim falar mais assim aqui na instituição, fala muito, eu vejo que tem um certo preconceito né, mas eu nunca tinha prestado tanta atenção, tipo, como eu hoje presto sabe, depois da discussões e tudo.

Em alguns depoimentos é possível ver que apesar de ser tratado de forma pontual conseguiu despertar o interesse de alguns graduandos, no âmbito da pesquisa, no planejamento de suas aulas do estágio obrigatório.

Os graduandos tecem críticas em relação aos professores desinteressados, bem como a superficialidade do tratamento da temática pelos demais, embora o campus disponha do NEABI, importante grupo de estudos que proporcionam a formação inicial e continuada direcionando para um aprofundamento do tema, os graduandos apontam que isso deveria ser feito também nas disciplinas obrigatórias. Veja nas falas a seguir:

> **Shaka -** Está devido eu já ter aula com o professor Luciano, porque, não falando dos outros professores, mas é o único professor que ele puxa muito essa pauta do racismo dentro das aulas de educação física. Agora, entre os outros professores, só a professora Marla também, que ela fala muito… que nos jogos e brincadeiras a gente faz jogos africano, tem outra disciplina dela também. que eu não lembro o nome, mas é jogo interraciais… uma coisa assim. E ela fala muito junto com o professor Luciano, só que os outros professores, eu vejo que… não sei se têm receio de falar e o pessoal falar 'não é o seu local de fala'. Porque é como a própria filha do professor Luciano falou, que tipo: "não é o seu lugar de fala, mas só de você que é branco, você falar do negro ali, você está ajudando os outros negros a ser aberta a porta pra eles pra que eles tenham voz ativa no decorrer da sua graduação.
>
> **Yaa Nana -** Eu vejo assim, principalmente, em uma disciplina qual eu paguei e a gente tratava muito nessa pauta né que era um que é de um professor negro, foi esportes de aventuras, hoje a gente está pagando outra disciplina que é o handebol, a qual é o mesmo professor, e ele faz parte do NEABI, que é o professor *Luciano* e ele sempre tá defendendo está trazendo para a gente essas discussões em sala né, da inclusão, do preconceito e assim infelizmente a gente ainda percebe que existe o preconceito né é como se fosse é ... as pessoas falam que é uma neutralidade, mas eu não vejo que quem está em neutralidade ela já não tem a escolha de um lado. Então as vezes uma brincadeirinha que acham que é suave, as vezes até *bullying* com o

> formato do nariz, o qual eu já sofri já sofri na minha infância e hoje eu ainda tenho assim essa insegurança sabe, eu ainda me olho no espelho e eu ainda é difícil sabe, porque eu venho de origem negra, eu tenho traços de negros, um exemplo é o meu nariz, então para mim hoje ainda é um pouco difícil assim aceitar mesmo apesar que aqui na graduação eu nunca sofri nenhum tipo de preconceito em relação a minha cor, eu vejo aqui que tenho vários colegas que são pardos, tenho amigos negros, enfim é isso.
>
> **Tiye -** Eu acredito que essas questões raciais deveriam ter sido bem mais questionadas e debatidas ao longo da graduação. Aqui no campus a gente tem o NEABI, tem o professor Luciano que ele traz muito essas questões, mesmo que a disciplina não seja voltada para isso ele teve inserir né esse contexto, mas eu acredito que ainda falta se aprofundar mais, ainda falta ter disciplinas especificas para tratar dessas questões porque quando a gente vai para essas palestras e tal que o NEABI propõe a gente ver que a gente não sabe nada sobre essas questões e aí principalmente pra quem vai para a escola é preciso que a gente traga esses conteúdo para dentro de sala porque é uma pauta muito importante assim, então acredito que a gente tem sim, mas tem muito ainda o que melhorar.
>
> **Shamba -** Apesar de talvez de maneira superficial ou talvez não de uma quantidade, de um volume adequado ela sim está presente, principalmente em algumas disciplinas, como a disciplina de capoeira, uma disciplina de jogos e brincadeiras que tratam um pouco dessas questões, como também alguns projetos externos da faculdade, além da disciplina tem alguns ... que mesmo que poucos tem os projetos para tratam dessa temática. A gente tem o NEABI Juazeiro, aí o Neabi realiza diversas oficinas aí eu participei de algumas delas durante todo o processo de formação.

Podemos perceber que o NEABI cumpre um papel relevante para o debate racial dentro do campus, entretanto é necessário que os professores do curso de Licenciatura em Educação Física atuem em caráter colaborativo, pois assim as ações terão mais adesão e alcance de objetivos maiores no âmbito educacional.

4.2.2 As expectativas acerca da temática étnico racial no ensino superior

Chegando ao ensino superior os discentes possuem no imaginário, positivamente e/ou negativamente, como será seu curso. Diante disso, notamos que tais pensamentos podem sofrer influências do que eles trazem consigo e por vezes um entendimento equivocado do que é a educação física. Especificamente nesse tópico procuramos saber se os participantes imaginavam que a temática étnico racial viria a ser trabalhada na graduação. Acompanhe as falas a seguir:

> **Cleópatra -** Quando eu entrei aqui no curso né eu não imaginava que o curso fosse dessa forma como né e aí me deparei com muitas disciplinas que eu não eu pensei que era estudado dentro do curso de educação física, justamente pela educação física que eu tive durante todo o ensino básico e, uma delas é essa questão dos jogos étnicos, eu não pensava que eu iria trabalhar dessa forma, que ainda acho que deve ser expandido para outras disciplinas, por exemplo.

Mansa Musa - Não, eu não esperava que tivesse uma disciplina propriamente dita que abordasse essa temática.

Osei Tutu – [...] um pouco antes de eu entrar eu realmente não achei que fosse ter, logo no começo, porque estava semestre foi EAD, então tinha toda aquela questão, eu achei que por a gente não estar é inserido no meio a gente não conseguiria tratar o tema [...].

Yaa Nana - Não, na verdade eu achei eu não fosse esse contato, porque normalmente nas instituições é algo que é esquecido né, ainda é visto como ... Eu acredito que as pessoas ainda querem colocar debaixo do tapete. Eu acredito que as melhores pessoas para falar sobre isso são principalmente as pessoas negras, as pessoas que sofreram algum tipo de preconceito e elas podem sim estar falando melhor do que eu, eu nunca sofri pela minha cor, acredito que assim foi só em relação às minhas características né de ser de ter origem negra. Citação de Djamila da foto do whats Visão ainda equivocada da ocorrência do racismo, ele opera em várias camadas,

Tiye - Não imaginava que teria, assim imaginava que teria por um lado, mas que não seria o foco da Educação Física por ser um instituto federal, uma coisa que abrange mais essas questões, mas não imaginaria não que teria. Quando a gente entra na educação física a gente pensa que é uma coisa totalmente oposta do que é né, a gente acha que é uma coisa bem prática assim, uma coisa que não exige muita da teoria né que é mais ligada aos esportes, mas sendo que na verdade não é que a gente precisa estudar psicologia, precisa estudar transtornos né, história da educação e todas essas coisas.

Nefertiti - Não. Na verdade, quando eu entrei aqui na instituição eu nem me considerava negra, eu não tinha esse reconhecimento da minha própria identidade, porque nas escolas que eu estudei, eu sempre me relacionei, na maioria das vezes, com pessoas brancas aí geralmente essas pessoas elas me tratavam como morena, nunca assim negra, entendeu? E aí aqui foi que eu vim me reconhecer como negra depois de todos esses debates sobre essa temática com essa professora Ana Paula, mesmo sendo de uma forma rápida, mas me fez pesquisar por fora, me fez reconhecer, entendeu? Teve uma representatividade para mim. Depois que entre na instituição sim, mas na escola não tinha nada, então eu não tinha conhecimento sobre.

Shamba - Sinceramente não, na verdade a gente conhece muito pouco da educação física, a gente como população externa que não está dentro da área, aí quando você entra dentro da educação física você conhece que não é só aquele quadradinho pequeno de formação de questões não, é um campo que envolve toda a área da cultura corporal, ou seja, a cultura corporal vai tratar de inúmeras e diversas situações, enquanto a gente está fora a gente pensa mais em uma ideia esportiva, numa ideia mais tradicional que a gente tem da educação física no contexto social, mas ela é bem mais ampla do que a gente vê enquanto estando fora de uma graduação ou do meio acadêmico da educação física.

Makeda - não a gente pensa que a educação física vai mais para a questão do esporte e nem se atenta a isso assim que vá ter essa discussão no decorrer no curso.

Nzinga - Não, quando entrei no curso, como eu disse, eu achei que era só esporte ou que era só brincadeiras escolares que não tivesse pautas sobre mim, étnico racial, nem muito menos sobre a filosofia que no primeiro semestre teve uma de filosofia e um dos professores negros e com o decorrer destas disciplinas, dos semestres eu vi que tinha e era importante dessa pauta.

Nandi - Não. Eu gosto da educação física, mas eu não fui pesquisar o que tinha de disciplina no curso, porque assim todo mundo pensa que é mais a prática em si, pensa em esporte, eu não sabia que tinha essas discussões por fora, tipo, tinha algumas disciplinas que eu desconhecia que era à psicologia, eu não sabia que tinha na educação física e assim eu achei muito bom de ter né, porque tem muita gente que não

> tem consciência né e para ter essa conscientização, porque às vezes a gente ver né e até respeita a causa mais depois sem ter o conhecimento, tem gente que respeita mais gente que não respeita e quando você tem uma conscientização na sala eu acho que tem gente que abre mais assim os horizontes né para olhar com mais cautela pra certas causa né não só temas racial, mas para outras causas assim.

Ao mesmo tempo que eles desconheciam a possibilidade de trabalhar tal temática no curso eles ressaltam a sua importância. O discente chega no ensino superior com a concepção do senso comum por isso desconhecem a profundidade do que será abordado nas disciplinas. Podemos perceber alguns resultados positivos, como a educação antirracista promovida em uma disciplina auxiliou na construção da identidade negra da *Nefertiti.*

Entretanto, a ideia reducionista de que a educação física é o lugar de trabalhar apenas do esporte dificulta o senso comum interpretar a educação física como uma área que abrange de vários conteúdos e expressões corporais, esse dado não é exclusivo do nosso estudo.

Vejamos, segundo Rangel (2008) do ponto de vista do aluno, parecer haver realmente uma identificação do significado da disciplina Educação Física com o esporte, principalmente a partir da 5ª série do primeiro grau. Aproximadamente 80% dos escolares entrevistados por CAVIGLIOLI (1976) consideraram a Educação Física sob uma ótica esportiva. A autora salienta que não há mal algum nisto, desde que possa haver oportunidades para conhecimento de outras práticas, e o indivíduo tenha condições de optar. Mas ocorre que até os alunos percebem a existência de outras possibilidades, mas estas não são veiculadas na escola. Em pesquisa desenvolvida em oito escolas, públicas e particulares (BETTI, 1992), verificou que o conteúdo desenvolvido raramente ultrapassa a esfera esportiva; mais do que isto, restringe-se ao voleibol, basquetebol e futebol. Fato ainda mais alarmante foram as respostas dos alunos que, na maioria, afirmaram que gostariam de aprender outros conteúdos.

Portanto, não é estranho o discurso dos alunos interligando a educação física ao esporte, pois historicamente ela foi apresentada assim aos alunos durante sua vida escolar. O esporte tem suas potencialidades no âmbito educacional, ele faz parte da educação física, mas educação física não é o esporte, dessa maneira, ele poderia ser utilizado para promover a educação antirracista. O conteúdo esporte dá palco para a temática racial, seja apontando a presença positiva da população negra ou ausência dela em algumas modalidades.

As ligações estabelecidas entre a educação física e a política esportiva no país – principalmente ao longo das últimas três décadas do século XX – que ressaltam ainda mais o caráter esportivista na educação física escolar.

Bracht e Almeida (2003) afirmam que há uma pseudovalorização da educação física através das políticas educacionais na educação, como o programa esporte na escola. Os autores

são céticos quanto à proposta de legitimação da EF embutida na filosofia do Programa Esporte na Escola. Entende-se que reascender o esporte na escola, nos moldes do programa, não se constitui numa forma eficaz de legitimar a EF como componente curricular nas instituições de ensino. Advogar tal postura não corresponde a negar o esporte como elemento de ensino da EF. Criticar o esporte não significa ser contrário à sua aprendizagem. Tratá-lo criticamente nas aulas, e aqui reside outro equívoco, não quer dizer ser contra as técnicas desportivas ou negá-las; da mesma forma, grassou o entendimento de que, ao lhe darmos um trato crítico, estaríamos prescindindo do movimento em favor da reflexão (o importante é fazer este acompanhar aquele). Portanto, a defesa não é por sua abolição das aulas, mas sim por um trato pedagógico do esporte – analisando o tipo de educação veiculado por uma ou outra forma de manifestação esportiva – para que se torne educativo numa determinada perspectiva (crítica) de educação.

Em contrapartida temos uma expectativa otimista dos graduandos, mesmo que em minoria, quando afirmam que já esperavam o estudo sobre temática racial mediante sua relevância no cotidiano escolar.

> **Hatshepsut -** Sim, esperava que tivesse por conta da educação física em si ser um curso muito diversificado eu pensei que teria sim e mais professores também negros na instituição, mas não supriu as expectativas, porque acho que na verdade a gente é que está hoje como graduando da instituição que são as pessoas que chegaram para mudar isso que realmente não tem aí fiquei na expectativa só.
>
> **Khama -** sim, por conta como a gente trabalha na licenciatura/bacharel não somente a parte acadêmica, mas a também assim vai trabalhar com equipes, trabalhar em academias, por exemplo, tipo tem que ter essa discussão e eu já esperava que tivesse porque a gente vai encontrar isso no nosso dia a dia, seja em sala de aula, numa equipe, numa academia, num clube, na sala a gente vai ter que discutir e saber lidar quando ocorrer casos, por exemplo o racismo né a gente saber lidar tipo conversar com a pessoa que foi vítima e explicar pra pessoa que fez, as vezes ... a gente sabe que alguns casos a pessoa faz por, tipo aculturação mesmo vem de pai ouvindo aquilo, de mãe e acha que é normal, mas também de saber explicar "esse caminho não é certo", tipo não é julgar, mas tipo entender, explicar esse caminho é certo e também saber como acolher a pessoa que sofreu o ato racista.

Ter o olhar atento a ocorrência do racismo âmbito escolar é também buscar as possibilidades de resolver os conflitos provocados por ele. Pode parecer difícil, mas se trabalharmos na conscientização precocemente visando agir coletivamente se tornará algo viável, para tanto exige posicionamento do professor diante dos episódios na escola, se porventura ele for alheio ao que está ocorrendo pouco será feito para combatê-lo.

4.2.3 Educação Física escolar: Iniciação à docência e a tentativa da educação antirracista

Ao ingressar no estágio obrigatório, o professor estagiário possivelmente terá as primeiras experiências docentes. O estágio será o lugar de se deparar com a realidade escolar nua e crua, tendo que lidar com estereótipos, discriminações de gênero, de classe e o racismo além de suas próprias inseguranças inerentes aquele momento de iniciação à docência. Nas falas dos participantes, podemos destacar alguns sentimentos em comum entre eles decorrente do primeiro contato com a escola, o medo e o receio.

> **Osei Tutu - –**[...] algo meio assustador, porque são várias pessoas que provavelmente vão te utilizar como modelo, então você tem que agir da melhor forma possível [...]
>
> **Tiye -** eu senti um pouco de medo, de receio, mas a gente sempre fica naquela expectativa de algo novo, mas depois eu percebi que é algo que precisa muito ser construído e que a gente não aprende só na sala de aula estudando didática da educação física, elaborar planos de aulas, que a gente elabora um plano de aula chega lá tem que ter o plano B e as vezes as crianças não se adaptam, enfim, mas que é um processo que tem que ser construído que a gente não pode achar que sabe tudo já e para por aqui na graduação, mas desafiador porque cada geração vem uma coisa diferente, é um processo. Senti falta das discussões étnicos raciais, tem horas que a gente pensa o que que eu falo, porque não teve um conteúdo assim bem alicerçado. [...]
>
> **Nefertiti -** Eu senti um pouco de pavor né. No início quando eu vi a estrutura da escola principalmente, e a perspectiva dos professores de ensinar, porque o meu primeiro estágio presencial foi no fundamental I - Anos iniciais e aí quando eu cheguei até a sala não tinha a disciplina específica, a educação física era a nomenclatura recreação e não tinha um professor específico e essa escola que eu escolhi é um em um bairro periférico, meu bairro eu nasci nele né moro atualmente e lá era uma professora polivalente e aí eu fiquei apavorada, tanto como era feita a aula, porque era de uma forma totalmente sem objetivo onde as crianças ficavam dispersas outra questão também não tinha tanta questão de instrumentos de materiais necessários, mas isso é algo que dependendo do professor, o professor pode adaptar, ele pode construir com as crianças né trazendo mais essa questão da construção dos brinquedos, enfim. [...].
>
> **Shamba** – Sim, foi partir dessas experiencias que eu pude me encontrar mesmo com a ideia da docência e como a docência em educação física a gente sabe que tem desafios quando a gente trata de educação já são inúmeros, quando a gente parte para a ideia da educação física são mais ainda, principalmente quando a gente vai pensar pelo lado dessa temática nesse contexto racial. A educação física tem como base ainda os esportes, e a maioria dos nossos esportes modernos nasceram em escolas internas que onde maioria eram homens e homens brancos, ou seja, por essa questão de o esporte ainda ser o ápice da educação física e dentro da sua história não tem uma participação tão intensa de negros e de mulheres meio que quando a gente vai para o ambiente escolar a gente percebe uma carência, uma resistência. Talvez a própria ideia de o aluno ver o professor negro e achar aquele é professor porque ele é filho professor, porque o professor também é negro e não reconhecer que aquilo é um lugar de pertencimento também a ele e a qualquer pessoa independente de cor ou raça, religião ela tem o direito de se formar academicamente em qualquer situação.

Observamos que as críticas à Educação Física escolar relatada pelos participantes são primeiro pela ocorrência de professores sem habilitação ministrando aulas da disciplina, a ausência de professor de educação física nos anos iniciais, em segundo, ao currículo da

Educação física por conta do seu histórico que promove a supremacia branca, consequentemente temos uma prática que barra a participação da população negra ao longo da história.

Os currículos dos cursos de formação de professores de educação física incharam de tantas fisiologias, bioquímicas, biomecânicas, psicologias, antropologias, estatísticas e, por outro lado, esvaziaram-se de seu conteúdo pedagógico, filosófico e político. (Gaya, pág. 72, 2017). Nesse debate não pretendemos menosprezar os conteúdos biológicos, porém chamar a atenção que só eles não serão suficientes para dar vencimento as demandas do componente curricular Educação Física na sociedade atual. O esvaziamento pedagógico irá refletir na prática docente comprometendo o desempenho de discussões relevantes socialmente. Do que adianta saber que o corpo possui 600 músculos que trabalham em conjunto com articulações e tendões para que ocorra o movimento se ignorarmos as demandas sociais e as subjetividades desse indivíduo em movimento?

Especificamente no Projeto Político Pedagógico - PPP do curso de Licenciatura em Educação Física disponibilizado do site do IFCE/Campus Juazeiro no tópico Perfil do Licenciado em Educação Física do IFCE – Campus Juazeiro Do Norte diz:

> O licenciado em Educação Física deverá ter a consciência de que qualquer prática corporal estará direta ou indiretamente relacionada ao contexto social em que é construída, contribuindo para a consolidação ou a transformação da realidade social. Nesse sentido, privilegia-se uma formação que possibilite identificar, compreender, interpretar e explicar tal realidade, e, ao mesmo tempo, buscar desenvolver ações na perspectiva da construção de uma sociedade avançada do ponto de vista técnico-científica, verdadeiramente humana, democrática e justa. A proposta de licenciatura em Educação Física do IFCE encontra-se, portanto, fundamentada em dois pilares: a competência docente e a competência ético-social. No decorrer de sua formação o aluno terá inúmeras oportunidades de vivenciar atividades práticas-reflexivas, por meio do Núcleo de Formação Básica, Núcleo de Formação Específica, Núcleo de Prática Docente, Núcleo Flexível, e da Prática como Componente Curricular que acontecerão ao longo do curso. Dessa forma, busca-se a unidade no fazer pedagógico entre a teoria e a prática, na tentativa de superar a histórica fragmentação do conhecimento a partir destas categorias. Assim, o aluno deste curso, será estimulado a reconhecer sempre as influências biopsicossociais envolvidas no contexto da prática docente para a qual será formado (IFCE, pág. 14)

Partindo do pressuposto que o perfil do licenciado busca está “contribuindo para a consolidação ou a transformação da realidade social”, tem como dever favorecer o desenvolvimento reflexivo das problemáticas da população negra que ali estão se formando, a fim de transformar sua realidade social, sendo assim o que justificaria a escassez do tratamento destinado as relações étnico raciais no percurso formativo dos graduandos do curso de

Licenciatura em Educação Física, se essa pauta é tão importante para transformar a realidade social dos alunos da escola pública, por exemplo, os quais são majoritariamente negros?

Em outro momento do texto diz que "o aluno deste curso, será estimulado a reconhecer sempre as influências biopsicossociais envolvidas no contexto da prática docente para a qual será formado", tais influências biopsicossociais diz respeito a um modelo da medicina que estuda a causa e a evolução das doenças considerando os aspectos biológicos, psicológicos e sociais[27]. Esse modelo se contrapõe ao modelo biomédico, que está centrado na doença e restringe-se aos fatores biológicos. A partir de uma perspectiva biopsicossocial, a saúde e a doença são compreendidas como resultado não somente da interação dos fatores biológicos do organismo do indivíduo, mas também do ambiente em que vive e das suas relações sociais[28].

Podemos destacar que o racismo é um grande agente de adoecimento mental da população negra, ele ameaça a vida da população negra em várias esferas. O racismo pode adoecer sua vítima desde quando ouve um comentário depreciativo sobre sua aparência até quando o racismo estrutural barra uma pessoa negra academicamente qualificada ocupe um cargo de alto escalão, levando em consideração que o licenciado será estimulado a considerar as influências psicossociais, será se ele tem aporte suficiente após sua formação inicial para considerar o racismo como parte desse tratamento?

4.3 Categoria 3 – Qual o papel do branco na luta antirracista? Implicações e possibilidades

A presente categoria surge a partir uma da roda de conversa "*O lugar do branco na luta antirracista"*[29] ocorrida na formação, segunda fase da pesquisa, o tema emerge do perfil dos participantes que estavam presentes naquele momento, todos brancos, exceto o professor convidado, Luciano Carvalho, então o contexto favoreceu sobre questionamentos inerentes a essa condição racial e social dos sujeitos.

Quando um sujeito branco inicia os estudos sobre as relações étnicos raciais tem que ter consciência que socialmente falando ele goza de privilégios simbólicos, subjetivos e objetivos que o pacto da branquitude o fornece. Em face disso, o racismo como um instrumento de poder funciona no mecanismo de vantagens e desvantagens, ou seja, a branquitude será o grupo social

[27] Significado de Biopsicossocial (O que é, Conceito e Definição). https://www.significados.com.br/biopsicossocial
[28] Biopsicossocial - O que é, conceito e definição. https://conceito.de/biopsicossocial
[29] Ver quadro no Cap. 3 Metodologia na sessão procedimentos de coleta

que tem vantagens e a negritude, será o grupo social que estará em desvantagem diante da ocorrência do racismo.

Entretanto, é interessante pontuar quando se trata de uma família interracial de baixa renda, a exemplo pais negros e filhos brancos, tais filhos não usufruirão de total privilégios da sua condição de branco por conta dos obstáculos provindos da classe social, bem como irá enfrentar situações constrangedoras pela ocorrência do racismo que atinge seu seio familiar, logo ambos irão passar por aflições inerente as suas condições sociais que os atravessam.

Precisamos jogar luz aos conceitos que consideramos importantes para o desenvolvimento dessa discussão: branquitude, negritude, pacto da branquitude e lugar de fala.

Segundo Munanga (2012) a negritude ou a identidade negra se refere à história comum que o olhar do mundo ocidental "branco" reuniu sob o nome de negros. A negritude não se refere somente à cultura dos portadores da pele negra, que aliás, são todos culturalmente diferentes. Na realidade, o que esses grupos humanos têm fundamentalmente em comum não é, como parece indicar o termo negritude, a cor da pele, mas sim o fato de terem sido na historicamente vítimas das piores tentativas de desumanização, mais do que isso, ter sido simplesmente negada a existência dessas culturas.

Gadioli e Muller (2017) no artigo *Branquitude e cotidiano escolar* compreende branquitude como a identidade racial branca no qual prevalece os privilégios simbólicos e materiais que contribui para a manutenção do *status quo* e a reprodução de preconceitos.

O pacto da branquitude, segundo Bento (2022) denomina como um fenômeno que tem um nome branquitude e sua perpetuação no tempo em que se deve a um pacto de cumplicidade não verbalizado entre pessoas brancas, que Visa manter seus privilégios as formas de exclusão e manutenção de privilégios dos mais diferentes tipos de instituição são similares sistematicamente negado silencioso o pacto da branquitude possui um componente narcisista, de autopreservação, como se o diferente ameaçasse o normal, o universal.

Após explanar os conceitos acima, precisamos depreender que os brancos que não costumam serem racializados, se consideram o sujeito universal, donos do padrão estético preferido pela sociedade, onde usufrui de seus privilégios sociais sem muita reflexão cotidiana. Ressalvo que há dois tipos de branquitude: a branquitude acrítica, que defende a supremacia branca e naturaliza as desigualdades raciais, que está na base de movimentos neonazistas, da Ku Klux Khan, entre outros; e a branquitude crítica, que desaprova publicamente o racismo, bem como contribui para o debate racial. Dessa forma, identificando o branco aliado a luta antirracista será o que parte da branquitude critica, pois é quem compõe esse perfil que reconhece seus privilégios e se aproxima da pauta para contribuir.

Embora, aparentemente, nossos dois participantes da roda de conversa façam parte da branquitude critica eles ainda demonstram certa insegurança, bem como um desconhecimento dos possíveis embates que irão trilhar ao entrar no debate racial, quando indagados sobre qual seria suas reações caso alguém os abordassem e os questionasse sobre pessoas não negras está discutindo negritude o Mansa Musa responde:

> Primeiramente eu não tinha parado para pensar que poderia se dar essa possibilidade de alguém vir me criticar [...] eu não tinha parado para pensar nessa possibilidade que pode um dia chegar alguma pessoa e me questionar por eu tá também contribuindo né na mesma luta que eles.

Nota-se na fala do graduando a ignorância de quem nunca foi apontado por sua cor, provavelmente nunca fora questionado sobre a pauta racial, situação comum a pessoas negras que automaticamente quando ocupa um espaço acadêmico são impulsionadas a tratar sobre racismo, de acordo com a autora Barbara Carine (2023) "por mais que a branquitude tenha criado o conceito de raça essas pessoas se veem se projetam no lugar de "ser genérico" de "sujeito universal"; elas, em si, são a representação do humano; racializados são os outros [...]" . O fato de 'nunca ter pensado' é porque ele está no lugar confortável que o privilégio branco o coloca, em complementação destacamos a fala do participante como a expressão do privilégio branco, conforme Bento (2022) privilégio branco é entendido como estado passivo, uma estrutura de facilidades que os brancos têm, queiram eles ou não. Ou seja, vive a herança está presente na vida de todos os brancos sejam eles pobres ou antirracistas. Há um lugar simbólico e concreto de privilégio construído socialmente para o grupo branco.

Ao analisarmos a fala da participante a seguir podemos refletir sobre o lugar social e o lugar de fala, bem como a ausência do protagonismo negro no debate racial levantados em sala de aula.

> **Cleópatra –** [...] infelizmente não tem nenhuma pessoa negra aqui ninguém do curso de educação física, os três que estão aqui são de peles claras e eu até dizendo por que lá em casa a gente conversou sobre isso né quando eles viram "*Cleópatra"* com certeza isso ai vai surgir algum comentário que você vai falar sobre aquilo e não é seu lugar de fala porque a gente tem um tom de pele mais claro ai eles até dizendo "como você vai tá lá, claro que eles vão questionar e ai como é que você vai dizer que você está estudando uma coisa que você não é ?!"ai a gente discutiu isso semana passada no minicurso [...].

Podemos perceber algumas camadas nessa fala ela ressalta a importância de ter pessoas negras juntamente os participantes brancos estudando sobre o assunto, mas faz outras colocações que vamos analisar com mais cautela. Durante o minicurso pontuamos bem sobre a

importância do branco se valer dos seus privilégios para levar a discussão racial onde pessoas negras não conseguem chegar por conta do pacto da branquitude, bem como esse professor branco poderá contribuir com a construção de uma identidade negra positiva em suas aulas e, como ele pode agir diante de uma situação racista no ambiente escolar.

Quando a família da participando alega que ela está 'estudando uma coisa que você não é', cabe a frisar sobre tamanha ausência de uma postura antirracista e total desconhecimento de seu lugar social.

Os últimos tempos tem-se criado um movimento de oportunidade de expressão principalmente advento das redes sociais, porém urgência das redes sociais em muitas vezes traz um esvaziamento de conceitos importantes, entretanto não nos cabe invalidar as discussões feitas em tais ambientes de comunicação virtuais, mas sim alertar para que não haja equívocos.

Cleópatra continua dizendo "[..] as pessoas vão achar que a gente está tomando o lugar de fala, vão pensar que a gente não tá ocupando o lugar que a gente deveria".

Conforme Ribeiro (2017) entendemos que todas as pessoas que possuem lugares de fala pois estamos falando de localização social. E, a partir disso, é possível debater refletir criticamente sobre os mais variados temas presentes na sociedade. O fundamental é que os indivíduos pertencentes ao grupo social privilegiado em termos de *lócus* social consigam enxergar as hierarquias produzidas a partir desse lugar e como esse lugar impacta diretamente na constituição dos lugares dos grupos subalternizados.

Dessa forma, inferimos que não é desconexo o professor branco está incluído nessas discussões, desde que ele se situe muito bem qual seu lugar social, na sociedade brasileiro, o negro vivencia o racismo como objetos da opressão e o branco como quem se beneficia desse sistema opressor. De acordo com os marcadores sociais que atravessam o indivíduo, ele vai se mostrando qual lugar social ele ocupa.

Portanto, destacamos a necessidade de maior engajamento de pessoas brancas e das instituições lideradas por elas comprometidas com justiça social diante da luta antirracista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos inferir nos resultados da presente pesquisa que a origem familiar, o território e classe social dos discentes, bem como sua identidade racial traz implicações para seu acesso ao ensino superior, mesmo que opte pelo ensino público tende a enfrentar barreiras de acesso à educação superior devido aos fatores citados anteriormente. Quando os discentes relatam suas motivações para a escolha da graduação é possível perceber como sua classe social e território é determinante para seu destino.

Os alunos chegam ao curso superior sem muita expectativa acerca da temática étnico racial, fruto de uma educação básica cheias de lacunas nesse aspecto, então, isso se manifesta nas suas expectativas positivas na entrada para o ensino superior, além disso, o componente curricular Educação Física ainda é muito atrelado a vertente esportiva, apesar do esporte coletivo ou individual ser palco de várias ocorrências de racismo, ainda é pouco usada como artificio educativo para o combate ao racismo.

Na graduação de Licenciatura em Educação Física do IFCE/Campus Juazeiro do Norte não há ausência, mas há ineficiência no trato de conteúdos étnicos raciais, no que tange busca da valorização cultura negra que ressalta a contribuição africana na formação da sociedade brasileira, assim como aspectos relacionados a superação do racismo, dessa maneira, a pauta étnico racial fica à mercê da predisposição de alguns professores do campus. Ao caminhar da análise vemos que tal circunstância reflete no fazer docentes dos licenciandos pesquisados que estão na fase final de sua graduação.

A educação física enfrenta muitos paradigmas que não dizem respeito apenas ao trato de conteúdos étnicos raciais ainda vemos o componente curricular sendo ministrado por professores sem habilitação, bem como uma incompreensão por parte da comunidade escolar do que é a educação física e sua importância no desenvolvimento do aluno.

A partir dessa pesquisa abrimos discussões significativas dentro de um curso que historicamente muito contribuiu com a supremacia branca, fato que configurou um lugar de distanciamento da temática racial, a ponto de ter um currículo que não abrange as problemáticas sociais da população negra de forma efetiva. O presente estudo também contribui com a formação de professores, à medida que gera a reflexões acerca do que se passa em um curso de licenciatura, vale frisar que essa chaga aberta deixada pelo eugenismo precisa ser superado dentro da educação física, entretanto, a herança da era escravocrata não é um problema exclusivo da licenciatura em educação física afeta também outras áreas.

Portanto, na pesquisa formação contribuímos com a superação do racismo no Brasil, de modo que vislumbramos um novo horizonte para Educação Física Escolar através de debates, leituras críticas e produto educacional na configuração de cartilha.

Os limites do estudo surgem primeiramente na escolha da sua população e amostra, quando escolhemos ouvir os discentes do curso de educação física nos limitamos a ouvir uma única versão, então uma possibilidade de novos estudos seria ouvir o que os professores têm a dizer sobre os questionamentos realizados na presente pesquisa, é possível reaplicar as mesmas indagações.

A dissertação aqui apresentada aos leitores, foi um exercício de ampliar o debate sobre o racismo na educação física, de modo que as questões aqui tratadas fomentam não só a formação dos professores e interessados que a leem, mas principalmente compõem meu percurso formativo, contribui com meu desenvolvimento profissional. Os desafios da adesão do público a pesquisa formação disfarçada na falta de interesse, na falta de tempo etc. evidencia o epistemicídio, que segundo Carneiro (2005) é para além da anulação de um processo existente introdução da cultura; pela negação acessar educação, sobretudo de qualidade; na produção da inferioridade intelectual.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Yohana Maria Monteiro Augusto de; NOGUEIRA, Rafaelly Carneiro dos Santos. **Formação Profissional e Desafios Pedagógicos Na Aplicabilidade Da Lei Nº 11.645/ 2008**. Disponível em: ANAIS (urca.br) Acesso em 22 de junho 2022.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** –Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

ALVES, Maria Kellynia Farias. **A Didática Afrorreferenciada Entra Na Roda: Experiências Com EJA E Formação De Professores**. Disponível em: VII-Artefatos-CNegra-2016-Anais.pdf (urca.br). Acesso em 16 de junho 2022.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. Companhia das Letras, 2022.

BESERRA, Raquel Carine Martins; MESQUITA, Antônia Edivania Conrado de **"Todos Nós Somos Iguais, Tem Nada De Diferente". Práticas Pedagógicas E Cultura Negra, Nas Narrativas De Educadoras Em Fortaleza** Disponível em: VII-Artefatos-CNegra-2016-Anais.pdf (urca.br). Acesso em 16 de junho 2022.

BEZERRA, Francisco Anderson Varela. **As Relações Étnico-Raciais E A Lei Nº 10.639/03 Nas Questões De Ensino-Aprendizagem: História, Cultura, Identidade Negra E As Competências Para Um Ensino Multicultural**. Disponível em: ANAIS (urca.br) Acesso em 22 de junho 2022.

BEZERRA, Joel Alves; FERREIRA NETO, José Olímpio. **Roda De Leitura De Cordéis E Cantigas De Capoeira Como Espaço De Formação E Memórias.** Disponível em: Anais 2018 – Artefatos da Cultura Negra (urca.br).

BRACHT, Valter; ALMEIDA, Felipe Quintão. A política de esporte escolar no Brasil: a pseudovalorização da educação física. **Revista brasileira de ciências do esporte**, v. 24, n. 3, 2003.

CARVALHO, Ana Cláudia. **As Relações Raciais e a Formação Docente em Educação Física No Brasil:** O Que Diz a Legislação? Dissertação. Universidade Federal De São João Del-Rei. 2014.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. . Acesso em: 09 nov. 2023.

COSTA, J. F. Da cor ao corpo: a violência do racismo. In: SOUZA, N. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Graal; 1983.

CUNHA JUNIOR, H. Bairros Negros: Ruptura Epistêmica Do Pan-Africanismo No Brasil. **Revista de Extensão da UNIVASF**, Petrolina, volume suplementar, n. 2, p. 71-88, 2021.

DE SOUZA UGAYA, Andresa; GALLARDO, Jorge Sergio Pérez. Dança nas aulas de educação física: A percepção de professores supervisores do PIBID. **Cadernos de Formação RBCE**, v. 9, n. 1, 2019.

DUARTE, Thiago Melo. **A Trajetória De Enfrentamento Social Do Projeto Capoeira Nas Escolas: Campina Grande-PB**. Disponível em: Caderno de Anais – XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra | Caderno de Anais – XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra | ebooks (ufca.edu.br).

DUARTE, Thiago Melo. **Modos De Educar, Formas De Resistência: A Capoeira Como Educação Informal (2003-2017)**. Disponível em: Caderno de Anais – XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra | Caderno de Anais – XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra | ebooks (ufca.edu.br).

GABRIEL, João Victor da Silva; CARVALHO, José Ivanildo Felisberto de. **Jogo Igba-Ita: Saberes Africanos No Chão Da Sala De Aula De Matemática**. Disponível em: Caderno de Anais – XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra | Caderno de Anais – XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra | ebooks (ufca.edu.br).

GAYA, Adroaldo Cezar Araújo. O Pós-graduação e a formação de professores de educação física no Brasil. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 31, p. 71-75, 2017.

GONSALVES, E. P. **Iniciação à pesquisa científica**. Campinas, SP> Alínea, 2001.

GOMES, N. L. **Corpo e cabelo como ícones de construção da beleza e da identidade negra nos salões étnicos de Belo Horizonte.** 2002. Tese (Pós-graduação em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

GUERRA, Elaine Linhares de Assis. **Manual Pesquisa Qualitativa**. Belo Horizonte. Grupo Anima Educação.2014

GUIMARÃES, Cícera Luana do Nascimento; QUEIROZ, Zuleide Fernandes. **A Importância Do Estudo Da Cultura Afro Na Escola E.E.I. F Antônio Antuérpio Gonzaga De Melo, Localizada Na Cidade De Crato-Ceará** Disponível em: VII-Artefatos-CNegra-2016-Anais.pdf (urca.br). Acesso em 16 de junho 2022

LIMA, Wilame da Silva. **A Capoeira Como Ferramenta Pedagógica Para Se Trabalhar Africanidades Em Sala De Aula**. Disponível em: VII-Artefatos-CNegra-2016-Anais.pdf (urca.br). Acesso em 16 de junho 2022.

LIRA, Beatriz Gonçalves de. **Identidade negra e juventude:** um olhar sobre o corpo negro na escola. 2019. TCC - (Licenciatura em Educação Física) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, Campus Juazeiro do Norte, 2018.2. Orientador (a): Profa. Ma. Amanda Raquel Rodrigues Pessoa. Disponível em: biblioteca.ifce.edu.br/index.asp?codigo_sophia=81720.

MANZINI, E. J. **A entrevista na pesquisa social.** Didática, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.

MATA, Natalia Maria Oliveira; MARTINS, Emanuel Pereira; PEREIRA, Pedro Bruno de Lima; SANTOS, Eliane Costa. **A Etnomatemática Na Formação Inicial De Docentes: Contribuições No Curso De Pedagogia Da Unilab**. Disponível em: ANAIS (urca.br) Acesso em 22 de junho 2022.

MARTINS, Paulo Maciel Cordeiro; CARMO, Luiz Carlos do. Formação De Professores De Educação Física E O Ensino Da História E Cultura Afro-Brasileira E Indígena Na RC/UFG. **VII ENALIC**. Disponível em: http://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/51448. Acesso em 29 de julho de 2021.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. Análise Textual Discursiva: Processo Reconstrutivo De Múltiplas Faces. **Ciência & Educação**, v. 12, n. 1, p. 117-128, 2006.

MÜLLER, Tânia MP; CARDOSO, Lourenço. **Branquitude: estudos sobre a identidade branca no Brasil**. Appris Editora e Livraria Eireli-ME, 2018.

MUNANGA, Kabengele. Negritude e identidade negra ou afrodescendente: um racismo ao avesso? **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, v. 4, n. 8, p. 06-14, 2012.

NOBRE, Robério Ferreira; LEMOS, Sebastiana Micaela Amorim; ALENCAR, Luciano Moreira. **Relações Étnico-Raciais E A Formação Docente Na Universidade Regional Do Cariri – URCA**. Disponível em: viii-anais-cultura-negra-2017.pdf (urca.br). Acesso em 18 de junho 2022.

NÓBREGA, Carolina Cristina dos Santos. **Educação antirracista no município de São Paulo:** análise das experiências pedagógicas na área de educação física escolar / Carolina Cristina dos Santos Nobrega. – Guarulhos, 2019. 216 f.

NUNES, Ranchimit Batista. **História Da Educação Brasileira:** O Negro No Processo De Constituição E Expansão Escolar. XXII Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste (EPENN). 2014.

OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda de (Org.). **Educação do Corpo na Escola Brasileira.** – Campinas, SP: Autores Associados, 2006 (Coleção Educação Física e Esportes).

PEREIRA, Najla Almeida Marques; ALVES, Maria Kellynia Farias.**Formação De Professoras(es) Para Relações Étnico-Raciais: Perspectivas Para O Currículo Da Formação Inicial**. Disponível em: Caderno de Anais – XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra | Caderno de Anais – XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra | eBooks (ufca.edu.br).

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. Como ser um educador antirracista. **São Paulo: Planeta do Brasil**, 2023.

RANGEL, Irene Conceição Andrade; DARIDO, Suraya Cristina. **Educação Física na Escola:** implicações para a prática pedagógica – Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.
RANGEL, Irene Conceição Andrade. Esporte na escola: mas é só isso, professor?. **Motriz. Journal of Physical Education. UNESP**, p. 25-31, 1995.

RIBEIRO, Denise Aparecida Enes; NOGUEIRA, José Augusto Pereira. **O Jogo Mancala – Uma Proposta Interdisciplinar Para Uma Abordagem Em História Da Matemática**. Disponível em VII-Artefatos-CNegra-2016-Anais.pdf (urca.br). Acesso em 16 de junho 2022.

RODRIGUES, João Marcos de Souza; SANTOS, Risomar Alves dos. **Uma Perspectiva Afrocentrada Na Formação Do Pedagogo Da UFCG**. Disponível em viii-anais-cultura-negra-2017.pdf (urca.br). Acesso em 18 de junho 2022.

SCHUCMAN, L. V.; MANDELBAUM, B.P. H.; Fachim, F. L. Minha mãe pintou meu pai de branco: afetos e a negação da raça em famílias interraciais**. Revista de Ciências HUMANAS,** Florianópolis, v. 51, n. 2, p. 439-455, jul-dez 2017.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade:** uma introdução às teorias do currículo. Autêntica, 2011.

SILVA, A. L. S. **A perfeição expressa na carne:** a educação física no projeto eugênico de Renato Kehl – 1917 a 1929. 2008. Dissertação (Pós-graduação em Ciências do Movimento Humano) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

SILVA, Edileusa Francisca da; DOMINGOS, Reginaldo Ferreira. **Lei 10.639 De 2003: Formação Continuada E Reconhecimento Da História E Cultura Africana E Afro-Brasileira**. Disponível em: X-Artefatos-CNegra-2019-Anais.pdf (urca.br).

SILVA, José Willyam de Sousa; LEITE, Indianara Rodrigues; SIMÕES NETO, José de Caldas. **Empoderamento Afro-Brasileiro No Esporte: Uma Revisão Sistemática** Disponível em: viii-anais-cultura-negra-2017.pdf (urca.br). Acesso em 18 de junho 2022.

SILVA, Marcia Maria Souza; SILVA, Saara Madalena Gonçalves da. **Educação Infantil E O Ensino De Capoeira Angola: A Experiência Do Eixo Matrizes Africanas-Ciadi.** Disponível em viii-anais-cultura-negra-2017.pdf (urca.br). Acesso em 18 de junho 2022.

SILVA, Bárbara Rainara Maia; CRUZ, Silvia Helena Vieira. **A Formação Inicial Docente Para O Trabalho Com As Relações Étnico-Raciais Na Educação Infantil: Reflexões Sobre O Curso De Pedagogia Da UFC.** Disponível em: Caderno de Anais – XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra | Caderno de Anais – XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra | eBooks (ufca.edu.br).

SILVA, Edileusa Francisca da; MONTE, Suzana Maria Amorim do; DOMINGOS Reginaldo Ferreira. **Lei 10.639/2003: A Formação Continuada, As Mídias E O Imagético Na Formação Da Identidade Negra**. Disponível em: Caderno de Anais – XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra | Caderno de Anais – XI Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra | eBooks (ufca.edu.br).

SILVA, Maria Eliene Magalhães da. **Formação De Professores: Construção De Jogos E Contos Com Uso Do Vocabulário De Matriz Africana Bantu A Orelha Vai À Escola Todos Os Dias Provérbio Da Guiné-Bissau**. Disponível em: VII-Artefatos-CNegra-2016-Anais.pdf (urca.br). Acesso em 16 de junho 2022.

SILVA, Francisco Orismidio Duarte da; SILVA, Josier Ferreira da; NUNES, Cícera. **A Capoeira Na Escola De Educação Profissional: Outras Possibilidades De Ensino E Aprendizagens**. Disponível em: X-Artefatos-CNegra-2019-Anais.pdf (urca.br).

SILVA, Izabele de Souza; GOMES, Maria Cintia; SIQUEIRA, Luiz Carlos Carvalho. **Jogos E Brincadeiras: Uma Proposta De Educação Das Relações Étnico-Raciais No Ensino De Geografia**. Disponível em: X-Artefatos-CNegra-2019-Anais.pdf (urca.br).

SOARES, Carmem Lucia. **Imagens da Educação no Corpo:** estudo a partir da ginástica francesa no século XIX. 3° ed. – Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

SOUZA, Poliana Freire da Rocha. **O Negro E A Educação Física: Uma Discussão A Luz Da Lei Nº 12.711 De 29 De Agosto De 2012**.Disponível em: VII-Artefatos-CNegra-2016-Anais.pdf (urca.br). Acesso em 16 de junho 2022.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional** / Maurice Tardif. 8.ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

_____. Afrodescendência e Africanidades: Um dentre os diversos enfoques possíveis sobre a população negra no Brasil. Interfaces de Saberes (FAFICA. Online). v. 1, p. 14- 24, 2013.

_____. Conselho Nacional de Educação. Parecer n. 003, de 10 de março de 2004a. Diário Oficial da União, Brasília, 19 de maio de 2004 a.

_____. Conselho Nacional de Educação. Resolução n. 01, de 17 de junho de 2004b. Diário Oficial da União, Brasília, 22 de junho de 2004b, seção 1, p. 11.

_____. Conselho Nacional de Educação. Parecer n. 0058, de 18 de fevereiro de 2004c. Diário Oficial da União, Brasília, 19 de março de 2004c.

_____. Conselho Nacional de Educação. Resolução n. 07, de 31 de março de 2004d. Diário Oficial da União, Brasília, 05 de abril de 2004d, seção 1, p. 18.

_____. https://ensinarhistoria.com.br/mulheres-africanas-rainhas-guerreiras-e-lideres-espirituais/ - Blog: Ensinar História - Joelza Ester Domingues.

APÊNDICES

Apêndice A - Ficha de inscrição Minicurso Educação Física Antirracista

Ficha de Inscrição Minicurso Educação Física Antirracista

O minicurso Educação Física Antirracista faz parte de uma pesquisa ação desenvolvida pela Prof. Beatriz Lira no MPEDU/URCA tendo como objetivo promover a educação para as relações étnico raciais e elaboração de uma proposta de ensino antirracista para os diferentes conteúdo da Educação Física.

* Indica uma pergunta obrigatória

1. E-mail *

2. WhatsApp (com DDD) *

3. Qual curso e semestre você está atualmente? *

Marcar apenas uma oval.

- ◯ S1 - Licenciatura em Educação Física
- ◯ S2 - Licenciatura em Educação Física
- ◯ S3 - Licenciatura em Educação Física
- ◯ S4 - Licenciatura em Educação Física
- ◯ S5 - Licenciatura em Educação Física
- ◯ S6 - Licenciatura em Educação Física
- ◯ S7 - Licenciatura em Educação Física
- ◯ S8 - Licenciatura em Educação Física

4. Qual sua autodeclaração racial? *

Marcar apenas uma oval.

- ◯ Preto
- ◯ Branco
- ◯ Pardo
- ◯ Indigena
- ◯ Amarelo

5. O curso acontecerá presencialmente, dessa maneira qual seria o melhor dia e horário para nossas aulas?

Marcar apenas uma oval.

- ◯ Segunda e quarta - Manhã
- ◯ Terça e quinta - Manhã
- ◯ Segunda e quarta - Tarde
- ◯ Terça e quinta - Tarde

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

Apêndice B - TCLE

GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ
SECRETARIA DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA - SECITECE
UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - URCA
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, **Beatriz Gonçalves De Lira**, RG 2008167859-7, Universidade Regional Do Cariri-URCA estou realizando uma pesquisa intitulada **Educação Física Escolar E Os Problemas Sociais Da População Negra: Uma Proposta De Ensino Para As Relações Raciais Em Uma Abordagem Antirracista**, que tem como objetivo geral - Analisar o tratamento destinado as relações étnico raciais no percurso formativo dos graduandos do curso de Licenciatura em Educação Física do IFCE/Campus Juazeiro do Norte com vista a formular uma proposta pedagógica para o ensino antirracista para as aulas de Educação Física, tendo como objetivos específicos: Identificar na formação inicial dos discentes da Licenciatura em Educação Física como foi abordada a temática racial; Realizar uma pesquisa-formação junto aos graduandos a fim de elaborar um material didático para o ensino antirracista para diferentes conteúdos de Educação Física no ensino médio. Para isso, estou desenvolvendo uma pesquisa-formação que consta das seguintes etapas: levantamento bibliográfico, minicurso, análise e discussões e defesa da dissertação.

Por essa razão, o(a) Sr.(a) está sendo convidado(a) a participar dessa pesquisa. Sua participação consistirá em frequentar o minicurso Educação Física Antirracista, bem como ter participação ativa nas rodas de conversas, narrativas reflexivas, construção coletiva do material didático em sala de aula e/ou virtualmente. Os procedimentos citados anteriormente poderão trazer alguns os riscos para o(a) Senhor(a) e incluem: (I) perguntas que possam causar desconfortos ou remetam a situações desagradáveis vividas e (II) vazamento de áudios e vídeos. Estes aspectos serão minimizados com configurações de segurança e sigilo das informações. Os benefícios esperados com o estudo são no sentido de promover a reflexão sobre a relações étnico raciais do país, bem como a promoção da igualdade racial através de uma educação antirracista.

Todas as informações que o(a) Sr.(a) nos fornece serão utilizadas somente para esta pesquisa. Suas respostas, dados pessoais, serão confidenciais e seu nome não aparecerá nos(as) questionários, material audiovisual gravado, e nem quando os resultados forem apresentados.

A sua participação em qualquer tipo de pesquisa é voluntária. Caso o(a) Sr.(a) aceite participar, não receberá nenhuma compensação financeira. Também não sofrerá qualquer prejuízo se não aceitar ou se desistir após ter iniciado o minicurso Educação Física Antirracista.

Se tiver alguma dúvida a respeito dos objetivos da pesquisa e/ou dos métodos utilizados, pode procurar Beatriz Gonçalves de Lira pelo telefone: (88) 9 9242-2294 e/ou E-mail: beatriz.lira@urca.br, bem como na sala 32, Bloco D no IFCE/Campus Juazeiro do Norte, nas quintas feiras às 8h às 12h. Se desejar obter informações sobre os seus direitos e os aspectos éticos envolvidos na pesquisa poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa - CEP, da Universidade Regional do Cariri, localizado à Rua Coronel Antônio Luiz, 1161, 1º andar, Bairro Pimenta, CEP 63.105-000, telefone (88) 3102.1212, ramal 2424, Crato CE.

Se o(a) Sr.(a) estiver de acordo em participar deverá preencher e assinar o Termo de Consentimento Pós-esclarecido que se segue, e receberá uma cópia deste Termo.

TERMO DE CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

Pelo presente instrumento que atende às exigências legais, o Sr.(a)_____ declara que, após leitura minuciosa do TCLE, teve oportunidade de fazer perguntas, esclarecer dúvidas que foram devidamente explicadas pelos pesquisadores, ciente dos serviços e procedimentos aos quais será submetido e, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e explicado, firma seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO em participar voluntariamente desta pesquisa.

E, por estar de acordo, assina o presente termo.

Cidade, _____ de _____ de _____.

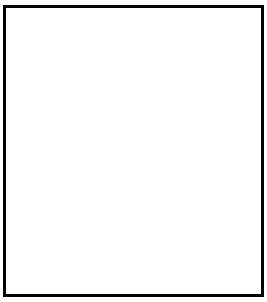
_____

Assinatura do participante

OU

_____

Representante legal



Impressão dactiloscópica

_____

Assinatura do Pesquisador

Apêndice C - Roteiro da Roda de Conversa

Roteiro da Roda de Conversa[30]

Tema 1 - O lugar do branco na luta antirracista

Video - Qual o lugar do branco na luta antirracista? | Lia Vainer Schucman | TEDxFloripa

Perguntas Norteadoras

- Qual sua autodeclaração?
- Você sendo branco, qual seria sua justificativa se questionada por estar em debates sobre a negritude?
- Qual sua contribuição para a pauta racial?

Tema 2: Racismo Sutil na comunicação

Cartilha Palavras Racistas - Programa Sesc e Senac da diversidade

Perguntas Norteadoras

- Já conheciam essa cartilha ou outro material similar?
- Já havia parado para pensar em tal vocabulário de forma crítica?

[30] Sujeito a alteração de acordo como a roda de conversa for desenvolvendo.

Apêndice D - Modelo do Material Didático

MODELO DO MATERIAL DIDÁTICO

Tema da aula:

Objetivos da aula:

Texto

Trazer um texto para explanar o tema da aula, bem como servir como apoio para resolução das questões abaixo.

Você sabia?

Trazer informações adicionais: uma curiosidade sobre a modalidade ou algum aspecto histórico que traga tom de novidade ao que será trabalhado, por exemplo destacar a trajetória de algum atleta etc.

Questões para discussão

Elaborar até 5 questões para debater sobre o tema proposto na aula.

Prática/Vivenciar?

Sugestão de 1 atividade prática sobre o tema (descrição e execução).

Referências Bibliográficas

Citar autores que utilizaram para a construção do material

Apêndice E - Roteiro da Narrativa Reflexiva

ROTEIRO DA NARRATIVA REFLEXIVA

1. De onde vim? Qual sua autodeclaração racial?
2. Como foi o processo de escolha em cursar Educação Física?
3. A pauta racial esteve/está presente na sua formação acadêmica? De que maneira?
4. Quando iniciou o curso de Educação Física já imaginava/esperava que teria disciplinas ou temáticas direcionadas a questões étnico-raciais?
5. Você considera que as discussões sobre as questões étnico-raciais devem ser restritas a algumas disciplinas ou ampliado?
6. O que sentiu nas primeiras experiências em sala?